

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – LINGUÍSTICA APLICADA
MESTRADO EM LETRAS

NARA ELIANE PEREIRA LEAL

**BATOM, GRAXA E SALTO ALTO: O DISCURSO
DAS MULHERES MECÂNICAS**

Pelotas/RS
Agosto de 2014

NARA ELIANE PEREIRA LEAL

**BATOM, GRAXA E SALTO ALTO: O DISCURSO
DAS MULHERES MECÂNICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística Aplicada – Texto, Discurso e Relações Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Terezinha do Amaral Campello

Pelotas/RS
Agosto de 2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L436b Leal, Nara Eliane Pereira
Batom, graxa e salto alto / Nara Eliane Pereira Leal. – Pelotas: UCPEL, 2014.
117f.
Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, BR-RS, 2014. Orientadora: Eliane Terezinha do Amaral Campello.
1. discurso. 2. curso técnico de Mecânica. 3mulheres. 4. relações de gênero. I.Campello, Eliane Terezinha do Amaral, or. II.Título.

CDD 401.41

NARA ELIANE PEREIRA LEAL

**BATOM, GRAXA E SALTO ALTO: O DISCURSO
DAS MULHERES MECÂNICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística Aplicada – Texto, Discurso e Relações Sociais.

Pelotas, 22 de Agosto de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Eliane Terezinha do Amaral Campello – UCPEL

Prof^ª. Dr^ª. Fabiane Villela Marroni – UCPEL

Prof^ª. Dr^ª. Renata Kabke Pinheiro – UFPEL

Dedicatória

*A Deus, pelo dom da vida e da sabedoria,
por ser presença constante ao meu lado,
por ter me guiando, me dado força e persistência
nos momentos de atribulação.*

AGRADECIMENTOS

À **minha mãe**, primeira educadora da minha vida, cuja origem simples, sem oportunidade de estudos, mas com força e determinação para vencer, agradeço por ter mantido em mim a chama do incentivo e da dedicação. Agradeço também por todas as renúncias que teve para que eu pudesse estudar, por ter me ensinado a andar destemidamente, por tudo que fez e ainda faz por mim;

à **minha maninha Renata**, agradeço pelo privilégio de poder compartilhar, dia após dia, seu desabrochar para a vida adulta, pelo carinho e amor recebidos durante o tempo em que me dediquei mais a esse trabalho do que, por vezes, a ela;

ao meu esposo, amigo, parceiro e companheiro, sempre disposto a colaborar com a realização de mais um projeto de vida, agradeço pela compreensão e apoio recebidos, mesmo quando não pude estar presente no cotidiano de coisas simples de nossa vida;

aos meus avós de coração, Nair e Dorval Castilho (*in memoriam*), dedico minha eterna gratidão pelo convívio, por nunca terem colocado limite nos meus sonhos e pelos ensinamentos e valores repassados, construindo a essência da minha personalidade;

à **amiga Rose**, agradeço pela amizade sincera, pelos momentos de alegria e distração e por compreender todas as minhas ausências durante essa trajetória;

ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, representados pelo Magnífico Reitor à época, Prof. Dr. Antônio Carlos Barum Brod, e ao atual Diretor-Geral do *Campus* Pelotas, Prof. Rafael Blank Leitzke, agradeço pela oportunidade de formação e qualificação profissional, pelo suporte financeiro e afastamento concedido logo após minha efetivação. Com carinho, às colegas de trabalho da Gestão de Pessoas do *Campus* Pelotas, agradeço pelo auxílio no desempenho das tarefas e flexibilização de horários, tornando possível a conciliação da atividade profissional com os estudos. Pelo auxílio nas questões administrativas do projeto de afastamento, agradeço à colega da CODEPE, Patrícia Barcellos. Com carinho, agradeço também aos colegas do DERA, pelo livre acesso aos registros acadêmicos, em especial, às queridas Olga e Graça, portadoras de palavras divinas e confortadoras, pelas conversas nos momentos de tensão emocional e pelo incentivo desde os primeiros passos acadêmicos;

à **querida companheira de estudos Lenita Vargas**, com quem partilhei expectativas, angústias e inquietações, agradeço pela convivência agradável, me recebendo com atenção e

carinho em seu lar durante a produção desta dissertação, mesmo após a conclusão do seu trabalho;

à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Eliane Campello, meus sinceros agradecimentos por ter me acolhido como orientanda, pelo olhar atento e criterioso com pertinentes observações, pela confiança depositada e pela dedicação a minha dissertação. Aos demais docentes do PPGL, agradeço pelos conhecimentos partilhados e pelas leituras e discussões enriquecedoras em sala de aula. Em especial, agradeço à Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, à época Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPEL, de quem tive o privilégio de ser aluna, pelo profissionalismo, atenção e delicadeza constantes, objetivando resolver, sempre, da melhor forma, todas as situações. Agradeço, também, aos funcionários do PPGL, pela gentileza e atendimento prestado;

agradeço a todas as mulheres da Mecânica que se dispuseram a participar de forma incondicional da pesquisa, partilhando suas trajetórias e ajudando sobremaneira na concretização do estudo.

Muito obrigada!!!

*“Agir, eis a inteligência verdadeira.
Serei o que quiser. Mas tenho que querer o que for.
O êxito está em ter êxito, e não em ter condições de êxito.
Condições de palácio tem qualquer terra larga, mas
onde estará o palácio se não o fizerem ali?”*

Fernando Pessoa

RESUMO

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, tem por objetivo geral investigar as determinações sócio-histórico culturais e ideológicas relativas à presença feminina no âmbito da educação profissionalizante de nível médio do Curso Técnico de Mecânica do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), *Campus* Pelotas. Os objetivos específicos visam a apresentar ocorrências relativas à educação formal das mulheres no viés da história e a explicitar o legado da cultura técnica e tecnológica, por meio de uma descrição da presença do IFSul e do curso de Mecânica na cidade de Pelotas. O trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro, após as considerações a respeito da educação escolarizada das mulheres, realizo a apresentação da Instituição; no segundo, discorro acerca da fundamentação teórica, com ênfase na Análise Crítica do Discurso (ACD) e nos estudos de gênero; no terceiro, descrevo os mecanismos de pesquisa e realizo a análise. O *corpus* é composto pelas respostas obtidas por meio de entrevistas enviadas por e-mail a treze mulheres, egressas e ingressantes da Mecânica, curso concebido originalmente como um espaço predominantemente masculino. A entrevista é composta de questões que remetem aos contextos familiar, escolar e profissional. A análise dos textos das alunas, a partir da materialidade linguística, indica os principais aspectos discursivos no que concerne à discriminação e/ou preconceito em relação à escolha do curso, os obstáculos e constrangimentos experimentados (ou não) durante o mesmo, bem como as expectativas das ingressantes e a inserção das egressas no mercado de trabalho. A predominância (ou não) de uma visão estereotipada e dicotômica em relação ao gênero social possibilita a reflexão acerca das implicações e sentidos atribuídos à educação de mulheres vinculada à área científica e tecnológica. Será possível harmonizar graxa com batom e salto alto no desempenho de uma profissão considerada bruta e racional?

Palavras-chave: discurso; curso técnico de Mecânica; mulheres; relações de gênero.

RESUMEN

Esta investigación, de carácter cualitativo, tiene como objetivo general investigar las determinaciones socio-históricas culturales e ideológicas relativas a la presencia femenina en el ámbito de la educación profesional de nivel medio del Curso Técnico de Mecánica del Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), *Campus* Pelotas. Los objetivos específicos consisten en presentar sucesos referentes a la educación formal de las mujeres a través de la historia y explicitar el legado de la cultura técnica y tecnológica, por medio de una descripción de la presencia del IFSul y del curso de Mecánica en la ciudad de Pelotas. El trabajo se divide en tres capítulos: en el primero, luego de las consideraciones sobre la educación escolarizada de las mujeres, realizo la presentación de la Institución; en el segundo, discurro a cerca de la fundamentación teórica, con énfasis en el Análisis Crítico del Discurso (ACD) y en los estudios de género; en el tercero, describo los mecanismos de investigación y realizo el análisis. El *corpus* se compone de las respuestas obtenidas por medio de entrevistas enviadas por e-mail a trece mujeres, egresas e ingresantes del curso de Mecánica, curso concebido originalmente como un espacio predominantemente masculino. La entrevista se compone de cuestiones que remiten a los contextos familiar, escolar y profesional. El análisis de los textos de las alumnas, a partir de la materialidad lingüística, indica los principales aspectos discursivos, en lo que respecta a la discriminación y/o preconcepción con relación a la elección del curso, los obstáculos y vergüenzas experimentados (o no) durante el mismo, así como las expectativas de las ingresantes y la inserción de las egresas en el mercado laboral. El predominio (o no) de una visión estereotipada y dicotómica con relación al género social posibilita la reflexión a cerca de las implicaciones y sentidos atribuidos a la educación de mujeres vinculada al área científica y tecnológica. ¿Será posible armonizar grasa con lápiz de labio y tacos altos en el desempeño de una profesión considerada bruta y racional?

Palabras clave: discurso; curso técnico de Mecánica; mujeres; relaciones de género.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Fachada frontal da Escola Técnica de Pelotas (1962)..... | 27 |
| Figura 2 – Fachada frontal do <i>Campus</i> Pelotas | 28 |
| Figura 3 – Possante da ETP, antigo logotipo do Curso de Mecânica..... | 34 |
| Figura 4 – Atual logotipo do Curso de Mecânica..... | 34 |
| Figura 5 – Concepção tridimensional do discurso..... | 40 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 – Representação gráfica das entrevistadas egressas | 53 |
| Gráfico 2 – Representação gráfica das entrevistadas ingressantes | 79 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Cursos ofertados no <i>Campus</i> Pelotas, modalidades e formas de ensino | 29 |
| Quadro 2 – Alunas egressas e ingressantes por Curso Técnico do <i>Campus</i> Pelotas..... | 31 |
| Quadro 3 – Composição do corpo docente..... | 35 |
| Quadro 4 – Estrutura do Curso de Mecânica..... | 36 |
| Quadro 5 – Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional..... | 41 |
| Quadro 6 – Representatividade feminina por ano de formatura..... | 53 |
| Quadro 7 – Representatividade feminina por ano de ingresso | 79 |
| Quadro 8 – Dados e contextos..... | 94 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------------|--|
| ACD | Análise Crítica do Discurso |
| CEFET-RS | Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas |
| CIA. | Companhia |
| CTG | Centro de Tradições Gaúchas |
| DESILAB | Diretório Estudantil Ildemar Bonat |
| EaD | Educação a Distância |
| EAO | Escola de Artes e Offícios |
| EBTT | Ensino Básico, Técnico e Tecnológico |
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |
| ENCs | Exame Nacional de Cursos |
| ETFPEL | Escola Técnica Federal de Pelotas |
| ETP | Escola Técnica de Pelotas |
| IFSul | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense |
| IPT | Instituto Profissional Técnico |
| MEC | Ministério da Educação e Cultura |
| PROEJA | Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos |
| PROFUNCIONÁRIO | Programa de Formação Inicial em Serviço dos Profissionais da Educação Básica dos Sistemas de Ensino Público |
| SIE-E | Serviço de Integração Escola-Empresa |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| 1. MULHERES MECÂNICAS..... | 18 |
| 1.1 A EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA DAS MULHERES | 18 |
| 1.2 O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE (IFSul) | 26 |
| 1.3 O CURSO DE MECÂNICA DO <i>CAMPUS</i> PELOTAS | 33 |
| 2. ENGRENAGEM TEÓRICA..... | 38 |
| 2.1 PREMISSAS DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ACD)..... | 38 |
| 2.2 ESTUDOS DE GÊNERO..... | 44 |
| 3. MECANISMOS DE ANÁLISE..... | 48 |
| 3.1 EGRESSAS | 52 |
| 3.1.1 E-1 | 54 |
| 3.1.2 E-2 | 56 |
| 3.1.3 E-3 | 61 |
| 3.1.4 E-4 | 65 |
| 3.1.5 E-5 | 67 |
| 3.1.6 E-6 | 70 |
| 3.1.7 E-7 | 73 |
| 3.1.8 E-8 | 76 |
| 3.2 INGRESSANTES..... | 79 |
| 3.2.1 I-1 | 80 |
| 3.2.2 I-2 | 83 |
| 3.2.3 I-3 | 85 |
| 3.2.4 I-4 | 88 |
| 3.2.5 I-5 | 90 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 93 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 100 |
| ANEXOS | 103 |

INTRODUÇÃO

As questões a respeito do gênero feminino nasceram das interrogações e inquietudes alimentadas durante minha formação acadêmica em Direito, ao trazer à tona debates acerca do acesso das mulheres a todas as categorias profissionais. Tal questionamento se avolumou, posteriormente, ao cursar disciplinas no PPGL da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) que apontavam para a construção de relações paritárias de gênero e para a participação das mulheres no poder, desvencilhando-me de ideários internalizados e transformando minha visão de mundo como mulher.

Concomitantemente, a observação do histórico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), cenário empírico desta pesquisa, despertou minha atenção para questões de gênero no que concerne à presença (ou não) de mulheres nos cursos técnicos de nível médio oferecidos. Criado sob a ótica masculina, o IFSul conta com um sistema de educação profissional de reconhecida valia pela comunidade local e regional, devido à qualidade do ensino e à consequente formação de técnicos industriais competentes, tendo tornado-se, tradicionalmente, um espaço majoritariamente frequentado por estudantes do sexo masculino.

Instigavam-me também as conversas informais com amigos e familiares (ex-alunos) e com colegas de trabalho sobre a trajetória institucional, pois percebi, mediante verificação *in loco* como servidora da Instituição que, embora as mulheres estejam inseridas num universo de inúmeras possibilidades profissionais, inclusive ocupando espaços anteriormente destinados aos homens, elas têm ínfima representatividade em determinadas áreas técnicas ofertadas pela Instituição, tendendo a serem “invisíveis”. Entretanto, a reduzida presença feminina é vista como algo normal no meio escolar [dos IFs], por conta de um “simbolismo” histórico no qual a área da ciência e tecnologia é apontada como sendo de domínio masculino, fato que impulsionou meu desejo de compreensão sobre as relações de gênero na educação profissional.

Entre essas áreas, o Curso de Mecânica aparece como um dos que se consolidou neste sentido. Em consequência, esta pesquisa¹ utiliza os dados referentes a este curso, por ser o primeiro de ensino profissional de nível médio, implantado em 1954 na antiga Escola Técnica de Pelotas (ETP), posteriormente transformada em IFSul, do qual faz parte o *Campus Pelotas*

¹ O título da dissertação foi inspirado no artigo “Graxa e batom: por que não? A empregabilidade de mulheres com formação técnica na área de indústria”, de Maria Aparecida de Carvalho (2012).

e por ter constatado a inexistência de mulheres no curso até início dos anos 70, persistindo até o presente uma distância significativa entre os matriculados do sexo masculino e do feminino, caracterizando-o como um espaço eminentemente masculino e acentuando a distinção social de gênero.

Para caracterizar a predominância masculina, apresento dados quantitativos relativos às alunas egressas e ingressantes de seis cursos técnicos de nível médio historicamente mais procurados no *Campus* Pelotas, dando atenção especial ao de Mecânica. Neste trabalho, o *corpus* de análise é constituído pelas respostas a um questionário individual aplicado via e-mail às alunas egressas e ingressantes do Curso de Mecânica, com vistas a coletar depoimentos. Deste modo, através dos objetivos específicos pretendo, por meio da análise linguístico-discursiva:

- buscar o legado da cultura técnica e tecnológica da escola, com ênfase nos dados relativos ao Curso de Mecânica;
- detectar marcas linguísticas que viabilizem (re)interpretar o discurso acerca das injunções sócio-históricas e dos valores ideológicos vinculados à formação técnica das mulheres.

Para o desenvolvimento da ideia proposta, este trabalho foi estruturado conforme explicitado a seguir. No primeiro capítulo, recorro a noções acerca da educação escolarizada das mulheres, da história do IFSul e dos cursos profissionalizantes ofertados por esta Instituição. Para tanto, utilizo como subsídio a dissertação de Ceres Mari da Silva Meireles apresentada em 2003 ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (FAE/UFPEL), intitulada “Educação profissional: uma visão histórica sobre o processo de criação, fins e princípios da Escola Técnica Federal que tornou Pelotas centro de referência”. Nesta seção, também é apresentado o Curso de Mecânica do *Campus* Pelotas, a fim de contextualizar o meio no qual as entrevistadas estão inseridas.

O segundo capítulo, que precede a metodologia utilizada no trabalho e o percurso adotado na realização das entrevistas, se dedica ao referencial teórico que dá embasamento ao estudo, sendo subdividido em dois segmentos em que discorro acerca da Análise Crítica do Discurso (ACD) e à perspectiva de gênero. Além da visão de Norman Fairclough (2001), recorro a outros teóricos que contribuem com conceitos fundamentais utilizados nos mecanismos analíticos. Esses são explicitados na primeira parte do terceiro capítulo, em que apresento as categorias da ACD, especialmente, vocabulário e gramática, subsidiadas por ferramentas de ocorrências linguísticas e conceitos como o de contexto, por exemplo. Na

parte subsequente, procedo à análise das respostas ao questionário de 8 egressas e de 5 ingressantes.

No terceiro capítulo faço a análise das entrevistas, observando as categorias selecionadas da ACD, especialmente, vocabulário e gramática. Subdivido-o em duas seções: a das egressas e a das ingressantes. Na análise é feito, ao mesmo tempo, um diálogo com os teóricos acima descritos, tendo em vista que o objetivo geral do estudo é investigar, a partir da análise dos discursos das alunas, as determinações sócio-histórico culturais e ideológicas envolvidas no âmbito da educação formal em curso técnico.

Nas considerações finais, sintetizo o resultado das análises dos discursos das alunas, a partir do levantamento de dados, os quais me permitem apresentar semelhanças e diferenças contextualizadas de acordo com os espaços familiar, escolar e profissional. Além disso, ao se confirmar ser o curso de Mecânica um universo predominantemente masculino, abre-se a possibilidade para uma reflexão de cunho social, histórico-cultural e ideológico integrada às relações sociais/institucionais, em que variáveis de gênero, classe, idade e etnia são determinantes para a formação técnica das mulheres e consequente desempenho profissional.

Deste modo, acredito que este trabalho poderá servir de parâmetro para o traçado do perfil, em termos de gênero, do Curso Técnico de Mecânica, a partir da concepção do corpo discente, no segmento feminino. Esse fator poderá contribuir para uma melhor compreensão da inclusão das mulheres no que diz respeito a sua educação formal, no âmbito da ciência e da tecnologia.

1 MULHERES MECÂNICAS

1.1 A EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA DAS MULHERES

Historicamente, a presença das mulheres no campo educacional brasileiro é um acontecimento que encontra ressonância nos anseios de liberdade e emancipação, além de representar um índice de progresso da sociedade.

No processo de escolarização, as mulheres trazem uma experiência bem definida e diferenciada da masculina no que se refere à aquisição dos saberes. Efeito das determinações culturais, o descompasso de oportunidades de gênero para homens e mulheres no sistema educacional, promove uma valorização hierárquica e dicotomizada de práticas sociais marcadas pela desigualdade de gênero, evidenciando relações de poder e de dominação (ROSEMBERG, 2001), na medida em que legitimam padrões culturais de “normalidade” e de comportamento diferenciados para um ou outro sexo, delimitando os papéis sociais que a mulher pode ou não desempenhar.

No período colonial, entre 1549 e 1758, o ensino foi ministrado por jesuítas que fundaram escolas² destinadas apenas à elite branca e masculina e, em suas missões religiosas, catequizaram e incluíram a leitura e a escrita na educação dos indígenas. As índias, entretanto, eram excluídas dessas atividades, pois “podiam, quando muito, educar-se na catequese”, na medida que aprendiam cânticos e orações, eram controladas pelos pais e maridos, preparadas para servi-los, para serem donas de casa e cuidar dos filhos (STAMATTO, 2002, p. 1-2).

Apesar da cultura da época, foram os próprios índios que perceberam esta discriminação, achando injusta a exclusão de suas filhas do sistema educacional. Por isso, pediram ao padre jesuíta Manuel da Nóbrega a entrada delas na escola de ler e escrever. Ele envia uma carta à Rainha de Portugal solicitando esta permissão, que lhe é negada, ante “[...] às ‘conseqüências nefastas’ que o acesso das mulheres indígenas [...]” poderiam representar.

A educação feminina processava-se informalmente, em casa, no cotidiano da vida, e acompanhava o fomento de idéias civilizadoras de uma ordem patriarcal sedimentada em uma sociedade que legava às mulheres o silêncio. Sob o fundamento de que carregavam os estigmas da fragilidade e da pouca inteligência, práticas sociais naturalizavam o papel das

² De acordo com Stamatto (2002, p. 2), a primeira escola de ler e escrever foi erguida por volta de 1549.

mulheres, restringindo-as ao espaço da casa. A negação de frequentar outros espaços mantinha as mulheres afastadas da educação formal³, não sendo permitido o acesso à escola, já que o conhecimento era propriedade do contingente masculino, pois, os homens, detentores do poder, disputavam o espaço público, enquanto as mulheres mantinham-se confinadas ao espaço da vida privada, não recebendo nenhuma educação além da aprendizagem doméstica e da instrução religiosa, o que favorecia o exercício do poderio masculino em detrimento do feminino (STAMATTO, 2002).

A exclusão feminina do processo educativo formal perdurou até meados do século XVIII, conforme Stamatto (2002). A orientação da época correspondia ao que era legitimado pelo Estado e pregado pela Igreja: as mulheres destinavam-se à vida religiosa, ao matrimônio, ao trabalho doméstico e escravo; para tanto, necessitavam de pouca ou nenhuma instrução escolar (p. 1-3). A partir da segunda metade deste século, o efetivo feminino, ainda cuidadosamente moldado pelas normas religiosas, foi paulatinamente incluído no processo educativo. Era o início, ao menos oficial, do ingresso das mulheres no espaço público: o magistério. A permissão para a frequência das alunas nas escolas régias⁴ condicionava que a instrução fosse feita separadamente por sexo: os professores lecionavam os meninos e, as professoras, as meninas. Entretanto, o público feminino ainda era restrito nos bancos escolares, pois particulares ainda lecionavam em seus lares, afirma a autora (p. 3-7).

Almeida e Boschetti (2012) destacam que a Igreja rejeitava a emancipação feminina sob o argumento de que “a mulher *excessivamente instruída* poderia esquecer-se da função reprodutiva [...]” (p. 229, grifos dos autores), reforçando a idéia de dominação. A partir da compreensão de que o ensino da moral se dava pela prática da virtude, ficava incorporado o dever de ser boa mãe e exemplo de conduta, empregando boas atitudes e sugerindo bons conselhos à prole; logo, da sua educação dependia o futuro da nação: “Deus – Pátria – Família, se constituiu na tríade de sustentação da sociedade brasileira” (p. 229), por isso a necessidade de que fossem bem educadas e instruídas. E, de modo a reafirmar este argumento, pregavam-se discursos conservadores e moralizantes de que cabia à mulher a missão de regenerar a sociedade. Considerada o pilar de sustentação da família, a precursora do progresso dos filhos, cabia-lhe o atributo social de educar e formar cidadãos dignos.

³ Os primeiros colégios de meninas foram fundados por congregações e ordens religiosas em 1735 (Bahia), 1849 (Minas Gerais) e 1858 (São Paulo). Eram conventos destinados às jovens que visavam à vida religiosa ou colégios em regimes de internato onde elas permaneciam até atingirem a idade de serem apresentadas à sociedade em busca de um bom casamento (ALMEIDA e BOSCHETTI, 2012, p. 229).

⁴ Sistema de ensino público das primeiras letras criado em Portugal, a cargo da Companhia de Jesus. No Brasil, as escolas públicas para meninos e meninas foram criadas “[...] como decorrência da política reformadora do Marquês de Pombal [...]” (ALMEIDA e BOSCHETTI, 2012, p. 226 e STAMATTO, 2002, p. 3-4).

Durante o século XIX, houve o aumento gradual da figura feminina nos educandários. Contudo, devido a séculos de abandono da educação, faltavam escolas e mestres. Foram, então, implantadas as primeiras instituições formadoras de docentes: as escolas normais (STAMATTO, 2002, p. 7). Almeida e Boschetti (2012) acrescentam que o ensino primário e a escola normal solidificaram “[...] a crença no poder transformador da educação” (p. 229), e sintetizam: “as mulheres passaram a se fazer cada vez mais presentes na instituição normalista e a procuravam para obter conhecimentos [...]” e “[...] ter uma profissão que lhes permitisse sobreviver com seu próprio rendimento” (p. 229). Entretanto, a distinção no tratamento das mulheres acentuava a discriminação. As condições diferenciadas se estendiam do método de instrução⁵ ao ingresso no mercado de trabalho, passando pelo exercício do magistério⁶.

Segundo Almeida e Boschetti (2012, p. 230), a educação escolarizada das mulheres, como estratégia na relação de poder deveria, ao mesmo tempo, ser domesticadora para que elas não transcendessem os limites impostos pela estrutura social, mantendo implícita, portanto, a noção de controle e manipulação. Assim, sob o mascaramento da vocação que lhes era inerente e que não atentasse contra a boa morigeração⁷, era permitido às mulheres de classe privilegiada, exercer o magistério; profissionalização voltada à condução moral e religiosa dos cidadãos e que, segundo destaca Almeida (1996, p. 74), representava uma extensão das funções domésticas e do papel materno. A docência, considerada uma maneira aceitável de sobrevivência, na medida em que não afastava totalmente a mulher do lar⁸ além de possibilitar certa autonomia financeira, pois se diferenciava de ocupações consideradas menores⁹.

Mas, não bastasse o domínio velado, o ofício da mulher que se dispunha a educar ainda era cercado de preconceitos, pois além de ser visto como subsidiário do trabalho masculino era contra a natureza feminina. Para ocupar a cadeira de docente, a mulher deveria

⁵ No currículo escolar, os conteúdos ministrados contemplavam as artes do lar para as meninas e o estudo de disciplinas racionais (como a geometria) para os meninos (RABELO e MARTINS, 2006, p. 6170). As aulas eram dadas em dias alternados e horários diferenciados, em salas separadas por muros ou prédios separados (STAMATTO, 2002, p. 7).

⁶ Comando masculino, trabalho feminino: no início do século e até os anos de 1930, a atuação da docente feminina se restringia a lecionar enquanto que os cargos administrativos e de liderança (como inspeção, supervisão, direção e ainda os mais altos como, por exemplo, secretário e ministro de educação) eram geridos pela figura masculina, detentora do saber técnico-científico (RABELO e MARTINS, 2006, p. 6172 e ALMEIDA e BOSCHETTI, 2012, p. 230).

⁷ A boa morigeração relacionava-se à moderação no modo de viver, à boa conduta, à idoneidade moral e aos bons costumes (RABELO e MARTINS, 2006, p. 6170).

⁸ Segundo as regulamentações vigentes, o exercício do magistério deveria ser realizado em um só turno, a fim de permitir a conciliação das atividades domésticas (situação que se manteve até os anos 70 do século XX). Esse argumento também justifica o reduzido salário pago às professoras (ALMEIDA, 1996, p. 74-5).

⁹ O ensino do magistério primário era uma alternativa ao matrimônio ou a profissões normalmente reservadas às mulheres de poucos recursos, como costureiras, governantas, parteiras e cozinheiras (ALMEIDA, 1996, p. 74).

apresentar-se com vestuário decente, já que a sua aparência atestava a sua conduta e, igualmente, atender exigências que atingiam sua vida privada, dando provas de sua moralidade e capacidade, conforme assinalam Rabelo e Martins (2006):

[...] às mulheres eram requisitadas condições diferenciadas que atestassem ainda mais a sua ética e seus bons costumes, como: certidão de casamento, se casada; certidão de óbito do cônjuge, se viúva; sentença de separação, para se avaliar o motivo que gerou a separação, no caso da mulher separada; vestuário “decente”. A mulher só poderia exercer o magistério público com 25 anos, salvo se ensinasse na casa dos pais e estes forem de reconhecida moralidade. Ou seja, todos poderiam realizar o curso de formação a partir dos 18 anos, mas havia uma diferenciação na hora de entrar no mercado de trabalho (p. 6171).

De acordo com Almeida (1996, p. 72), o final do século XIX foi marcado por movimentos feministas encabeçados por uma elite de mulheres cultas, letradas e com maior poder econômico que desafiaram a estrutura social vigente ao reivindicar o direito ao voto e ao acesso à cidadania, além de mais educação e instrução feminina, pois “do total de mulheres brasileiras, quase dois terços destas eram analfabetas [...]”, constata a autora (p. 73). Isso ocorria pelo grau de subordinação da mulher, já que a figura masculina estava em primeiro plano.

No cenário do início do século XX, o lugar da mulher no espaço social determinado pelo patriarcalismo era preferencialmente no lar; o que a deixava com pouca margem de decisão e com atuação restrita aos espaços públicos. Mas a presença do contingente masculino nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) acabou mudando costumes, superando hábitos e redistribuindo parte do poder às mulheres.

Notícias internacionais veiculadas pela imprensa mostravam uma movimentação de mulheres estrangeiras trabalhadoras do comércio, da indústria e dos mais variados setores do espaço público. Possivelmente, a partir deste período, as brasileiras passaram a vislumbrar um novo mundo, uma nova maneira de ser mulher, mais independente, pois “a semente estava definitivamente lançada” (ALMEIDA, 1996, p. 73). A década de 30 trouxe a conquista do voto feminino e a implantação do Estado Novo, mas trouxe também o “eco do silêncio”; por quase trinta anos as brasileiras calaram suas vozes, até que um novo grito de liberdade desencadeado pelo espírito de luta e igualdade social novamente as mobilizou e assim, finalmente ampliaram-se os papéis desempenhados pelas mulheres no espaço público (p. 72).

As tendências da modernização internacional com o fim da Segunda Guerra Mundial e os movimentos de emancipação feminina aumentaram as possibilidades de formação

educacional e participação profissional das mulheres no mercado de trabalho, porém com muitos limites. Nos anos 50¹⁰, regras culturais e sociais de comportamento sobre a moral e bons costumes contingencialmente construídas ainda promoviam valores dominantes da época, com referência a sexo, classe social, raça, etnia e gênero, trazendo à tona nítidas distinções entre os papéis femininos e masculinos (BASSANEZI, 2006).

Desde tenra idade, as meninas eram educadas com o fim de serem boas mães, esposas dedicadas e donas de casa exemplares, limitando-se ao aprendizado de música (geralmente piano), boas maneiras e tarefas domésticas de todo o tipo, como cozinha, bordados, costuras, flores e enfeites, de modo que as prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo das moças de família que desejassem se casar. Conforme Bassanezi (2006):

As moças de família eram as que se portavam corretamente, de modo a não ficarem *mal faladas*. Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes. Eram aconselhadas a comportarem-se de acordo com os princípios morais aceitos pela sociedade [...] (p. 610, grifos da autora).

O casamento, por sua vez, era o objetivo de vida da boa moça e significava realização feminina e possibilidade de futuro, tendo o homem como protetor e provedor. Ser esposa, mãe e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres.

Bassanezi (2006) assinala que, no modelo de família tradicional, havia papéis definidos, sem possibilidade de contestação: o homem era o “chefe da casa”, o responsável pelo sustento do lar, tinha autoridade exclusiva e poder sobre a esposa; já a vocação prioritária da mulher era a maternidade e a dedicação ao lar; marcas de feminilidade apoiadas na idéia de um suposto dom edificado na moral cristã e que modelava regras e valores. A vida doméstica e o cuidado da prole e do marido “[...] faziam parte da essência feminina [...]” (p. 608-9). Todas essas qualidades, associadas ao recato e à postura correta, denotavam certo conformismo com o papel social que lhe era permitido e conservavam o respeito social e os valores culturais que favoreciam o controle sobre as mulheres e privilegiavam, de certo modo, a autoridade masculina nas relações de gênero. A mulher vivia, portanto, em situação de inferioridade, legada ao silêncio e condicionada à ordem vigente de dependência e subordinação, sendo feita propriedade do homem.

¹⁰ Época também chamada de Anos Dourados e que, segundo Bassanezi, foi um “período de ascensão da classe média” brasileira (2006, p. 608).

O estabelecimento do sistema patriarcal legitimado ao longo da história foi, portanto, responsável em grande medida, pelas práticas sociais discriminatórias, preconceituosas e excludentes. Ao longo dos séculos, as antigas práticas sociais de democracia, participação política e ingresso no mercado de trabalho, até então reservadas ao homem construíram novos contornos e, aos poucos, foram se modificando e novas práticas culturais foram se fortalecendo.

Com os desenvolvimentos científicos e os avanços tecnológicos, mudanças na intervenção e controle estatal e nas relações de poder fizeram-se necessárias e as lutas pela educação feminina entrelaçadas com as lutas por poder, resultaram na conquista de direitos de cidadania. As mulheres ganharam maior visibilidade, se integraram à política e conseguiram se inserir no mercado de trabalho competindo profissionalmente e intelectualmente com os homens, fazendo frente às inúmeras atribuições, em praticamente todas as áreas. No âmbito educacional, obtiveram não só o direito de estudar, mas também o direito de lecionar, um espaço conquistado através da superação de várias barreiras culturalmente construídas.

As mudanças sociais vividas – algumas promovidas por mulheres – mudaram certos costumes, estabeleceram novas relações sociais e superaram alguns valores arraigados. Não obstante, mesmo em meio a tantas conquistas alcançadas, as mulheres ainda não são cidadãs plenamente livres. Especificamente com relação às décadas de 80 e 90, Almeida (1996) sintetiza que:

[...] ainda permanecem muitos padrões sociais estereotipados de educação e de repressão, a violência doméstica e conjugal continua ocorrendo, assim como a sobreposição de tarefas no lar e desnível salarial e os ‘assassinatos em nome da honra’ cometidos contra as mulheres ainda conseguem vergonhosas absolvições nos tribunais (p. 72).

As desigualdades que ainda hoje permanecem só serão superadas numa sociedade assentada em bases igualitárias, se forem abolidas divisões sociais históricas de gênero, sexo, raça, etnia e classe social.

Os processos de feminização do magistério e escolarização formal das mulheres não foram, portanto, uma concessão do sexo masculino. Os homens foram, aos poucos, abandonando a instrução e formação primária, enquanto as mulheres permaneceram, sendo maioria nos dias de hoje. O magistério feminino não representa apenas a possibilidade de conciliação com o lar, ou a autonomia financeira, mas também fé e esperança, pois a professora se apaixonou pela profissão (ALMEIDA, 1996, p.77).

Sujeito regulador do seu destino, a mulher, ao buscar uma educação diferenciada dos moldes educativos destinados aos homens, ampliou horizontes, contribuindo para o desenvolvimento e o progresso da nação e, desse modo, estimulou a reforma de instituições sociais, sobretudo pedagógicas. E, não obstante as limitações que eram impostas às mulheres para estabelecer um comportamento social aceitável, bastaram as oportunidades surgirem para que se destacassem nas profissões que antes eram impedidas de exercer. Evidencia-se, portanto, uma construção cultural feminizada no momento em que entram nos espaços do saber e no mercado ocupando profissões tecnológicas tradicionalmente masculinas.

Deste modo, analisar as representações de gênero tomando por base as práticas sociais veiculadas no ambiente escolar é tentar desvelar os preconceitos e as discriminações sofridas pela mulher, o que remete à necessidade de compreensão do contexto econômico, social e cultural em que a escola está situada.

Com o ideário de formar mão de obra qualificada, disciplinada e obediente, o campo educacional tecnológico e profissional em Pelotas, cujas raízes reportam ao início do século XX, segundo Meireles (2007, p. 21-2), a exemplo das demais escolas profissionalizantes criadas no país, nasceu com o estigma de entidade assistencialista e meio de regeneração social, destinado às camadas mais pobres, aos deserdados da sorte e desprotegidos da fortuna, evitando, por meio da habilitação técnica e do preparo intelectual “[...] que se precipitem nos vícios da vadiagem e cheguem ao crime, pela falta de uma escola que lhes ensine o trabalho honrado e metódico” (MEIRELES, 2003, p. 58). Esse modelo de educação objetivava, portanto, solucionar problemas sociais e formar operariado, sendo considerado ideal para o público masculino, já que a modernização do país primava por formações diferentes.

A história da Instituição, os escritos oficiais e também as lacunas, registram a ausência feminina no processo de escolarização. Desde o seu primeiro ano de funcionamento, a escola admitia alunas do sexo feminino¹¹, mas o tipo de curso oferecido, “voltado para a habilitação em profissões que eram consideradas tipicamente masculinas” (MEIRELES, 2007, p. 58) foi, provavelmente, uma das causas para a ausência delas. Além disso, a matrícula do seu sistema de ensino restringia [de forma velada] o acesso delas, embora não houve explicitamente qualquer restrição no edital de seleção, pois o regime de internato e semi-internato as excluía.

¹¹ A Lei Orgânica do Ensino Industrial (Decreto-Lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942), que regulamentou as bases da organização e regime do ensino industrial, não estabelecia qualquer distinção de ingresso (Meireles, 2007, p. 43).

Deste modo, a escola abrigava e formava apenas homens, evidenciando uma forte desigualdade de gênero. Apenas na década de 1960 a escola contou com as primeiras alunas¹². Hoje, pode-se dizer que as mulheres vêm representadas nos cursos técnicos ofertados e que são uma presença crescente no IFSul, mas ainda há espaços contestados, preconceitos velados e lutas por poder, na medida em que a ausência delas persiste em determinados cursos que têm a característica de terem sido procurados especialmente por homens.

É neste contexto que a divisão sexual do trabalho historicamente construída no imaginário social, faz valer o discurso das habilidades domésticas e maternais [como o magistério] ou da segregação dos conhecimentos; é esta ideia que associa, gratuitamente, o desconhecimento das pessoas ao primeiro curso implantado no educandário: o Curso de Mecânica, definido como um ramo cujo serviço é pesado, inclui graxa e poeira sendo, portanto, “impróprio” às mulheres. Até mesmo a terminologia adotada na formação é própria do gênero masculino: “Técnico” em Mecânica, mais uma regra instituída a ser transgredida pelas mulheres.

¹² O ingresso das mulheres na ETP ocorreu, primeiramente, no ginásio industrial, no ano de 1964; nos cursos técnicos, somente a partir de 1967. Considerando o ano do texto legal do ensino industrial, foram “mais de 20 anos de atraso, ainda assim teve muitas opiniões contrárias [...]”, destaca Meireles (2007, p. 72).

1.2 O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE (IFSul)

A trajetória da educação profissional escolar em Pelotas reporta ao início do século XX, segunda década da Primeira República, mais especificamente em sete de julho de 1917, dia do aniversário da cidade, a partir da fundação da Escola de Artes e Ofícios (EAO) por iniciativa de particulares em sessão solene da diretoria da Biblioteca Pública Pelotense, e construída mediante arrecadação de materiais e fundos da comunidade, em um terreno doado pela Intendência Municipal, situado na Praça da Constituição¹³.

Contudo, segundo Meireles (2003, p. 66), a edificação foi emprestada para o aquartelamento de soldados na Revolução de 1923¹⁴ e, no ano de 1930, por decisão unânime dos sócios em assembléia geral, todo o patrimônio da Escola foi doado ao Município que, em contrapartida, assumiu o compromisso de colocá-la em funcionamento imediato. Assim, com a municipalização, foi instituída a Escola Technico Profissional e iniciadas as atividades letivas no mês de abril. Para esse fim, porém, o intendente municipal João Py Crespo, durante toda sua gestão, doou seus vencimentos à Escola, que ainda não tinha dotação orçamentária para cobrir todas as despesas, um “exemplo seguido pelo primeiro Diretor, Sylvio Barbedo, e por um grupo de jovens professores”, primeiros educadores (MEIRELES, 2003, p. 68).

Posteriormente a Escola Technico Profissional passou a denominar-se Instituto Profissional Técnico (IPT), tendo funcionado por uma década, quando em 25 de maio de 1940, dentro da política de industrialização do País, foi extinto e seu prédio demolido para a construção da imponente Escola Técnica de Pelotas (ETP).

No ano de 1942, a partir do Decreto-lei nº. 4.127, subscrito pelo então Presidente da República Getúlio Dorneles Vargas e pelo Ministro da Educação Gustavo Capanema, mediante ações e atuação pessoal de Luiz Simões Lopes, foi criada a Escola Técnica de Pelotas¹⁵, fundada oficialmente em 11 de outubro de 1943, em solenidade festiva.

¹³ Hoje extinta, dela resta apenas uma pequena porção preservada sob o nome de Praça 20 de Setembro, onde se encontra o *Campus* Pelotas do IFSul.

¹⁴ Revolução decorrente da luta pela Presidência do Estado do Rio Grande do Sul (RS) entre as facções políticas dos Chimangos e Maragatos, representadas pelo Partido Rio-Grandense e pela Aliança Libertadora, respectivamente.

¹⁵ Criada sob a concepção ministerial de que “deveria ter atuação mais ampla” (MEIRELES, 2007, p. 53), pois seria a primeira e única instituição do gênero mantida pelo Governo Federal no Estado do Rio Grande do Sul, tendo em vista o atendimento das necessidades de formação profissional de trabalhadores, já que o município de Pelotas se distinguia como um dos grandes centros produtivos estaduais (2007, 52-3).

Em 1959, o educandário transformou-se em uma autarquia federal integrante da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica vinculada ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), sendo renomeada como Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL), por determinação da Lei nº. 4.759/65, que estabelecia que as Escolas Técnicas subsidiadas pela rede federal deveriam agregar ao seu nome a qualificação “Federal” e o nome da cidade onde estivessem localizadas, esclarece Meireles (2003, p. 138).

FIGURA 1 – Fachada frontal da Escola Técnica de Pelotas (1962), ainda sem o revestimento com pastilhas



FONTE: http://memorial.ifsul.edu.br/framer.php?cd_documento=39

No ano de 1994, o MEC encaminhou ao Congresso Nacional a proposta de um Sistema Nacional de Educação Tecnológica, onde todas as Escolas Técnicas Federais seriam transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets). Logo, em 1999, A ETFPEL foi transformada em CEFET-RS, ofertando aos alunos, além de Cursos Técnicos de Nível Médio, Cursos Superiores de Graduação e Pós-Graduação.

Em 29 de dezembro de 2008, foi sancionada a lei nº 11.892 que criou 38 institutos federais no Brasil; sendo três no Estado do Rio grande do Sul. Com isso, o CEFET-RS deu lugar ao atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul)¹⁶, integrante da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

Detentor de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, o Instituto Federal é uma instituição *multicampi* com sede administrativa (Reitoria) localizada na cidade de Pelotas/RS, de onde coordena quatorze unidades de ensino,

¹⁶ De acordo com o site do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. Disponível em: <http://www.ifsul.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20&Itemid=45>. Acesso em: 22 mar. 2014.

estando onze em operação e três em processo de implantação (integrantes da 3ª fase de expansão da Rede Federal); assim denominados: Pelotas-Visconde da Graça (1923), Pelotas (1943), Sapucaia do Sul (1996), Charqueadas (2006), Passo Fundo (2007), Bagé (2010), Camaquã (2010), Venâncio Aires (2010), Santana do Livramento (2010), Sapiranga (2013), Jaguarão (2014), Lajeado, Gravataí e Novo Hamburgo (previsão de implantação para 2014).

O *Campus Pelotas*, objeto de pesquisa do presente trabalho, e maior unidade de ensino da Instituição atende, em média, 4 mil alunos por ano e encontra-se em contínua expansão. Dispondo de área própria de 40.440 m², possui atualmente uma área física construída de 48.791 m², somando aproximadamente 17.000 m² de área para o ensino profissionalizante, sendo 58 salas de aula e de desenho, 120 laboratórios específicos, 50 oficinas, 1 biblioteca com cabines e salas de estudo (em grupo e individual), 1 auditório central denominado Enilda Feistauer, 4 miniauditórios, ginásio esportivo, pista de atletismo com 7.000 m² e 2 quadras cobertas¹⁷.

Somam-se a esse conjunto, gabinete médico e odontológico, assistência estudantil, orientação educacional, Serviço de Integração Escola-Empresa (SIE-E), Diretório Estudantil Ildemar Bonat (DESILAB)¹⁸, refeitório, guarita, garagem e estacionamento de carros, motos e bicicletas.

FIGURA 2 – Fachada frontal do *Campus Pelotas*



FONTE: http://pelotas.ifsul.edu.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=2

¹⁷ Disponível em: <http://pelotas.ifsul.edu.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=3>. Acesso em: 22 mar. 2014.

¹⁸ Inicialmente denominado Grêmio Estudantil, foi fundado em 23/03/1946 (segundo ano de funcionamento da ETP) e, em abril de 1974 foi transformado em Diretório Estudantil (MEIRELES, 2007, p. 79).

Com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos e, apostando na verticalização do ensino, a unidade do *Campus Pelotas*, educandário pioneiro do Instituto Federal Sul-rio-grandense, articula educação básica, superior, profissional e tecnológica em diferentes níveis, modalidades e formas, oferecendo, no ano de 2014, cursos técnicos, de graduação e de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, conforme quadro a seguir:

QUADRO 1 – Cursos ofertados no *Campus Pelotas*, modalidades e formas de ensino

| TÉCNICOS DE NÍVEL MÉDIO | |
|---|---|
| Mecânica | Presencial / Concomitante ¹⁹ e Subsequente ²⁰ |
| Eletrotécnica | Presencial / Subsequente e Integrado ²¹ |
| Eletrônica | Presencial / Concomitante e Integrado |
| Edificações | Presencial / Subsequente e Integrado |
| Eletromecânica | Presencial / Concomitante |
| Telecomunicações | Presencial / Subsequente |
| Comunicação Visual | Presencial / Integrado |
| Design de Interiores | Presencial / Integrado |
| Química | Presencial / Integrado e Subsequente |
| Alimentação Escolar | EaD ²² / Subsequente |
| Execução, Conservação e Restauro de Edificações | EJA ²³ Presencial / Integrado |
| Infraestrutura Escolar | EaD / Subsequente |
| Multimeios Didáticos | EaD / Subsequente |
| Secretaria Escolar | EaD / Subsequente |
| GRADUAÇÃO | |
| Bacharelado em Design | Presencial |
| Bacharelado em Engenharia Elétrica | Presencial |
| Licenciatura em Computação | Presencial |
| Tecnologia em Gestão Ambiental | Presencial |
| Tecnologia em Saneamento Ambiental | Presencial |
| Tecnologia em Sistemas para a Internet | Presencial |
| PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU | |
| Educação | Presencial |
| Educação Profissional com Habilitação para a Docência (antigo Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes) | Presencial |
| Espaços e Possibilidades para a Educação Continuada | EaD |
| Linguagens Verbais e Visuais e suas Tecnologias | Presencial |
| Programa de Formação Continuada em Mídias para Educação | EaD |
| PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU | |
| Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia | Presencial |

FONTE: <http://www.ifsul.edu.br/proen/site/cursoCampus.php?cod=1>

¹⁹ Concomitante: destinado aos estudantes que estejam cursando, no mínimo, o primeiro ano do Ensino Médio.

²⁰ Subsequente: destinado aos estudantes que já tenham concluído o Ensino Médio ou equivalente.

²¹ Integrado: destinado a estudante que já tenha concluído o Ensino Fundamental ou equivalente.

²² Modalidade de Educação a Distância oferecida pelo Programa de Formação Inicial em Serviço dos Profissionais da Educação Básica dos Sistemas de Ensino Público (PROFUNCIONÁRIO).

²³ Modalidade de Educação de Jovens e Adultos oferecida pelo Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

No que diz respeito à habilitação profissional de nível médio, dentre os 14 cursos técnicos listados acima, 6 se destacam pela expressiva procura de estudantes, são eles²⁴:

- **Mecânica** – Objetivando responder às exigências do setor industrial, na produção de bens de consumo e de produção, o curso promove o desenvolvimento, a elaboração e execução de atividades relacionadas às áreas de projetos de construção mecânica e de automação, notadamente no controle de qualidade, montagem, métodos e processos, usinagem e programação de máquinas, planejamento e procedimentos de manutenção e fabricação mecânica (fundição, solda e tratamento térmico).
- **Eletrotécnica** – Visando o desempenho de funções ligadas à geração, transmissão, distribuição e utilização de energia elétrica, o curso habilita técnicos a atuar junto às indústrias de todos os ramos de produção; centros de pesquisa; concessionárias estatais ou privadas; empresas de engenharia civil e elétrica e de comércio de materiais e equipamentos elétricos.
- **Eletrônica** – Proporciona uma visão abrangente e sistêmica dos processos industriais e de serviços, capacitando o profissional a prestar assistência técnica em projetos e pesquisas tecnológicas no ramo da Eletrônica, bem como na manutenção e instalação de equipamentos eletroeletrônicos e microprocessados.
- **Edificações** – O curso qualifica técnicos para atuar no ramo da Construção Civil; em atividades de gerenciamento, execução e manutenção de obras e prestação de serviços afins, como levantamentos topográficos, elaboração de projetos, fiscalização e acompanhamento de orçamentos, cronogramas e controle de qualidade em canteiro de obras.
- **Eletromecânica** – A profissionalização técnica habilita a atuar no ramo industrial e nas concessionárias de energia; em atividades de planejamento, instalação, operação, controle de qualidade, mas, principalmente, no segmento de manutenção e automação de sistemas industriais, além da operação de processos e produção de bens manufaturados.
- **Telecomunicações** – Atua no eixo tecnológico de Informação e Comunicação junto a empresas e prestadoras de serviços de telefonia fixa e móvel; de radiodifusão; indústrias de telecomunicações; agências reguladoras e provedores de internet; laboratórios de desenvolvimento e pesquisa; assistência técnica e entidades ligadas a planejamento, projetos, comercialização, implantação, operação e manutenção em Sistemas de Telecomunicações.

²⁴ No site do IFSul os cursos técnicos estão organizados em ordem alfabética. Mas, na presente descrição, estão ordenados cronologicamente devido à relevância que quero dar ao curso de Mecânica.

No que diz respeito a gênero social, o Quadro 2 rerepresenta os cursos anteriores, destacando a distribuição de alunas egressas e ingressantes, no período de 1954 a 2012²⁵.

QUADRO 2 – Alunas egressas e ingressantes por Curso Técnico do Campus Pelotas

| | MECÂNICA | | ELETROTÉCNICA | | ELETRÔNICA | | EDIFICAÇÕES | | ELETROMECÂNICA | | TELECOMUNICAÇÕES | |
|------|--------------|------------|---------------|------------|--------------|------------|--------------|-------------|----------------|------------|------------------|-------------|
| | Ingressantes | Egressas | Ingressantes | Egressas | Ingressantes | Egressas | Ingressantes | Egressas | Ingressantes | Egressas | Ingressantes | Egressas |
| 1954 | 0 | | | | | | | | | | | |
| 1955 | 0 | NH | | | | | | | | | | |
| 1956 | NH | 0 | | | | | | | | | | |
| 1957 | 0 | 0 | | | | | | | | | | |
| 1958 | 0 | NH | | | | | | | | | | |
| 1959 | 0 | 0 | | | | | | | | | | |
| 1960 | 0 | 0 | | | | | | | | | | |
| 1961 | 0 | 0 | | | | | | | | | | |
| 1962 | 0 | 0 | | | | | | | | | | |
| 1963 | 0 | 0 | | | 0 | | | | | | | |
| 1964 | 0 | 0 | | | 0 | NH | | | | | | |
| 1965 | 0 | 0 | | | 0 | 0 | | | | | | |
| 1966 | 0 | 0 | | | 0 | 0 | | | | | | |
| 1967 | 0 | 0 | | | DNL | 0 | | | | | | |
| 1968 | 0 | 0 | | | DNL | 0 | 0 | | | | | |
| 1969 | 0 | 0 | | | DNL | 1 | 0 | NH | | | | |
| 1970 | 0 | 0 | 7 | 0 | 10 | 2 | 1 | 0 | | | | |
| 1971 | 3 | 0 | 12 | 1 | 16 | 0 | 5 | 0 | | | | |
| 1972 | 20 | 0 | 32 | 4 | 214 | 4 | 38 | 0 | | | | |
| 1973 | 31 | 2 | 77 | 0 | 199 | 12 | 42 | 4 | 16 | | 21 | |
| 1974 | 55 | 5 | 53 | 5 | 164 | 17 | 85 | 6 | 57 | NH | 182 | NH |
| 1975 | 34 | 11 | 30 | 21 | 63 | 36 | 29 | 27 | 15 | 3 | 61 | 27 |
| 1976 | 25 | 13 | 11 | 7 | 42 | 37 | 24 | 22 | 12 | 4 | 121 | 53 |
| 1977 | 21 | 4 | 23 | 11 | 40 | 31 | 105 | 31 | 15 | 5 | 96 | 61 |
| 1978 | 12 | 9 | 38 | 8 | 66 | 13 | 103 | 26 | 16 | 8 | 163 | 43 |
| 1979 | 9 | 8 | 22 | 12 | 79 | 14 | 79 | 27 | 2 | 3 | 133 | 29 |
| 1980 | 17 | 1 | 31 | 11 | 95 | 14 | 119 | 22 | 9 | 2 | 105 | 23 |
| 1981 | 16 | 6 | 25 | 7 | 41 | 17 | 99 | 28 | 6 | 1 | 76 | 24 |
| 1982 | 22 | 4 | 9 | 8 | 31 | 13 | 66 | 31 | 13 | 0 | 92 | 28 |
| 1983 | 14 | 3 | 15 | 7 | 49 | 6 | 73 | 29 | 5 | 1 | 65 | 18 |
| 1984 | 22 | 6 | 15 | 4 | 58 | 14 | 76 | 29 | 3 | 4 | 70 | 17 |
| 1985 | 35 | 8 | 25 | 2 | 47 | 15 | 72 | 23 | 17 | 4 | 107 | 28 |
| 1986 | 21 | 8 | 17 | 7 | 34 | 22 | 60 | 32 | 11 | 3 | 138 | 23 |
| 1987 | 33 | 7 | 35 | 4 | 60 | 12 | 70 | 24 | 19 | 2 | 105 | 22 |
| 1988 | 33 | 7 | 26 | 5 | 109 | 13 | 68 | 16 | 36 | 2 | 125 | 28 |
| 1989 | 29 | 4 | 22 | 12 | 66 | 14 | 63 | 18 | 32 | 2 | 113 | 44 |
| 1990 | DNL | 13 | DNL | 6 | DNL | 23 | DNL | 23 | DNL | 3 | DNL | 44 |
| 1991 | DNL | 3 | DNL | 4 | DNL | 22 | DNL | 12 | DNL | 12 | DNL | 15 |
| 1992 | DNL | 14 | DNL | 20 | DNL | 47 | DNL | 31 | DNL | 13 | DNL | 65 |
| 1993 | DNL | 12 | DNL | 6 | DNL | 16 | DNL | 17 | DNL | 10 | DNL | 38 |
| 1994 | DNL | 12 | DNL | 9 | DNL | 21 | DNL | 20 | DNL | 7 | DNL | 32 |
| 1995 | DNL | 19 | DNL | 3 | DNL | 20 | DNL | 39 | DNL | 8 | DNL | 65 |
| 1996 | DNL | 27 | DNL | 10 | DNL | 23 | DNL | 33 | DNL | 8 | DNL | 60 |
| 1997 | 63 | 15 | 47 | 9 | 133 | 28 | 191 | 41 | 36 | 5 | 284 | 74 |
| 1998 | DNL | 3 | DNL | 6 | DNL | 37 | DNL | 44 | DNL | 4 | DNL | 42 |
| 1999 | DNL | 10 | DNL | 10 | DNL | 15 | DNL | 42 | DNL | 10 | DNL | 50 |
| 2000 | 26 | 8 | 56 | 17 | 84 | 36 | 164 | 35 | 49 | 7 | 213 | 75 |
| 2001 | 27 | 4 | 49 | 8 | 65 | 9 | 155 | 18 | 42 | 8 | 182 | 33 |
| 2002 | 37 | 4 | 89 | 5 | 78 | 13 | 224 | 29 | 34 | 2 | 235 | 37 |
| 2003 | 45 | 6 | 80 | 18 | 81 | 15 | 263 | 44 | 46 | 5 | 242 | 45 |
| 2004 | 42 | 6 | 103 | 13 | 78 | 14 | 265 | 50 | 39 | 7 | 268 | 44 |
| 2005 | 44 | 2 | 87 | 8 | 69 | 7 | 190 | 20 | 52 | 3 | 247 | 8 |
| 2006 | 40 | 3 | 147 | 18 | 80 | 4 | 249 | 35 | 52 | 2 | 397 | 61 |
| 2007 | 38 | 5 | 173 | 20 | 114 | 12 | 333 | 45 | 69 | 7 | 415 | 58 |
| 2008 | 18 | 0 | 96 | 6 | 75 | 5 | 203 | 12 | 44 | 1 | 204 | 29 |
| 2009 | 41 | 3 | 197 | 8 | 161 | 4 | 474 | 62 | 75 | 12 | 368 | 37 |
| 2010 | 74 | 2 | 261 | 1 | 206 | 3 | 558 | 22 | 86 | 4 | 296 | 34 |
| 2011 | 68 | 1 | 324 | 7 | 237 | 7 | 639 | 29 | 59 | 0 | 329 | 9 |
| 2012 | 23 | 6 | 43 | 11 | 24 | 7 | 74 | 64 | 26 | 8 | 104 | 26 |
| | 1038 | 284 | 2277 | 359 | 2968 | 695 | 5259 | 1162 | 993 | 190 | 5557 | 1449 |

FONTE: Sistema de Registros Acadêmicos/IFSul Campus Pelotas²⁶

²⁵ Os dados quantitativos consideram o ano de criação dos cursos, tendo como marco inicial a Mecânica, primeiro curso técnico da Instituição.

²⁶ Nota: DNL – Dados não localizados.

NE – Curso não existia no período.

NH – Não houve matrícula e/ou formatura no período.

A observação dos dados quantitativos evidencia um expressivo contingente de mulheres no curso de Telecomunicações, com 5.557 ingressas e 1.449 egressas, ao passo que a Eletromecânica concentra a menor procura, apenas 993 matrículas e 190 formaturas, ambos no lapso temporal de 39 anos. Já na **Mecânica**, embora o quantitativo feminino seja de 1.038 ingressantes e 284 técnicas, o curso representa um diminuto índice se considerado o intervalo de 58 anos. Estes indicadores mostram o processo educativo feminino em forma de resistência ao que está posto e dado como definitivo: os cursos técnicos da área industrial são “voltado[s] para a habilitação em profissões [...] consideradas tipicamente masculinas”, justifica Meireles (2003, p. 117).

Mediante atividades de Pesquisa, Extensão, Inovação e Desenvolvimento Tecnológico, o *Campus Pelotas* conta, ainda, com grupos de pesquisa nas áreas de Ciências Agrárias, Biológicas, Humanas, Engenharias e Linguística, Letras e Artes, Exatas e da Terra, ofertando bolsas de iniciação científica, firmando parcerias e convênios para a mobilidade acadêmica. Além disso, visando a promover o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos são oferecidas atividades extraclasse, tais como: Cia. de Teatro “Cem Caras”, Ciclo de Cinema e Design, Clube de Xadrez, Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Carreiros do Sul, Grupo de Escoteiros Itapuã, Banda Marcial e Musical, Equipes Desportivas e acompanhamento dos alunos participantes nas Olimpíada de Matemática (promovida pelo Instituto de Matemática Pura e Aplicada).

Sempre atenta a sua função social e, de modo a contribuir com o crescimento científico e econômico da região sul do estado do Rio Grande do Sul, o IFSul considera, ainda, as demandas locais e regionais de formação profissional e tecnológica na estrutura curricular de seus cursos, incentivando a aplicação e o uso potencial da ciência e de novas tecnologias. A história da Instituição evidencia, portanto, uma educação profissional de qualidade, que não se restringe a informar apenas, mas, sobretudo, se propõe a formar cidadãos comprometidos e conscientes de suas funções sociais.

1.3 O CURSO DE MECÂNICA DO *CAMPUS* PELOTAS

Primeiro da área técnica do educandário, o Curso Técnico de Mecânica do *Campus* Pelotas foi implantado em agosto de 1954 na antiga ETP, graças à atuação de professores e alunos do 1º Ciclo do Ensino Industrial²⁷ e ao apoio do empresário e influente político pelotense Ary Rodrigues Alcântara²⁸, homenageado paraninfo da primeira turma de formandos do Curso, com apenas sete concluintes, em solenidade ocorrida em 20 de dezembro de 1956 (MEIRELES, 2007, p. 62-3). No ano de 1958, porém, não houve concluintes em virtude da ausência de matrículas no ano de 1956.

Pertencente ao ramo industrial e inicialmente chamado de Curso Técnico de Construção de Máquinas e Motores, ao longo dos anos, mudou seu nome diversas vezes: primeiro para Curso Técnico de Máquinas e Motores, depois para Curso Técnico de Máquinas e Aparelhos Mecânicos, posteriormente, para Curso Técnico de Mecânica, mais tarde, Curso Técnico em Mecânica Industrial e, em 2008, a fim de adequá-lo ao Catálogo Nacional de Cursos Técnicos foi renomeado Curso Técnico em Mecânica, permanecendo até os dias atuais (BASÍLIO e LISBOA, 2004).

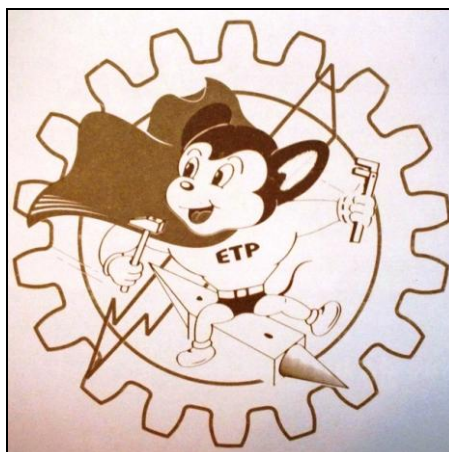
No dizer de Basílio e Lisboa (2004, p. 18), a trajetória do tradicional Curso de Mecânica do *Campus* Pelotas, “[...] em muitas vezes, confunde-se com a caminhada da própria Escola”, pois além de ser o pioneiro no aproveitamento de alunos como estagiários (p. 26), também se fazia presente na antiga simbologia utilizada na bandeira do Grêmio Estudantil e em uniformes, flâmulas, faixas, pastas e materiais promocionais da Escola: o ratinho “Possante”²⁹ – mascote que representava os alunos da ETP, principalmente nas competições esportivas, “[...] simbolizando a força e a garra etepeana [...]” (MEIRELES, 2007, p. 122).

²⁷ O Ensino Industrial era desenvolvido em dois ciclos: o 1º Ciclo, com duração de quatro anos, compreendia os Cursos Industriais Básicos destinados à formação de artífices qualificados (forja, serralheria, fundição, mecânica de automóveis, máquinas e instalações elétricas, aparelhos elétricos, telecomunicações, carpintaria, artes do couro, marcenaria, alfaiataria, tipografia e encadernação); o 2º Ciclo, com duração de três anos, compreendia os Cursos Técnicos (MEIRELES, 2007, p. 46-7).

²⁸ Em 1953, a pedido dos alunos, Ary Rodrigues Alcântara entregou pessoalmente ao Presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira, um memorial através do qual os estudantes solicitaram a criação dos primeiros cursos técnicos na ETP, instalando o 2º Ciclo do Ensino Industrial (MEIRELES, 2007, p. 62).

²⁹ Inspirado no personagem *Mighty Mouse*, o camundongo criado por Walt Disney foi escolhido pelos “etepeanos” (como eram conhecidos os alunos da ETP) logo no início das atividades institucionais, em 1945, tendo sido batizado como “Possante: o mascote da Escola” (RENCK, 2012, p. 2).

FIGURA 3 – “Possante” da ETP, antigo logotipo do Curso de Mecânica



FONTE: Meireles (2007, p. 123)

A imagem ilustrava as áreas de ensino à época: o desenho dentro de uma engrenagem mecânica expressava o caráter industrial da Instituição; o raio representava os cursos do segmento da eletricidade; já a marreta e o paquímetro nas mãos do mascote, além da bigorna, os do segmento mecânico, conforme Renck (2012, p. 2). O “Possante” consagrou-se através dos tempos, retratando a cultura e a história da Escola e do Curso, mas ao longo do tempo, com o processo de transformação institucional e as sucessivas gerações de estudantes, tornou-se esquecido por uns e desconhecido por muitos. Hoje, um novo símbolo institucional identifica o Curso: uma engrenagem mecânica.

FIGURA 4 – Atual logotipo do Curso de Mecânica, o mais antigo ainda em funcionamento



FONTE: Curso Técnico em Mecânica IFSul *Campus* Pelotas³⁰

Ainda segundo Basílio e Lisboa (2004, p. 19), no que tange ao corpo docente, esclarecem os autores que os primeiros professores a lecionar na Mecânica foram

³⁰Atual logotipo do Curso de Mecânica em forma de engrenagem mecânica. Disponível em: <http://pelotas.ifsul.edu.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=16&Itemid=68>. Acesso em: 16 fev. 2014.

aproveitados do Curso Industrial Básico da ETP, onde inicialmente atuavam. O quadro [de docentes] era composto por 14 educadores e, dentre estes, apenas 1 mulher, evidenciando que no princípio, o Curso de Mecânica compunha-se de homens. Ao longo dos anos, o Curso foi ampliado e outros profissionais de ensino foram contratados, conforme pode ser observado no quadro a seguir:

QUADRO 3 – Composição do corpo docente

| VÍNCULO INSTITUCIONAL | GÊNERO | INGRESSO |
|------------------------------------|-----------------|-------------------|
| Professor EBTT ³¹ | Masculino | 01.02.1978 |
| | Masculino | 30.04.1986 |
| | Masculino | 16.02.1987 |
| | Masculino | 20.12.1989 |
| | Masculino | 26.03.1990 |
| | Masculino | 02.05.1991 |
| | Masculino | 24.05.1991 |
| | Masculino | 30.01.1992 |
| | Masculino | 18.05.1992 |
| | Masculino | 18.05.1992 |
| | Masculino | 07.04.1993 |
| | Masculino | 27.12.1993 |
| | Masculino | 15.02.1996 |
| | Feminino | 21.02.1996 |
| | Masculino | 21.02.1996 |
| | Masculino | 21.02.1996 |
| | Masculino | 21.06.2004 |
| | Masculino | 06.07.2004 |
| | Masculino | 04.08.2004 |
| | Masculino | 01.09.2006 |
| Masculino | 10.11.2006 | |
| Masculino | 02.07.2007 | |
| Professor Temporário ³² | Masculino | 14.03.2012 |
| Professor EBTT | Masculino | 23.04.2012 |
| | Masculino | 25.04.2012 |
| Professor Temporário | Masculino | 25.04.2012 |

FONTE: Sistema de Recursos Humanos/IFSul *Campus* Pelotas

A análise dos dados demonstra que, decorridos aproximadamente 60 anos de sua criação, a maioria do professorado do Curso ainda está representada pelo sexo masculino, pois dentre 26 professores das disciplinas profissionalizantes, constata-se a permanência de apenas

³¹ Cargo de provimento efetivo integrante do Plano de Carreira e Cargos de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, de que trata a Seção XVI da Lei nº 11.784/2008.

³² Profissional contratado por tempo determinado para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público para suprir demandas decorrentes do Programa de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, de acordo com o art. 2º, X da Lei nº 8.745/1993.

uma presença feminina no exercício do magistério técnico profissionalizante, fator que contribui para o caráter eminentemente masculino da Mecânica.

Reestruturado paulatinamente, o Curso é referência quanto à “[...] ciência que investiga os movimentos e as forças que os provocam [...]” (BASÍLIO e LISBOA, 2004, p. 31). É atualmente oferecido na modalidade presencial, com ingressos semestrais na forma subsequente e concomitante, contando com recursos, tanto de instalações físicas [quadro 4] quanto do corpo docente, que viabilizam atividades práticas (ou experimentais) nos laboratórios e oficinas, constando de observação, projetos, pesquisas e experimentações relacionadas à fabricação, controle de qualidade, métodos, processos, planejamento e execução de planos e procedimentos mecânicos.

QUADRO 4 – Estrutura do Curso de Mecânica

| | |
|---------------------|-----------------------------------|
| | Corte e Armazenagem |
| | Ferramentaria |
| Central | Central de Acetileno |
| | Central de Oxigênio |
| Laboratórios | Broqueamento |
| | Comandos Hidráulicos |
| | Computação Gráfica Aplicada |
| | Controladores Lógico Programáveis |
| | Controle Numérico Computadorizado |
| | Eletroeletrônica |
| | Ensaio Tecnológicos |
| | Hidráulica |
| | Lixamento |
| | Metalografia |
| | Metrologia |
| | Pneumática |
| | Polimento e Ataque e Microscopia |
| | Raio X |
| | Soldagem |
| Torneamento | |
| Oficinas | Ajustagem |
| | Fresagem |
| | Fundição |
| | Produção Mecânica |
| | Retífica |
| | Solda |
| | Torneamento |
| | Tratamento Térmico |
| | Usinagem Pesada |
| Salas | Coordenação |
| | Compressores |
| | Desenho Técnico |
| | Sector de Material |

FONTE: Projeto Pedagógico do Curso de Mecânica

A certificação da habilitação de grau médio da(o) profissional denominada(o) Técnica(o) Mecânica(o) dá-se após o cumprimento de quatro módulos semestrais³³ e da realização do estágio curricular obrigatório (supervisionado), conferindo competência para o desenvolvimento de atividades ligadas às áreas de orçamento, planejamento, aplicação de métodos, processos e logística na produção e manutenção de instalações e de sistemas industriais, gerenciamento, execução e desenvolvimento, operação e coordenação de projetos de construção mecânica e de automação, aplicação de técnicas de medição e ensaios visando o controle de qualidade e produtividade de sistemas do processo industrial, usinagem e fabricação mecânica (fundição, solda e tratamento térmico).

O campo de atuação profissional encontra-se em metalúrgicas, indústrias siderúrgicas, empresas de implementos agrícolas, de fertilizantes e de beneficiamento de grãos, prestadoras de serviços técnicos, bem como na produção de bens de consumo e de produção em empresas de todo o porte ligadas ao setor industrial³⁴. Assim, engrenado no futuro e voltado para o aperfeiçoamento profissional, o Curso de Mecânica contribui para a evolução tecnológica e científica, disseminando conhecimentos e promovendo o desenvolvimento da Zona Sul do Rio Grande do Sul.

³³ Matriz curricular composta por disciplinas de educação geral e de educação profissional, considerando-se as particularidades do Curso.

³⁴ Conforme informações obtidas no Portal IFSul *Campus* Pelotas. Disponível em: <http://pelotas.ifsul.edu.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=16&Itemid=68>. Acesso em: 16 abr. 2014.

2 ENGRENAGEM TEÓRICA

2.1 PREMISSAS DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ACD)

A Análise Crítica do Discurso (ACD), cujo principal teórico é o linguista britânico Norman Fairclough – que desenvolveu a “Teoria Social do Discurso” – surgiu no final dos anos 80 e se consolidou como campo de estudo multidisciplinar da linguagem no início da década de 90 (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 20-1).

A ACD concebe a linguagem como “forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90). Para tanto, considera o contexto um dos elementos essenciais de análise, interessando-se pela relação que há entre linguagem e poder. Ruth Wodak (2004, p. 225), em consonância com Fairclough, define a ACD como uma área que investiga relações estruturais de dominação, discriminação, poder e controle, legitimadas, transparentes ou veladas, que se manifestam por meio do uso da linguagem, ou seja, no discurso. Para o teórico, o discurso é ideológico por seu caráter articulador de interesses e pode ser compreendido como um modo de significação do mundo, na medida em que

O discurso contribui para a construção de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Ainda, entender o discurso como prática social implica compreendê-lo como “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação” (p. 91) e de significação do mundo, “[...] constituindo e construindo o mundo em significado” (p. 91). A esse respeito o autor pontua:

O discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições de sujeito’ para os ‘sujeitos’ sociais e os tipos de ‘eu’. [...] Segundo, o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas. E, terceiro, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença. Esses três efeitos correspondem respectivamente a três funções da linguagem e a dimensões de sentido que coexistem e interagem em todo o discurso [...]

A função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso, a função relacional a como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas, a função ideacional aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações (p. 91-2).

Nessa perspectiva, o uso linguístico se traduz como meio de força social produzido em contextos culturais sócio-históricos específicos que legitima formas ideológicas e relações de poder estabelecidas institucionalmente. O emprego da ACD se faz importante na compreensão do uso da linguagem como prática social, além de facilitar a visibilidade de formas ideológicas presentes nos discursos. Para tanto, a abordagem dos conceitos de história, ideologia e poder é considerada fundamental. Segundo Wodak (2004), a abordagem histórica é relevante, pois a produção e a interpretação do discurso são situadas historicamente, no tempo e no espaço. A ideologia é “vista como um importante aspecto de criação e manutenção das relações desiguais de poder” (p. 235), uma vez que o sujeito é construído a partir da dimensão ideológica em que se encontra.

A linguagem, porém, não é poderosa em si mesma, ela expressa poder pelo uso que as pessoas que o detêm fazem dela, complementa Wodak (2004, p. 236). Esse poder pode, em alguns casos, ser negociado ou disputado. Os textos, por isso, “costumam ser espaços de luta uma vez que guardam traços de diferentes discursos e ideologias em disputa pelo controle” (p. 237). Nesse sentido, é o entendimento de Heberle (2008), que destaca o fato do uso da linguagem reforçar desigualdades sociais e adquirir poder através das práticas discursivas, com as funções de dissimulação, manipulação e persuasão.

Quanto às ideologias, de acordo com Fairclough (2001), estas consistem nas representações, “[...] significações/construções da realidade [...] construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (p.117), sendo muito eficazes nos discursos quando se naturalizam e são vistas como “senso comum”.

De forma mais direta, John Thompson destaca em *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa* (1995) que há várias concepções de ideologia que podem ser agrupadas em duas categorias gerais: “concepções neutras de ideologia” e “concepções críticas de ideologia” (p. 72-3). O autor filia-se às concepções críticas de ideologia, mas busca formular uma aceção aplicável à análise das formas simbólicas e significativas que, em determinados contextos, “[...] serve[m] para estabelecer e sustentar relações de dominação” (p. 75-6). Em sua aceção:

Na reformulação do conceito de ideologia procuro reenforçar esse conceito numa série de problemas que se referem às interrelações entre sentido (significado) e poder. [...] o sentido (significado) serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas – que eu chamarei de “relações de dominação”. Ideologia, falando de uma maneira mais ampla, é *sentido a serviço do poder* (p. 15-6, grifos do autor).

Segundo Fairclough (2001), “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de idéias, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas” (p. 93). O autor esclarece, ainda, que qualquer evento ou exemplo de discurso é considerado, simultaneamente, “um texto [análise linguística], um exemplo de prática discursiva [análise dos processos de produção e interpretação textual] e um exemplo de prática social [análise das circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo]” (p. 22).

Propondo o exame do discurso como reflexo, reprodução e perpetuação de relações sociais existentes, a “Teoria Social do Discurso” (p. 89) oferece subsídios para a metodologia de análise por meio de um modelo que considera três dimensões: *texto*, *prática discursiva* e *prática social* (grifo acrescentado). A abordagem do discurso é constituída pelas três dimensões interconectadas, que se complementam e interagem entre si, conforme esquematizado na Figura 5.

FIGURA 5 – Concepção tridimensional do discurso



FONTE: Fairclough (2001, p. 101)

No quadro tridimensional, a relação entre a prática social e o texto é mediada pela prática discursiva, que “[...] focaliza os processos [sociais] de produção, distribuição e consumo textual”, entre outras condições relacionadas aos “[...] ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares nos quais o discurso é gerado” (p. 99). Ainda, segundo o linguista, o processo de produção forma o texto e nele deixa rastros, enquanto o processo de interpretação atua sobre os vestígios, assim sintetizado:

Não se pode nem reconstruir o processo de produção nem explicar o processo de interpretação simplesmente por referência aos textos: eles são respectivamente *traços* e *pistas* desses processos e não podem ser produzidos nem interpretados sem os recursos dos membros (FAIRCLOUGH, 2001, p. 100, grifos acrescentados).

A partir do modelo tridimensional de Fairclough (2001), cada uma das três dimensões é pormenorizada em categorias analíticas, agrupadas por Resende e Ramalho (2006), conforme o quadro a seguir:

QUADRO 5 – Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional

| TEXTO | PRÁTICA DISCURSIVA | PRÁTICA SOCIAL |
|---|--|--|
| Vocabulário Gramática Coesão Estrutura textual | Produção Distribuição Consumo Contexto Força Coerência Intertextualidade | Ideologia Sentidos Pressuposições Metáforas Hegemonia Orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas |

FONTE: Resende e Ramalho (2006, p. 29)

Na proposta de Fairclough (2001), a análise da dimensão textual descreve os aspectos formais, compreendendo “[...] o vocabulário [que] trata principalmente das palavras individuais, a gramática das palavras combinadas em orações e frases, a coesão [que] trata da ligação entre orações e frases e a estrutura textual [que] trata das propriedades organizadas de larga escala dos textos” (p. 103). A respeito da escolha do vocabulário, cumpre esclarecer que a lexicalização e os significados das palavras são variáveis individuais, pois decorrentes de “[...] processos sociais e culturais mais amplos”, típicos das experiências particulares. Assim refere o analista (2001):

[...] como produtores estamos diante de escolhas sobre como usar uma palavra e como expressar um significado por meio de palavras, e como intérpretes sempre nos confrontamos com decisões sobre como interpretar as escolhas que os produtores fizeram (que valores atribuir a elas) (p. 230).

No que tange à dimensão da prática discursiva – de natureza interpretativa – observa-se os recursos sociocognitivos de produção (interdiscursividade e intertextualidade manifesta), distribuição (cadeias intertextuais) e consumo textual (coerência), processos que variam conforme os tipos de discurso e contextos sociais de produção e consumo. Outro ponto destacado pelo estudioso se refere à força dos enunciados³⁵ (tipos de atos de fala, como promessas, pedidos, ameaças), a coerência e a intertextualidade (p. 103-4).

A intertextualidade, segundo Fairclough (2001), se distingue em *constitutiva* (denominada por ele de interdiscursividade e assim referida a partir deste ponto) e *manifesta* (grifos acrescentados): na interdiscursividade a heterogeneidade textual é realizada através de “[...] elementos (tipos de convenções) das ordens do discurso” (p. 114); já a intertextualidade manifesta “é basicamente a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente [...]” (p. 114). No mesmo sentido, Resende e Ramalho (2006, p. 65) entendem que a intertextualidade pode ser analisada, em linhas gerais, como uma “combinação da voz de quem pronuncia um enunciado com outras vozes que lhe são articuladas”. Ademais, o conceito de intertextualidade “aponta para a produtividade [...], para como os textos podem transformar textos anteriores e reestruturar as convenções existentes (gêneros, discursos) para gerar novos textos.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 135). O autor destaca, ainda, que “a prática discursiva [...] contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também [...] para transformá-la” (p. 92).

No que se refere à dimensão da prática social (econômica, política, cultural, ideológica) – de natureza explicativa – verifica-se nas práticas discursivas questões institucionais e organizacionais moldadas (inconscientemente) por estruturas sociais e relações de poder, podendo, portanto, ser investidas política e ideologicamente. Para o analista (2001), as práticas discursivas “[...] contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder” (p. 121). Por essa razão, Fairclough considera difícil reduzir a categoria a um tópico, motivo pelo qual o enfoque está no objetivo geral: “[...] especificar a natureza da

³⁵De modo geral, o enunciado é considerado como a dimensão material do texto.

prática social da qual a prática discursiva é uma parte, constituindo a base para explicar por que a prática discursiva é como é; e os efeitos [dela] sobre a prática social” (p. 289).

Nas palavras de Thompson (1995, p. 7) “[...] o discurso tem uma dimensão ideológica que relaciona as marcas deixadas no texto com as suas condições de produção, e que se insere na formação ideológica. E essa dimensão ideológica do discurso pode tanto transformar quanto reproduzir as relações de dominação”. Nessa perspectiva, o enfoque social dado à ACD permite estudar o funcionamento das visões de mundo, revelando o modo como as ações são verbalizadas no discurso.

Quanto à análise da materialidade linguística a partir das categorias da ACD, tem-se presente nas palavras de Fairclough (2001, p. 275), que “[...] não há procedimento fixo para se fazer análise de discurso”, pois as “pessoas abordam-na de diferentes maneiras, de acordo com a natureza específica do projeto e conforme suas respectivas visões de discurso”. Deste modo, as indicações metodológicas do teórico na obra *Discurso e mudança social* orientam o desenvolvimento da análise do *corpus* (grifo acrescentado) selecionado.

2.2 ESTUDOS DE GÊNERO

O gênero constitui-se em um dos alicerces do estudo que se propõe a analisar a inserção e formação técnica de mulheres no Curso de Mecânica, ramo tradicionalmente de domínio masculino, mas que vem se consolidando como opção de profissionalização feminina, apesar de ainda revelar desequilíbrio no número total de alunas egressas e ingressantes.

A divisão social de gênero parece decorrer de um processo de naturalização socialmente construído ao longo dos tempos e que sugere às mulheres determinados comportamentos e condutas e, aos homens, o desempenho de papéis sociais e funções imanentes à identidade sexual. No entanto, as abordagens conceituais vão além de uma relação binária entre homens e mulheres, em que sexo é entendido como uma questão referente ao aspecto biológico.

Num sentido amplo, gênero pode ser entendido como uma construção social, cultural e historicamente elaborada sobre as relações socialmente construídas entre feminilidade e masculinidade. Nicholson (2000), ancorada nos estudos de Joan Scott, pontua que “[gênero] é a organização social da diferença sexual” (p. 9).

Flax (1991, p. 227-8) define as relações de gênero como uma categoria que abrange a construção de atividades e processos sociais historicamente variáveis de acordo com épocas e culturas, apresentando-se como “processos complexos e instáveis”, constituídos por partes inter-relacionadas (homem e mulher) e interdependentes, já que uma não tem existência ou significado sem a outra. Ainda segundo a autora, o gênero pode ser compreendido através dos significados de masculino e feminino e das consequências de ser atribuído a um ou outro dentro de práticas sociais concretas que variam de acordo com a época, a cultura, a idade, a raça e a classe social (p. 230). Entretanto, apesar de variáveis de acordo com épocas e culturas, as relações de gênero, “[...] têm sido (mais ou menos) relações de dominação” (p. 228); em outras palavras, elas “[...] têm sido (mais) definidas e (precariamente) controladas por um de seus aspectos inter-relacionados – o homem” (p. 228). E isso porque, nas relações sociais, embora dentro de hierarquias diferenciadas, ambos são prisioneiros do gênero, aponta Flax (p. 229).

No tocante à formação técnica profissionalizante, precisamente no contexto do curso de Mecânica, pensar a questão da divisão de atividades tradicionalmente desempenhadas por homens e mulheres é sobremaneira essencial, dada a posição que os sujeitos assumem diante

de concepções socialmente construídas baseadas em sexo e gênero, uma vez que as práticas “[de escolarização e do trabalho] pressupõem as próprias relações sociais [...]” (p. 233) e estas, por sua vez, expressam relações de poder e de dominação (FLAX, 1991, p. 230-4). Vivemos, segundo a autora, em uma sociedade “[...] em que o gênero é uma relação social constituinte e também uma relação de dominação” (p. 240).

As desigualdades de gênero e de sexo estão incorporadas social e culturalmente de tal forma, que se processam cotidianamente, de maneira quase imperceptível, se disseminando silenciosamente nas instituições sociais, reforçando e naturalizando a superioridade masculina em detrimento da feminina. A análise das relações de gênero reflete, pois, práticas sociais. Nesse viés, faz-se necessário entender o sujeito construído histórico e socialmente, bem como investigar as práticas discursivas.

Na estrutura da sociedade patriarcal, a mulher é excluída de profissões e cargos tradicionalmente desempenhados pelo sexo masculino; refém de um sistema que valoriza o trabalho do homem, o único que aparece enquanto sujeito, como agente ativo. O cumprimento de papéis sociais (distintos e determinados) inferioriza a figura feminina, delineando o perfil “dominada-explorada” que justificava sua dependência/passividade, aprisionando-a a estereótipos comportamentais que solidificaram a valoração do desempenho de atividades apoiando-se, sobretudo, em corpos anatomicamente diferenciados, ante a “marca” da naturalização, já que dado por uma suposta natureza: feminino *versus* masculino.

A evolução do capitalismo é a guinada que libertou as mulheres das travas do patriarcado que, ao saírem do espaço privado para a esfera pública, ampliaram horizontes, tornando-se mais instruídas e independentes. Para Vieira (2012), “Até mesmo por conta da escassez de mão de obra masculina, muitas empresas passaram a ver nas mulheres uma espécie de tábua de salvação. E elas corresponderam, mostrando eficiência, capricho no desempenho das tarefas, e uma preocupação em elevar a escolaridade, que os homens não têm” (*online*).

Atualmente, as brasileiras economicamente ativas ultrapassam os homens em anos de escolaridade³⁶, diferencial que representa um avanço, já que a formação técnica profissionalizante se reflete na nova realidade das contratações, pressupondo maior rendimento e produtividade, principalmente em ramos cuja operação de equipamentos pesados se dá mediante comandos automatizados, exigindo maior qualificação: “O próprio mercado de trabalho derrubou o preconceito contra a mulher especializada na área de

³⁶ Média de sete anos de estudo entre as mulheres e de seis anos entre os homens (YANNOULAS, 2002, p. 21).

mecânica. O argumento de que o mecânico precisa de força não vale mais [...]” (VIEIRA, 2012, *online*).

Todavia, maior nível educativo não constitui “[...] fator que permita às mulheres o acesso a postos de trabalho de igual qualidade ou remuneração que os obtidos pelos homens” (YANNOULAS, 2002, p. 21), pois, no que concerne à atuação nas carreiras ocupacionais ditas atípicas para as mulheres, ainda há pouca flexibilização (ou aceitação) da sociedade. Yannoulas (2002) atribui o aumento de trabalhadoras mais à expansão de ocupações femininas do que ao acesso a atividades masculinas. Já no que tange ao nível salarial, verifica-se que o desafio da discriminação persiste em todos os ramos de atividade³⁷, principalmente no industrial, em que “[...] a maioria delas (69%) ganha até 3 salários mínimos, enquanto os homens com ganhos no mesmo patamar salarial correspondem a 45%” (p. 21). A disparidade existe mesmo quando o cargo exige maior grau de escolaridade ou de responsabilidade.

Nos dizeres de Yannoulas (2002):

[...] **não se registrou uma diminuição significativa das desigualdades entre homens e mulheres:** o aumento da participação das mulheres nos mercados de trabalho está mais vinculado à expansão de atividades ‘femininas’ do que ao acesso às atividades ‘masculinas’; as discriminações vertical e horizontal dos mercados de trabalho se reproduzem; a brecha salarial não é reduzida (é maior quanto maior é o nível de instrução) [...] (p. 28, grifos da autora).

Outro ponto a considerar é a distribuição da escolha dos cursos superiores. Conforme observa Rosemberg (2001), parece persistir entre os gêneros a chamada “bipolarização humanas-exatas” das carreiras profissionais consideradas mais fáceis/mais difíceis.

[...] os ENCs³⁸ realizados nos últimos anos permitem observar a persistência, na década de 90, de carreiras universitárias com predomínio masculino intenso (engenharias civil, elétrica, mecânica), outras com predomínio feminino (odontologia, jornalismo, letras, matemática) [...] (p. 523).

A existência de uma divisão polarizada sobre os gêneros contribui para a representação da inferioridade feminina e da dominação masculina. Outro efeito da segmentação pode ser verificado nas atividades educacionais (como o magistério, por

³⁷Yannoulas (2002) explica que a diferença na renda ocorre devido à discriminação (a racial se sobrepondo à sexual). Mas também, devido ao exercício de ocupações consideradas femininas como, por exemplo, a de empregada doméstica que, coincidentemente, tem um dos menores níveis salariais, sugerindo “[...] ter havido **um deslocamento, na discriminação, do número de anos de escolaridade para o tipo de escolaridade**” (p. 21-2, grifos da autora).

³⁸ Abreviatura de Rosemberg (2001) para Exame Nacional de Cursos.

exemplo), que permanecem sendo um nicho feminino, pois entre os profissionais da educação, as mulheres representam mais de 80%, reforçando a caracterização culturalmente atribuída de que “[a docência] é uma profissão de ‘gênero feminino’ [...]” (p. 525), provavelmente associada à extensão da domesticidade (delicadeza, docilidade, paciência, trato com as crianças, etc.). Evidenciam-se, portanto, discriminação e preconceito enraizados historicamente – e ainda se propagando na sociedade.

Pode-se dizer que, apesar de todos os esforços de movimentos feministas e de processos de inclusão social, com relação ao trabalho, a divisão sexual³⁹ entre os gêneros permanece sem grandes transformações aparentes. Vivemos em uma sociedade em que as relações de gênero têm sido relações de dominação definidas e controladas pelo contingente masculino, sendo dado aos homens um tratamento que transcende o gênero, o que acaba lhes promovendo maior privilégio/poder. Neste sentido, é premente a elaboração de ações sociais e políticas públicas que propicie mais e melhores oportunidades às mulheres (cada vez mais qualificadas e competitivas), visando à equidade de gênero e, conseqüentemente, à redistribuição do poder entre homens e mulheres.

Ao disciplinar falas, olhares, gestos e maneiras de ser, a educação reflete padrões sociais e constitui-se elemento fundamental na tomada de consciência, estando, portanto, envolvida no contexto cultural. Deste modo, a abordagem dos discursos que envolvem a temática do gênero no espaço escolar é imprescindível, pois a fixação de limites/possibilidades é capaz de interditar o direito ao conhecimento e à formação profissional.

³⁹ De acordo com Yannoulas (2002), o conceito de divisão sexual do trabalho insere-se na construção e distinção de tarefas atribuídas à aptidão de homens ou mulheres, variando conforme a época e a cultura de cada sociedade.

3 MECANISMOS DE ANÁLISE

Esta pesquisa apresenta etapas metodológicas de naturezas diversas. Inicialmente, foi realizada uma busca na história do IFSul, *Campus* Pelotas, a fim de determinar os cursos técnicos ofertados, desde sua fundação até os dias de hoje. O resultado é que o Curso de Mecânica é o mais antigo, e, entre os quatorze cursos oferecidos na atualidade, ele permanece entre os seis mais procurados.

Tais critérios foram determinantes para eleger o Curso de Mecânica como sede da hipótese de que um curso técnico é maciçamente frequentado por homens, enquanto a rara presença de mulheres acentua a distinção social de gênero (Ver Quadro 2, p. 31). Justifico minha escolha devido ao resultado do levantamento dos registros de dados acadêmicos e do fato da inexistência de mulheres no Curso de Mecânica até início dos anos 70, além do número ainda ínfimo de matriculadas. Essa constatação leva a questionamentos com relação à posição assumida pelas alunas do curso e, para aferi-los, estabeleci como *corpus* de análise, as respostas de alunas egressas e ingressantes do/no Curso de Mecânica a um questionário individual aplicado via e-mail. Essas respostas foram transcritas da forma como aparecem no questionário (Anexos de 1 a 13), isto é, não sofreram nenhum tipo de modificação nem correção linguística.

O questionário é introduzido por uma carta de apresentação, explicando o objetivo da pesquisa, solicitando a colaboração das alunas e salvaguardando a confidencialidade. A seguir, encontra-se o modelo do questionário propriamente, antecedido por itens acerca de informações objetivas de identificação das alunas.

Dados de Identificação:

Nome: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Formação Escolar: _____ Profissão: _____

Informações:

1. Curso Técnico Profissionalizante de Mecânica:

1.1. Ano de Ingresso: _____ Idade (quando ingressaste): _____

1.2. Ano da Formatura: _____ Idade (quando te formaste): _____

2. Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

3. Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

4. Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

5. Exercício da profissão

5.1. Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exercestes ou exerces).

5.2. Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

No que diz respeito à variabilidade de enunciados para investigação das determinações sócio-históricas culturais, as questões apresentadas no questionário apontam para a esquematização de três espaços determinantes — familiar, escolar e profissional — para o estabelecimento e compreensão da relação entre mulheres e o Curso Técnico de Mecânica, a partir da sua implantação até o presente, considerando-se a amostra selecionada, composta por 8 alunas egressas e 5 ingressantes de diferentes idades, com distintas formações e profissões, bem como diversificado ano de ingresso/formatura no curso profissionalizante, assim identificadas:

- Egressa (E-1; E-2; E-3; E-4; E-5; E-6; E-7; E-8)
- Ingressante (I-1; I-2; I-3; I-4; I-5)

Não obstante o levantamento acadêmico realizado, a coleta de registros documentais antigos e a localização de alunas atravessaram alguns percalços para a sua realização: acervos arquivísticos quando não destruídos pela ação do tempo ou de outros fatores, encontravam inconsistência nos dados sistematizados (essencialmente telefones e endereço eletrônico). Por esse motivo, foi realizada uma pesquisa para, via internet e informações esparsas colhidas

junto a pessoas conhecidas das egressas, localizá-las. Após, foi enviado o questionário às alunas que o responderam prontamente. As ingressantes foram convidadas pessoalmente pela pesquisadora, porém o questionário foi respondido via e-mail, no mesmo formato enviado às egressas⁴⁰.

Para concretizar a análise dos dados contidos no questionário, recorro a categorias da Análise Crítica do Discurso — vocabulário e gramática, especialmente —, ao conceito de contexto, na concepção de Van Dijk (2012), às noções acerca de operadores argumentativos e marcadores, conforme concebidos por Ingedore Koch e nos estudos de gênero.

De acordo com Koch (2007), os operadores argumentativos são elementos da gramática “que têm por função indicar (“mostrar”) a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para o qual apontam” (p. 30); enquanto que os marcadores correspondem às marcas que introduzem pressupostos que ficam à margem da discussão (p. 46).

A partir da análise de escolhas lexicais do *corpus*, de classes gramaticais diversas — substantivos, adjetivos, advérbios, conjunções e verbos — e das implicações discursivas em cada contexto, dou ênfase especial a termos como “estranha/o”, “surpresas/os”, “suja/o”, “mas”, “embora”, “sempre”, “nunca”, “não”, “conquistar”, “surpreender” e “provar”, encontrados com frequência nos discursos tanto das egressas quanto das ingressantes. Esse aparato teórico-analítico permite detectar as marcas linguísticas acerca das injunções sócio-históricas e os valores ideológicos vinculados à formação técnica de alunas egressas e ingressantes no Curso de Mecânica.

Os três espaços apontados pelas questões propostas no questionário correspondem aos contextos nos quais são inseridas, em termos de interação comunicacional, as manifestações das alunas. A estes espaços foram dados os nomes de: contexto familiar, contexto escolar e contexto profissional, subdividido, este último, em motivação, exercício da profissão e expectativas com relação à equação mulher/mecânica.

Um dos estudos mais completos a respeito da relevância do contexto para uma compreensão mais abrangente de uma interação verbal encontra-se na obra *Discurso e Contexto* (2012), de Van Dijk. Para este autor, os contextos são levados em conta com o fim de compreender melhor o discurso, uma vez que nem tudo o que é conhecido como “pano de fundo” do discurso é necessariamente parte do seu “contexto”, por isso é necessário desenvolver uma teoria do contexto, ou seja: “selecionar aqueles elementos de uma situação comunicativa que são sistematicamente relevantes para a fala ou o texto” (p. 10-11). Esta

⁴⁰ A aplicação do questionário ocorreu entre os meses de abril/2013 e abril/2014. Entretanto, a qualquer tempo, a pesquisa esteve disponível a novas colaborações.

posição leva à noção de “modelos de contextos”, considerados interpretações subjetivas das situações comunicativas (p. 11).

É importante compreender a combinação texto-em-contexto do discurso, para chegarmos ao entendimento do assunto (p. 16). O contexto abrange “categorias tais como as identidades e os papéis dos participantes, o lugar, o tempo, as instituições, as ações políticas e o conhecimento político, entre outros componentes” (p. 17).

A análise ‘contextual’ do discurso ultrapassa as análises e entendimentos gramaticais, ‘textuais’ ou interacionais, na medida em que a análise de propriedades relevantes do contexto leva ao entendimento contextualizado (p. 18). Conceitos correlatos ao contexto são, portanto: situação, circunstâncias e entorno. O discurso tem que ser estudado em relação ao seu ambiente, por isso, não só descrevemos, mas também e especialmente, explicamos, afirma Van Dijk (p.19).

Após o final dos anos 70 e início dos 80 é que os discursos foram estudados mais sistematicamente em seu contexto social, histórico e cultural (p. 23). A ACD desenvolveu-se paralelamente ao movimento feminista e ao estudo crítico do gênero social, da língua e do discurso, sofrendo as influências desses outros movimentos (p. 24). Por isso, utilizar na análise as categorias culturais que fazem parte do contexto, tais quais, tempo, lugar, participantes (e suas diferentes identidades ou papéis), ação, propósitos e conhecimento (p. 35), pode levar a uma abordagem pragmática do discurso. Nesse viés, os usuários da língua adaptam sua interação discursiva aos ‘entornos’ socioculturais e cognitivos do momento (p. 37), conforme se verifica pela análise das respostas das alunas dadas nos questionários.

Na análise proposta nesta dissertação, as perquirições no âmbito do ‘macro contexto’ pode levar a reflexões sobre a visão histórico-social e institucional que ancora o discurso e no ‘micro contexto’, a informações de natureza sociointeracional que informam os textos escritos nos questionários. Da análise do(s) contexto(s), é possível identificar os papéis sociais ou as alterações de posicionamento das participantes.

Os contextos podem ser classificados em tipos diferentes, geralmente relacionados aos gêneros discursivos. Assim, podem ser classificados por esferas (público ou privado), por modos (falado, escrito, multimedial), por domínios sociais (política, mídia, educação), por papéis e relações das participantes (filha, aluna, colega, irmã). Estas são categorias de esquemas formais (p. 42), embora saibamos que os contextos variam culturalmente, por isso, podem ser combinados, flexível e estrategicamente, com outras categorias con/textuais. Sem dúvida, há um processo dialético entre texto e contexto.

A análise dos textos das alunas leva a examinar simultaneamente questões de forma, de significado, as convenções discursivas, bem como a buscar as ideologias e hegemonias que transitam na conexão texto/contexto. Nesse sentido, a fim de ampliar a compreensão dos sentidos que partem da seleção lexical, dos elementos gramaticais e da estrutura frasal, lanço mão de algumas manifestações linguísticas que contribuem, segundo Ingedore Koch, em *A inter-ação pela linguagem* (2007), para o que a autora denomina de *linguística do discurso* (p. 9, grifo no original). O movimento da análise entre o texto e o contexto é dialético, e nesse viés torna-se importante lidar com marcadores linguísticos sobre os quais as significações que se tramam podem estar assentadas por força do valor argumentativo impresso no enunciado. Considero também, as posições assumidas pelos sujeitos do discurso, no contexto familiar, escolar e profissional, atentando para as variações de sentidos no processamento do dizer na arquitetura do texto, com o fim de melhor perceber de que forma a estrutura de superfície emite ideologias. Essas, sabemos, são determinantes nos discursos das alunas egressas e ingressantes, ao se manifestarem a partir de lócus diferentes, nos três contextos enfocados, seja como filha, irmã, amiga, profissional, aluna, colega etc.

A análise do *corpus* acerca das representações das práticas sociais relacionadas à presença das mulheres no Curso Técnico de Mecânica está associada à dimensão textual e à prática discursiva e vem apresentada em dois grandes grupos formados pelas alunas egressas e pelas ingressantes.

Somos nós o alicerce da Pátria,
Mocidade incansável audaz [...]
Companheiros, avante sigamos
Com imenso entusiasmo viril.
[...] ***Por um mundo melhor para todos***
Nós estamos na Escola a lutar [...]

(trecho do Hino da Escola Técnica Federal de Pelotas, grifos acrescentados).⁴¹

3.1 Egressas

Os dados transcritos para o Quadro 6 permitem visualizar que, no recorte de 1975 a 2012, o número de egressas entrevistadas corresponde a 8 alunas.

QUADRO 6 – Representatividade feminina por ano de formatura

| CURSO DE TÉCNICO EM MECÂNICA | | | | | |
|------------------------------|------------------|-------------------------|-----------|-------|-------------------------|
| EGRESSA ENTREVISTADA | ANO DE FORMATURA | QUANTITATIVO POR GÊNERO | | TOTAL | PARCELA FEMININA (EM %) |
| | | FEMININO | MASCULINO | | |
| E-1 | 1975 | 11 | 76 | 87 | 12,64 |
| E-2 | 1981 | 6 | 53 | 59 | 10,17 |
| E-3 | 1984 | 6 | 29 | 35 | 17,14 |
| E-4 | 1990 | 13 | 52 | 65 | 20,00 |
| E-5 | 1993 | 12 | 46 | 58 | 20,69 |
| E-6 | 1995 | 19 | 43 | 62 | 30,65 |
| E-7 | 1996 | 27 | 66 | 93 | 29,03 |
| E-8 | 2012 | 6 | 47 | 53 | 11,32 |

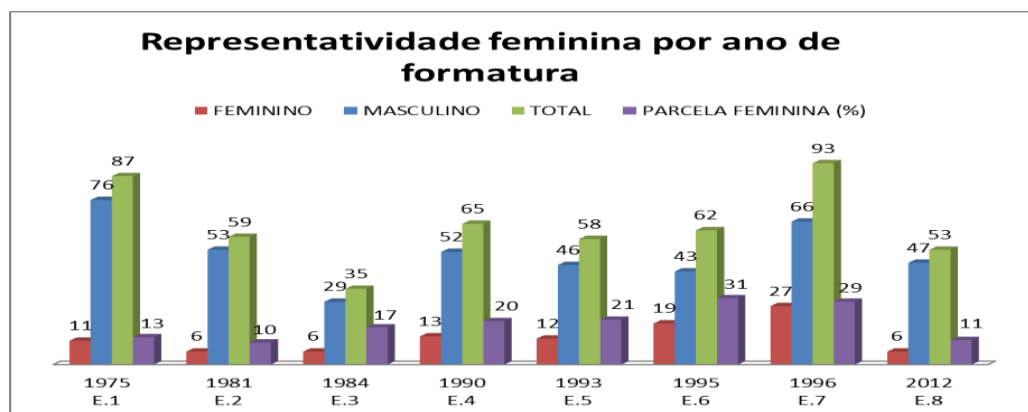
FONTE: Sistema de Registros Acadêmicos/IF Sul Campus Pelotas

Pormenorizando o levantamento, observa-se que, percentualmente, o número de representantes femininas que passaram pelo curso mais antigo implantado no *Campus Pelotas* era maior em 1975 (ano de formatura da primeira mulher), se comparado a 2012 (ano de formatura da última entrevistada), tendo havido, inclusive, um decréscimo no número de alunas.

Os maiores índices do período estão a partir de 1984 quando, do total de estudantes que se formaram, 17,14% eram mulheres, média superada na década de 90, com 30,65% em 1995 e 29,03% egressas em 1996. Porém, o acréscimo ainda é muito distante do ideal. Seria esperado, depois de todos os movimentos feministas que, em qualquer área do conhecimento, houvesse um aumento considerável.

Recuperando esses dados a respeito da representatividade de egressas, tem-se o gráfico a seguir:

GRÁFICO 1 – Representação gráfica das entrevistadas egressas



⁴¹ O hino que atualmente é pouco conhecido e raramente executado pela comunidade acadêmica, destaca a figura masculina e indica que a Instituição foi projetada para e pelos homens, representantes da Pátria, dotados de imenso entusiasmo viril a lutar por um mundo melhor para a nação!

Esse resultado reflete o perfil de gênero dos estudantes do Curso de Mecânica e remete às análises que seguem:

3.1.1 E-1[Anexo 1]

Contexto familiar:

Informação: Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Resposta:

“[...] a família apoiou e respeitou sempre minha escolha, [...] meu irmão mais velho me serviu de inspiração e modelo, pois é formado em mecânica. [...]”.

Ao falar da família, a entrevistada não especifica sua composição, mas revela ter sido apoiada e respeitada, utilizando o advérbio “sempre” para evidenciar a ausência de contestação. A figura do irmão mais velho [técnico em mecânica] é destacada como uma influência significativamente positiva em sua escolha [pelo curso] e um estímulo na profissão.

Contexto escolar:

Informação: Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Resposta:

[Professores] “Completamente sem discriminação, sempre atenciosos e davam o apoio merecido nas tarefas realizadas. [...] Professores dedicados, responsáveis e amigos [...]”.
[Colegas] “[...] Amigos cordiais ,vivíamos como uma grande família, um ajudando o outro sempre que precisasse. [...] colegas companheiros e amigos, alguns até o dia de hoje, são amizades valiosas” [.]

No que diz respeito ao âmbito escolar, é negada a existência de qualquer ato discriminatório por parte dos docentes e, no que tange aos colegas [homens], a relação é apresentada como harmoniosa e igualitária, sendo significativa a posição assumida pela egressa em relação a eles: “[...] companheiros e amigos, [...] amizades valiosas”.

Mais uma vez a questão do tratamento encontra-se implicada na reiteração do advérbio “sempre”: nas formulações “[...] sempre atenciosos [...]” e “[...] um ajudando o outro sempre [...]”], o emprego do vocábulo evidencia a existência de auxílio mútuo ante as dificuldades escolares.

Além disso, outro elemento revela um significado emocional/afetivo reproduzido no ambiente escolar vivenciado: a ocorrência da símile “família” cujo sentido implica aspectos sociais e culturais de significação. O vocábulo atribui aos colegas uma valorização que

abrange o conceito de família, porém vai além do modelo de núcleo familiar (pai, mãe e filhos); compreende uma relação de união, companheirismo e apoio definida por laços de afetividade/afinidade.

Contexto profissional:

1) Motivação

Informação: Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Resposta:

“Amor a graxa, vontade de vencer as barreiras e preconceitos, que existem em relação a mulher ao executar uma tarefa bastante suja em relação a graxa, mas muito limpa em relação a realização do próprio eu, poder provar o poder da mulher como mecânica”.

Ao explicitar os motivos da escolha profissional, a entrevistada recorre ao operador “mas” para estabelecer uma relação de oposição de sentido entre os adjetivos “suja” e “limpa”. Essas escolhas lexicais deixam marcas no discurso que estão atreladas ao exercício da profissão e à construção do perfil da mulher técnica em mecânica: “[...] suja em relação a graxa, mas muito limpa em relação a realização do próprio eu [...]”.

Outro aspecto destacado na motivação está associado à manifestação de “barreiras e preconceitos” em relação às mulheres e à necessidade de dar provas [à sociedade] de que podem exercer plenamente a profissão.

2) Exercício da profissão

Informação: Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exerceste ou exerces).

Resposta:

“Os poucos anos que trabalhei na área me foi muito gratificante, pois trabalhei com cálculo técnico e desenho técnico no SENAI contratada como painelista, mas [...] fui colocada a disposição, fiz outros concursos e acabei não voltando para a área da mecânica[.] Hoje me sinto um pouco frustrada por não fazer parte de uma profissão que abracei por amor, mas que não pude continuar. [...]”.

Ao relembrar sua experiência em uma renomada instituição, a egressa pontua as atividades em que se capacitou, indicando êxito profissional e pretensão em seguir a carreira técnica.

Entretanto, por questões alheias à sua vontade, outro foi o deslinde. Novos rumos profissionais foram tomados, ficando a Mecânica no plano dos sonhos, sentimento caracterizado por um adjetivo que exprime desilusão: “frustrada”. É o que atestam as

sequências “mas [...] fui colocada a disposição [...]” e “[...] mas que não pude continuar”, corroboradas pela presença do operador argumentativo “mas”.

3) Expectativas com relação à equação mulher/mecânica

Informação: Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Resposta:

“Espero que com a evolução da tecnologia [...] na área da mecânica o espaço para as mulheres aumente, pois elas são mais minuciosas para acabamentos de determinadas tarefas e, espero realizar ainda o sonho de trabalhar na área que tanto amo”.

Ao discorrer sobre suas expectativas, a entrevistada aponta para a desigualdade de gênero no mercado de trabalho, mostrando-se esperançosa diante das inovações tecnológicas por considerar que garantiriam maior participação da força de trabalho feminina na área industrial.

Para reforçar esse posicionamento, a egressa recorre ao adjetivo “minuciosas” para justificar um argumento culturalmente difundido de que a minúcia é um atributo característico do trabalho feminino, por ser a habilidade manual um predicado peculiar às mulheres, motivo pelo qual se adequam melhor a atividades específicas do ramo.

3.1.2 E-2 [Anexo 2]

Contexto familiar:

Informação: Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Resposta:

“Meus pais sempre ficaram com o pé atrás, mas nunca disseram uma palavra contra [...]. “É claro que muitas vezes me fizeram a fatídica pergunta: Mas esse curso não é pra homem? Vais ter onde trabalhar?, mas com o passar do tempo as pessoas foram vendo que era possível uma mulher atuar nesta área”.

No relato da egressa, o uso do advérbio “sempre” associado à expressão metafórica “com o pé atrás” no enunciado “[...] sempre ficaram com o pé atrás [...]” aponta um descontentamento dos pais, indicando que eles ficaram reticentes, com reservas em relação à sua escolha profissional. Apesar disso, não oprimiram nem reprimiram, “[...] nunca disseram uma palavra contra [...]”, assentiram silenciosamente.

A escolha do advérbio de negação “nunca” aponta para hesitação, incerteza dos familiares quanto ao modo de agir e de se expressar sobre o que realmente pensam, seja por

receio de magoar a filha, seja por desconhecer a abrangência da área técnica. Contudo, o discurso dos pais vai em direção a uma visão que corrobora a ideia de que a área científica e tecnológica, particularmente a Mecânica, não é “lugar de mulher”: “[...] Mas esse curso não é pra homem? Vais ter onde trabalhar? [...]”. O operador argumentativo “mas” é adotado para exemplificar como as práticas discursivas reproduzem as práticas sociais que segregam a carreira.

Em “[...] mas com o passar do tempo as pessoas foram vendo que era possível uma mulher atuar nesta área”, é reiterado o uso do operador “mas” para introduzir uma relação de oposição quanto à postura [preconceituosa] adotada pelas “pessoas” acerca da opção por uma carreira culturalmente atrelada ao masculino. A indefinição do termo “pessoas” não permite identificar os sujeitos a quem se refere, o que impossibilita determinar o tipo de relação social existente com a egressa.

Contexto escolar:

Informação: Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Resposta:

“Os colegas ficavam meio assim, mas eu tinha mais 3 colegas mulheres e isso facilitou, pois fizemos um grupo e nos ajudávamos [...]. Os professores não demonstravam muita coisa não, [...] pode ser até que pensassem sobre se valia a pena estarmos ali, mas não diziam nada. Eu inclusive fui estagiária e ajudei em muitos trabalhos de manutenção no curso e assim que com trabalho fomos conquistando nosso espaço no meio profissional”.

Em relação à postura dos colegas [homens], a egressa não conclui o que está dizendo. A utilização da expressão “meio assim” na construção discursiva “[...] ficavam meio assim [...]” não aponta preconceito, mas deixa uma lacuna que pode ser interpretada como indício de discriminação em relação ao gênero devido à presença [incomum] de mulheres na Mecânica. A adoção da conjunção “mas” é muito significativa na mudança comportamental dos colegas, pois complementa esse sentido. A declaração “[...] mas eu tinha mais 3 colegas mulheres [...]”, reproduz, com o auxílio do verbo “conquistar”, empregado no gerúndio, o que a organização, a união e o empenho do grupo feminino obteve: “[...] fomos conquistando nosso espaço no meio profissional”.

No enunciado, “Os professores não demonstravam muita coisa não, [...] pode ser até que pensassem sobre se valia a pena estarmos ali, mas não diziam nada”, além de a egressa recorrer, mais uma vez, ao operador argumentativo “mas”, outro recurso linguístico abundantemente usado é a repetição do advérbio de negação “não” para enfatizar que não

vivenciou preconceito por parte dos professores, apesar de cogitar a possibilidade de um pensamento silenciado, sufocado.

Contexto profissional:

1) Motivação

Informação: Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Resposta:

“Eu morava no interior (campanha) e minha madrinha me oportunizou vir pra cidade e poder estudar e me falou muito dessa Escola Técnica e fiquei entusiasmada, até porque já sairia com uma profissão e eu tinha vontade de me formar, trabalhar, ter minha independência. Assim fiz o teste para ingresso na Escola ainda sem precisar escolher o curso, daí tive a oportunidade de, em um ano, conhecer os diversos cursos que ela oferecia, [...] e dentre os que visitei (Mecânica, Eletromecânica, Eletrotécnica, Edificações, Eletrônica e Telecomunicações), foi o que mais me identifiquei, as máquinas, os trabalhos a fazer (sempre fui muito dinâmica) e também os meus testes vocacionais resultaram entre Mecânica e Eletromecânica (em função da parte lógica, cálculo)”.

Em seu discurso, a entrevistada relembra os aspectos familiares [o lar no interior e a madrinha], através daquilo que experienciou [vir morar na cidade de Pelotas] e do que lhe foi passado [o alto nível de qualificação da Instituição de ensino] fazendo uso do adjetivo “entusiasmada” antecedido do advérbio de intensidade “muito”, para enfatizar o estímulo e incentivo recebido de uma figura feminina para estudar em uma escola cujo ensino é voltado para habilitação em profissões técnicas consideradas, em sua maioria, tipicamente masculinas [Mecânica, Eletromecânica, Eletrotécnica, Edificações, Eletrônica e Telecomunicações].

A fim de direcionar a favor da conclusão, o operador argumentativo “também” é empregado para ressaltar que a escolha pela Mecânica se deu somente após a resposta dos testes vocacionais a que se submeteu, pois até então, não visava o curso; resultado que deve ao fato de gostar das ciências exatas, do raciocínio lógico, do cálculo, quebrando os estereótipos de que as mulheres não gostam de números.

2) Exercício da profissão

Informação: Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exerceste ou exerces).

Resposta:

“[...] eu já tinha começado a trabalhar numa empresa chamada INDUMEC, uma indústria mecânica, na verdade fui indicada pelos professores [...] comecei como auxiliar técnica e fiz diversos trabalhos relacionados ao curso, mas no início o meu chefe me dava pra fazer somente coisas superficiais e mais de secretária, inclusive se surpreendeu quando eu coloquei numa ordem crescente uma lista de materiais que envolviam polegadas (unidade de medida inglesa) e assim que ele não me reconhecia como técnica, mas eu sempre fui muito dedicada e

fui convencendo ele de que eu era capaz, a continuidade de minha caminhada lá foi de desenhista mecânica, programadora de produção, depois encarregada deste setor e por fim, chefe do departamento de projetos. Assim que as pessoas tinham uma resistência pela cultura, preconceito, e foi preciso demonstrar que uma mulher poderia exercer a função tipicamente desempenhada pelos homens. Ao final eu era a pessoa de confiança da área técnica e isso se deu em 5 anos no total, depois fiz concurso e ingressei como a primeira professora do Curso Técnico de Mecânica e aí não foram os colegas professores que me discriminaram, pois eles já me conheciam e tinham acompanhado meu desempenho na indústria, mas forma os alunos homens que me olhavam sem acreditar que eu poderia dar aulas a eles [...]”.

Na resposta, a entrevistada pontua sua trajetória profissional desde o 1º emprego na indústria INDUMEC até o exercício da docência no curso de Mecânica da antiga ETFPEL, atual IFSul. Em seu relato quanto à experiência inicial, é possível perceber que, além da representação das relações de poder, há influência das concepções do espaço privado repercutindo no espaço público: “[...] meu chefe me dava pra fazer somente coisas superficiais e mais de secretária [...]”. No imaginário social, as atividades administrativas [de secretária] são historicamente associadas às mulheres por conta dos “dotes” femininos correlacionados ao cuidado, à destreza e aos trabalhos manuais, entre outras habilidades. Deste modo, a atribuição dessas atividades por uma “técnica em mecânica”, discursiviza uma linguagem que reforça os estereótipos de gênero.

Quando analisada a ascensão profissional da egressa no lapso temporal de 5 anos, é destacada a desvalorização de sua “capacidade intelectual e profissional” por ser mulher, precisando se submeter a provas de “convencimento” (das mais diferentes formas) para “demonstrar” que era competente e que podia exercer uma função “masculina”: “[...] [o chefe] se surpreendeu quando eu coloquei numa ordem crescente uma lista de materiais que envolviam polegadas (unidade de medida inglesa) e assim que ele não me reconhecia como técnica, mas eu sempre fui muito dedicada e fui convencendo ele de que eu era capaz [...]”.

Em relação à seleção das escolhas lexicais pela entrevistada, o verbo “surpreender” assinala admiração e espanto, mas também, um preconceito latente em relação às mulheres, assim como o substantivo “resistência”. Também o operador argumentativo “mas” aparece de forma reiterada nos enunciados, indicando uma relação de oposição. Com o uso do advérbio de intensidade “muito”, é ressaltado o sentido atribuído ao adjetivo “dedicada”, ao se definir como uma profissional aplicada e esforçada.

No meio profissional acadêmico, como docente pioneira do Curso Técnico de Mecânica, a egressa ressalta que não precisou se firmar perante os colegas docentes, pois eram sabedores da sua competência e do seu profissionalismo. Porém, ao sair do habitual, ou seja, do padrão feminino tradicional no magistério, a segregação é observada pelos estudantes

do sexo masculino, visto ser notório o descrédito e o preconceito por uma mulher lecionar no espaço “deles”, embora tivesse a mesma qualificação/formação e técnica profissional que os demais docentes.

3) Expectativas com relação à equação mulher/mecânica

Informação: Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Resposta:

“[...] quando eu falo que sou professora de Mecânica, as pessoas se surpreendem. Eu estive participando de um grupo (11 pessoas) que foi fazer um estágio na área de desenvolvimento tecnológico em Universidades na Itália (somente eu de mulher) fui a última a obter a carta de aceite da Universidade de lá, aliás eu só fui depois que o primeiro grupo já estava voltando e a carta de aceite só saiu porque um dos colegas afirmou ao diretor de lá que eu era uma pessoa capaz. Chegando lá acabei ficando sozinha na Universidade de todo o grupo que já tinha completado seu semestre por lá, procurei assistir as aulas e fazer as tarefas do estágio com a maior dedicação o que me resultou a solicitação oficial ao CNPQ para que estendesse minha permanência por lá por mais 6 meses, assim que eu fui a única dos 11 brasileiros que ficou um ano com bolsa de estudos na Itália. Após esse período eu acabei me demitindo da ETEP, indo morar na Itália, onde trabalhei numa empresa de projetos e tive oportunidades de crescer dentro da minha área por lá. Primeiro meus chefes ficaram com uma ressalva com relação a minha pessoa, mas em seguida se desfez e consegui demonstrar meu potencial técnico também naquele país e só saí da empresa porque decidi retornar ao Brasil [...]. Retornando fiz novo concurso e ingressei novamente como professora do Curso Técnico de Mecânica em fevereiro de 1996 e estou ali até hoje. Também ministrei aulas nos Cursos Superiores de Tecnologia de Sistemas de Telecomunicações, Automação Industrial e Mecânica. Fui coordenadora do Curso Técnico de Mecânica, Diretora da Unidade Sede do CEFET-RS, Vice-diretora Geral do CEFET-RS, Diretora da Unidade Descentralizada de Sapucaia do Sul, Pró-reitora de Desenvolvimento Institucional do IFSul e ainda substituí o Diretor-geral do Campus Pelotas – Visconde da Graça durante o mês de março de 2013. Hoje estou atuando como professora do curso de mecânica e cursando meu doutorado na área de educação”.

No enunciado “[...] quando eu falo que sou professora de Mecânica, as pessoas se surpreendem”, o verbo “surpreender”, novamente, é utilizado assinalando espanto e admiração pela atuação “incomum” da entrevistada em uma carreira socialmente construída como “masculina”, refletindo uma ideologia sexista que reforça papéis dicotomizados. Cumpre ressaltar que, no contexto, o termo “pessoas” assinala, tão somente, que os sujeitos referidos pertencem ao mesmo meio social da egressa.

Quando abordadas as expectativas profissionais, o discurso é marcado pelo machismo e discriminação, sendo apontada a limitação e a restrição por ser a “única representante feminina”, dentre 11 docentes a participar de um estágio profissional no exterior, por meio dos operadores argumentativos “somente” e da reiteração de “só” nos enunciados “[...] somente eu de mulher [...]”, “[...] só fui depois que o primeiro grupo já estava voltando [...]” e

“[...] a carta de aceite só saiu porque um dos colegas afirmou ao diretor de lá que eu era uma pessoa capaz [...]”. Em geral, a egressa teve que construir uma rede de relações que atestasse sua capacidade e comprometimento e ainda teve que mostrar um desempenho excepcional, fazendo tudo com a “maior dedicação” para que alcançasse o reconhecimento da Universidade, empenho que a destacou nos estudos.

Ao fim, a experiência proporcionou patamares mais elevados à entrevistada e ela conquistou uma oportunidade de emprego no ramo de projetos, embora o substantivo “ressalva” indique ter vivenciado alguns obstáculos, sugerindo ter havido reservas por ousar habitar em um universo predominantemente masculino. Porém, a proposição estabelecida pelo operador argumentativo “mas” indica que, em pouco tempo, esta situação se modificou: “[...] mas em seguida se desfez e consegui demonstrar meu potencial técnico também naquele país [...]”. Embora os obstáculos, nada desencorajou a entrevistada, que sempre acreditou no seu potencial, assim é que alcançou importantes cargos de gestão. Através das práticas discursivas, é possível perceber como se naturalizam as relações desiguais, de poder e de gênero, nos diversos contextos sociais.

3.1.3 E-3 [Anexo 3]

Contexto familiar:

Informação: Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Resposta:

“Muitos amigos foram contra e acharam absurdo eu escolher a Mecânica. A minha irmã foi a pessoa que mais me marcou, pois como ela já estava concluindo o Curso de Telecomunicações, ela se achava muito superior e mais inteligente, tanto que ela comentou que eu, realmente tinha mesmo era que viver com a mão na graxa. Lembro que aquilo me magoou, mas não desisti da minha escolha. Outras pessoas também achavam impossível eu estudar Mecânica, muitas vezes por causa do meu tipo físico, afinal eu era mulher, jovem e muito magra, portanto frágil e fraca para um trabalho considerado pesado, já que as pessoas e, inclusive eu, não tínhamos noção exata do que seria ser Técnico Mecânico”.

Em seu depoimento, a entrevistada revela que diversos amigos não concordaram com o curso técnico, achando um disparate escolher a Mecânica. Quanto ao emprego da palavra “amigos”, vale ressaltar que se aplica indiferentemente ao feminino e masculino, com quem ela, portanto, se nivela em termos de relações sociais.

Além dos amigos, é citada sua irmã. Ela, por estar concluindo o Curso de Telecomunicações, se considerava sábia e em posição mais elevada do que a egressa. A oposição da irmã revela conflitos relacionados à qualificação e ao saber.

A presença do operador argumentativo “mas” no trecho “[...] mas não desisti da minha escolha [...]” mostra que, indiretamente foi sua irmã quem a motivou a seguir estudando Mecânica ao ouvir dela que “[...] realmente tinha mesmo era que viver com a mão na graxa [...]”, opinião que só veio a reforçar a escolha pelo curso.

A opinião de “outras pessoas”, pautado na anatomia física, também é destacada: “[...] eu era mulher, jovem e muito magra, portanto frágil e fraca [...]”. Por ser indefinido, o termo “pessoas” não permite estabelecer o grau de relação existente entre a egressa e os sujeitos a quem se refere, indicando apenas partilharem do mesmo círculo social.

Denota-se que os adjetivos “jovem”, “magra”, “frágil” e “fraca” contribuem negativamente para uma representação das mulheres centrada na aparência física. Na construção do discurso subentende-se que, para atuação na área técnica de mecânica seria necessário preencher determinados padrões estéticos, tradicionalmente valorizados, mas não atribuídos à egressa.

É possível evidenciar que a entrevistada identifica o curso de Mecânica por meio dos termos “graxa” e “pesado”; revelando que antes de iniciar o curso não tinha “[...] noção exata do que seria ser Técnico Mecânico”. Além disso, estes termos, tanto o substantivo quanto o adjetivo, habitam o mesmo universo semântico, por força do contexto maior determinado pelo curso de Mecânica. O sentido a eles atribuído, entretanto, entra em conflito com o dos adjetivos referidos anteriormente — jovem, magra, frágil e fraca — não só na área estética, como também no que concerne a um físico adequado para o desempenho da profissão. Porém, é preciso acrescentar que em tempos remotos, a operação e o controle da maioria dos equipamentos industriais eram manuais, exigindo esforço físico na execução das tarefas.

Contexto escolar:

Informação: Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Resposta:

“[...] sempre fui muito mimada, principalmente pelos colegas, nos primeiros semestre, quando havia outras meninas, nem tanto, mas no final quando era só eu e eles, [...] me tratavam igualmente, competiam para realizar trabalhos em dupla e me respeitavam, pois sempre gostei de estudar e mostrava que era competente e metódica, [...] sempre adorei desafios. Eu me sentia no meu próprio ambiente.

Os professores nunca fizeram diferença no tratamento, as exigências eram as mesmas, talvez parecesse que havia proteção porque, sempre fazíamos tudo com mais cuidado, principalmente nas aulas de tornearia, fresagem e retificação”.

Em relação aos colegas [homens] não se sente discriminada, mas ao contrário, mimada. Depreendo no fio do discurso que, quando havia mais alunas mulheres na turma, nem sempre a egressa recebeu tratamento igualitário por parte dos meninos, o que só ocorreu ao final do curso, após a desistência das demais alunas: “[...] mas no final quando era só eu e eles, [...] me tratavam igualmente, competiam para realizar trabalhos em dupla e me respeitavam [...]” e, ainda, ao recordar do tratamento em aula, a egressa se define como uma aluna disciplinada e aplicada aos estudos: “[...] sempre gostei de estudar e mostrava que era competente e metódica [...]”. Em seu discurso, a egressa reconhece que sua competência como aluna é determinante para o comportamento dos colegas, isto é, ela merece o respeito deles. Ao utilizar o operador argumentativo “mas”, infiro que a entrevistada não era mimada, mas visada, disputada nos trabalhos em dupla por suas qualidades, pois certamente ela iria dar o seu melhor, favorecendo a troca de conhecimentos e contribuindo significativamente para a obtenção de um bom resultado.

Quanto aos professores, recorre ao advérbio de negação “nunca” para afirmar a total ausência de discriminação. No discurso, a egressa ainda opta pela utilização dos termos “tornearia, fresagem e retificação”, para identificar sua competência no contexto da sala de aula do curso de Mecânica.

Contexto profissional:

1) Motivação

Informação: Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Resposta:

“Inicialmente, não pensava em fazer o Curso de Mecânica, durante uma visita aos pavilhões dos cursos foi que me apaixonei, lembro que fomos convidados a assistir a uma aula de fundição, onde os alunos mostraram as caixas com os moldes das peças que seriam utilizadas. Nunca foi então que decidi pela Mecânica”.

Os advérbios de negação “não” e “nunca” são utilizados pela entrevistada para justificar a escolha pela Mecânica e esclarecer que desconhecia o curso. Os termos específicos à área, “fundição” e “peças”, tornam evidente que somente após a observação de determinados procedimentos em uma visita técnica ao curso, teve seu interesse despertado.

2) Exercício da profissão

Informação: Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exercestes ou exerces).

Resposta:

“Não consegui exercer a profissão de Técnica Mecânica”.

3) Expectativas com relação à equação mulher/mecânica

Informação: Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Resposta:

“Durante a procura por emprego sempre recebi como resposta que era muito jovem e que os profissionais sendo mais antigos e homens não aceitariam receber ordens de alguém tão jovem e, ainda por cima, mulher [...]. Não havia vagas/oferta de trabalho em Pelotas naquela época e, as poucas que surgiram, a resposta sempre foi á mesma, muito jovem, mulher e aspecto frágil.

As perspectivas que restavam era tentar entrar na Petrobrás, o que era difícil, pois as vagas/concurso eram muito concorridas e, geralmente eram para eletromecânica e não mecânica.

Procurei trabalho na área de mecânica por mais de um ano e não consegui, como precisava trabalhar acabei aceitando o primeiro emprego que surgiu [...], o que me levou para a área da saúde [...], mas mesmo hoje, [...] a mecânica me serve muito, [...].

Acredito que se eu tivesse tido oportunidade, ainda estaria na área da Mecânica, é algo que ainda me fascina”.

Em relação ao campo profissional, além da referência a pouca oferta de vagas e concursos na área da Mecânica, na cidade de Pelotas por volta de 1984, ano da formatura da egressa, seu discurso é construído sobre a ênfase no preconceito contra a mulher mecânica. O fato de ser mulher e jovem reitera o estereótipo da anatomia física como limitador da ação da mulher fora do espaço feminino, assim concebido pela sociedade. Entretanto, o discurso da egressa reforça especialmente a acepção social de que uma jovem mulher jamais seria aceita como chefe de “profissionais mais antigos e homens”.

Na sequência “[...] a resposta sempre foi á mesma, muito jovem, mulher e aspecto frágil [...]”, a escolha da expressão “aspecto frágil” complementa o explicitado na análise anterior e demonstra que, apesar de a mulher se profissionalizar e estar cada vez mais presente no mercado de trabalho, ainda há pouco espaço para inserção do público feminino.

No recorte “[...] se eu tivesse tido oportunidade, ainda estaria na área da Mecânica, [pois] é algo que ainda me fascina”, o enunciado aponta discursivamente para o aspecto emocional da egressa, em que se verifica sua afeição com a área técnica industrial, o que demonstra sua experiência positiva no curso. Em “[...] mesmo hoje, [...] a Mecânica me serve muito [...]” o fato de ela não ter conseguido atuar na área é suavizado, pois ela consegue

aplicar em suas atividades desenvolvidas no campo da saúde os conhecimentos adquiridos no curso de Mecânica.

3.1.4 E-4 [Anexo 4]

Contexto familiar:

Informação: Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Resposta:

“As peçoas estranhavam a escolha. Principalmente porque imaginavam tratar-se de um curso automotivo e não industrial”.

No discurso que remete ao contexto familiar, a egressa recorre ao termo “peçoas”, que estabelece uma indefinição quanto ao grau de relação entre a entrevistada e os sujeitos com quem convive. Essas “peçoas” podem ser membros da família, afastadas ou muito chegadas a ela, bem como conhecidas, próximas a ela ou não. O termo indica apenas indivíduos que partilham do mesmo espaço de convívio. Tal indefinição impossibilita determinar sua posição hierárquica em relação às “peçoas” a quem está se referindo, que pode ser inferior, superior ou mesmo igualitária.

No trecho “[...] estranhavam a escolha [do curso de Mecânica]”, o significado aparente que aponta para o estranhamento das peçoas com relação ao curso escolhido reflete valores discriminatórios e, por vezes, preconceituosos contra as mulheres, reproduzidos por uma ideologia sexista que reforça modelos de papéis sexuais dicotomizados entre carreiras profissionais ditas masculinas e femininas.

Contexto escolar:

Informação: Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Resposta:

“Normal, embora tenha terminado como única aluna da turma. Porém ficou marcado uma atividade prática em que tive o melhor desempenho que os demais colegas meninos e não tive a melhor nota”.

No tocante à escolarização, um importante aspecto a ser destacado é o fato de a entrevistada ter sido a única egressa da turma. A presença maciça de homens no ensino tecnológico reflete um campo ainda predominantemente masculino, demonstrando uma desigualdade de gênero na esfera industrial.

O preconceito por ser mulher aparece na rememoração da entrevistada de forma a mostrar a desigualdade e a discriminação sexista sofrida no curso ao enunciar, por meio do operador argumentativo “embora” que, não obstante tivesse um desempenho melhor [escolar] que os meninos, não teve a melhor nota. Infiro que a egressa esperava a melhor nota; fato que ficou marcado negativamente em sua trajetória escolar.

Contexto profissional:

1) Motivação

Informação: Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Resposta:

“Identificação com o curso, por gostar das atividades práticas propostas, do espaço físico, dos equipamentos”.

O discurso da entrevistada assinala que a escolha pelo curso se deu por uma razão incomum: ser técnica mecânica. No uso do verbo “gostar” transparece a vocação profissional e o desejo de inserir-se na área da indústria.

2) Exercício da profissão

Informação: Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exerceste ou exerces).

Resposta:

“Foi boa e não foi difícil a inserção, embora a certeza de que sempre tinha que provar fazer mais e melhor do que os meninos, principalmente em termos de organização, capricho (desenho técnico)”.

Nesta sequência, em um primeiro momento, a entrevistada enfatiza que, no início da carreira na área mecânica, inexistiu discriminação de gênero quanto à possibilidade de acesso ao mercado de trabalho, conforme aponta o termo “inserção”. No tocante ao tratamento dispensado à egressa pela empresa, não é possível depreender se houve ou não discriminação à remuneração e de permanência no emprego.

Todavia, quanto às condições de trabalho, o discurso aponta para o sentido contrário ao anterior, devido à presença do operador argumentativo “embora”, a qual demonstra não haver relação direta entre “ser inteligente” e “ser competente”. A competência está associada à capacidade de mobilizar saberes e conhecimentos. Entretanto, era necessário à entrevistada “provar” sempre, “fazer mais e melhor” do que o sexo masculino, o que é corroborado no fio do discurso “[...] principalmente em termos de organização, capricho (desenho técnico)”.

Esse discurso produz um efeito de sentido que explicaria por que ela precisaria provar [para os homens] sua capacidade e competência no exercício da atividade profissional: para compensar desigualdades e desvalorização do trabalho em termos de gênero, é o que Koch (2007, p. 35) afirma ser exemplo de operador que contrapõe conclusão contrária.

3) Expectativas com relação à equação mulher/mecânica

Informação: Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Resposta:

“Comecei como técnica mecânica e atuei por 5 anos, o que me possibilitou fazer uma faculdade e posteriormente ingressar como professorera na área”.

Nesta resposta, a entrevistada mostra que a qualificação técnica, embora considerada de pouco prestígio, é uma atividade rentável, capaz de propiciar independência e estabilidade financeira, demarcando que, os poucos anos de experiência como técnica oportunizaram-lhe a concretização de um sonho [a formação acadêmica] e a realização de novas conquistas profissionais na Mecânica.

Mais do que pontuar a trajetória profissional, este enunciado discursiviza uma linguagem que rompe com estereótipos que dissimulam a visibilidade das mulheres em relação à profissão de técnica mecânica. A escolha lexical utilizada pela entrevistada na distinção do gênero [feminino] ao denominar a atividade profissional não apenas reconhece haver mulheres no exercício da profissão, como também revela não haver limitações para as habilidades das mulheres.

3.1.5 E-5 [Anexo 5]

Contexto familiar:

Informação: Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Resposta:

“Nenhum, não fui sequer questionada quanto a minha escolha”.

Ao se referir à decisão pela Mecânica, a egressa nega a existência de qualquer adversidade, deixando de citar a quem se refere, se algum familiar ou alguém do seu meio social, indicando apenas pertencer ao seu grupo de convívio. No enunciado, a seleção do operador argumentativo “nenhum” contribui, fortemente, para a discordância plena

corroborada pelo advérbio de negação “não”. Contudo, é utilizado o advérbio de intensidade “sequer”, não para reforçar a negativa, mas para evocar elementos implícitos que se colocam contrários à passividade na liberdade de escolha. O enunciado “[...] não fui sequer questionada [...]”, indica que não houve reação alguma quanto à escolha do curso, pelo contrário, houve indiferença, inércia no meio familiar e social. A egressa tinha uma projeção, uma perspectiva de ser, “ao menos”, “pelo menos”, perguntada sobre a decisão de cursar Mecânica. Entretanto, não houve “nem mesmo” interesse, era como se não houvesse importância, como se qualquer escolha de atuação profissional que fizesse seria válida.

Contexto escolar:

Informação: Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Resposta:

“Nunca percebi nenhum tratamento diferente, os professores exigiam de nós o mesmo que dos colegas do sexo masculino, bem como entre colegas nos entendíamos muito bem, como iguais”.

No relato, a reiteração do operador argumentativo “nenhum” antecedido pelo advérbio de negação “nunca”, reforça o argumento de que, em nenhuma circunstância, vivenciou discriminação durante o curso, recebendo tratamento igualitário dos professores e colegas.

Contexto profissional:

1) Motivação

Informação: Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Resposta:

“Não gostei da disciplina de Eletricidade que tínhamos no A1 (primeiro ano), além disso conhecia pessoas que estavam cursando e me identifiquei bastante com Mecânica”.

Ao declinar os motivos de sua escolha pela Mecânica, não hesita em dizer, que não gostou de uma disciplina técnica ministrada no A1 (ano inicial do sistema de ensino vigente à época, equivalente ao primeiro ano do atual ensino médio): a de Eletricidade. A declaração também cita a influência de pessoas “conhecidas” [não identificadas] que cursavam Mecânica e o verbo “identificar”, utilizado no pretérito perfeito, além de remeter ao passado, cria um efeito de sentido de “certeza” quanto à vocação profissional.

2) Exercício da profissão

Informação: Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exercestes ou exerces).

Resposta:

“Trabalhei durante 8 anos em uma empresa do ramo metalúrgico [...], fui acolhida por esta empresa tão logo me formei, mas percebi que não havia mulheres trabalhando na manutenção, que era meu objetivo inicial. As mulheres geralmente trabalhavam em outras áreas de apoio à produção, como na qualidade, treinamento, engenharia (produto e processo) e tarefas mais burocráticas”.

Em relação ao campo profissional, a presença dos vocábulos “metalúrgico” e “manutenção” é utilizada como forma de contextualizar profissionalmente a Mecânica. Entretanto, um importante aspecto destacado diz respeito à reprodução de ações que naturalizam uma divisão sexual de atividades e indicam maior favorecimento de oportunidades de trabalho para os homens na área da Mecânica. A presença do operador argumentativo “mas” sucedida do advérbio de negação “não” na introdução da oração “[...] mas percebi que não havia mulheres trabalhando na manutenção [...]”, contrasta a exclusão das mulheres em algumas atividades que “não” são para elas com o argumento da oferta de trabalho recebida pela entrevistada após a conclusão do curso.

No universo do ramo metalúrgico, considerado mais técnico, o desempenho de determinadas tarefas guarda íntima relação com as especificidades “próprias” de cada gênero: a manutenção, por envolver um trabalho sujo [com poeira e graxa] e supostamente demandar força física [por ser bruto e grosseiro], valoriza os traços masculinos e considera a execução inadequada às mulheres, mantendo-as vinculadas ao discurso do sexo frágil; já as atividades de “[...] apoio à produção, como na qualidade, treinamento, engenharia (produto e processo) e tarefas mais burocráticas [administrativas]”, por demandarem atenção, criatividade e habilidades manuais, são compreendidas como essencialmente ligadas ao feminino.

É possível perceber que a prática discursiva das mulheres de serem vistas por meio dos seus atributos está ideologicamente impregnada na sociedade, naturalizada no imaginário coletivo, levando a supor que elas não atuam em determinados segmentos da Mecânica por causa dos trabalhos pesados e sujos, no entanto, poderiam atuar neles desde que fossem leves e limpos.

3) Expectativas com relação à equação mulher/mecânica

Informação: Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Resposta:

“[...] eu queria trabalhar na manutenção, meter a mão na graxa, porém terminei me desviando para a área da qualidade”.

Com o uso do verbo “queria” no pretérito imperfeito, a egressa rememora um pouco do que experienciou no trabalho e revela, por meio do vocábulo “graxa”, uma convicção: tinha vontade de atuar no segmento da manutenção, de “[...] meter a mão na graxa [...]”. Essa escolha lexical associa a Mecânica à idéia de que a graxa faz parte do contexto profissional da área técnica. Entretanto, a oposição produzida pelo operador “porém” sinaliza que o desejo não foi concretizado.

A sequência “[...] terminei me desviando para a área da qualidade”, indica uma submissão à ausência de oportunidade. A questão da segregação é retomada no discurso com base na constituição biológica dos sexos, colocando o feminino em posição de inferioridade em relação ao masculino, sugerindo que a manutenção é um espaço profissional desigual por ser, de certo modo, “vetado” às mulheres.

3.1.6 E-6 [Anexo 6]

Contexto familiar:

Informação: Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Resposta:

“Apenas da minha mãe que gostaria que eu tivesse optado por Telecomunicações,mais feminino da opinião dela”.

Indagada se houve problemas/resistência ao escolher a Mecânica, a entrevistada informa ter havido opinião contrária da família, especificamente da mãe, que preferia que ela “[...] tivesse optado por Telecomunicações,mais feminino da opinião dela”. No discurso, a utilização do operador argumentativo “apenas” orienta para a discordância do curso escolhido pela egressa, permitindo o encadeamento com “optado”, evidenciando barreiras no espaço familiar.

Pela ótica de gênero, as Telecomunicações ampliaram de forma significativa a participação das mulheres no mercado de trabalho. Apesar dessas alterações, o papel feminino no eixo tecnológico de informação e comunicação é caracterizado pela segregação

ocupacional. A participação das mulheres se restringe às funções de apoio na área administrativa, especialmente, no ramo de teleatendimento/telemarketing [*call centers*], como operadoras ou agentes de serviços de telefonia [antes denominadas telefonistas]. Tal atividade que valoriza os “atributos femininos” [comunicação, motricidade fina, paciência, docilidade e trato interpessoal] como necessários ao desempenho da profissão e, portanto, mais adequada às mulheres.

Contexto escolar:

Informação: Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Resposta:

“Nunca percebi nenhuma diferença no tratamento. Claro que sempre existia uma afinidade maior entre os gurus e os professores(eram todos homens)e uma tendência das gurias se tornarem mais próximas umas das outras,mas só isso”.

Ao falar do ambiente escolar, a egressa recorre ao advérbio de negação “nunca” para esclarecer que não vivenciou discriminação durante o curso. Destaca, porém, haver uma maior aproximação entre o gênero masculino [docentes e discentes] e maior propensão à união feminina. A utilização da conjunção “mas” no enunciado “[...] mas só isso” assinala, fundamentalmente, o sentido de não haver “nada além disso”. Entretanto, a existência de aproximação, de “afinidade maior entre os gurus e os professores(eram todos homens)” expressa relação de poder e aponta diferenciação no tratamento em sala de aula, uma tolerância ou aceitação por tramitarem [as mulheres] em um meio socialmente reservado aos homens; prática que reflete os contornos variados das atitudes [desiguais] no curso.

Contexto profissional:

1) Motivação

Informação: Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Resposta:

“[...] meu pai já trabalhava na área e eu tinha mais 3 primos que faziam o curso...me sentia à vontade naquele ambiente”.

No depoimento, a influência direta dos familiares é destacada pela egressa ao apontar que o interesse pela área surgiu de maneira muito peculiar: o pai exercia o ofício e três primos faziam o curso de Mecânica. Deste modo, o gosto pelo tema foi incutido naturalmente.

2) Exercício da profissão

Informação: Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exerceste ou exerces).

Resposta:

“Particpei de algumas entrevistas e,apesar de nunca ter sido chamada,duas coisas foram bem marcantes:na época tinham preferência por alunos do sexo masculino e o alto conceito que tinham pela instituição”

Apesar de a entrevistada afirmar não ter sofrido tratamento discriminatório ao longo do curso, surgem evidências contrárias nas entrelinhas de seu depoimento: a egressa recorda “[...] nunca ter sido chamada [...]” nas entrevistas de emprego que participou, justificando a dificuldade pela predileção, “[...] preferência [das empresas] por alunos do sexo masculino [...]”. Na escolha de suas palavras, verifica-se novamente a utilização do advérbio de negação “nunca”, porém, desta vez, para evidenciar uma prática social marcada pela segregação de gênero no mercado de trabalho da área mecânica.

3) Expectativas com relação à equação mulher/mecânica

Informação: Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Resposta:

“Eu realmente acreditava que não existia preconceito,mas na última entrevista pela qual passei,todos os outros foram chamados e eu não.Depois de muita insistência,a pessoa que fez a seleção me explicou que o motivo foi o fato de eu já ter um filho,o que poderia atrapalhar meu trabalho. [...] fiquei muito decepcionada e foi depois disso que desisti de seguir adiante. [...]”.

No discurso, a entrevistada complementa o explicitado na “Resposta 5.1”, deixando clara a existência de preconceito ao utilizar o operador argumentativo “mas” na sequência “[...] acreditava que não existia preconceito,mas na última entrevista pela qual passei,todos os outros [candidatos homens] foram chamados e eu não”, lembrando que o fato de ser mulher foi um obstáculo para ingressar no mercado de trabalho.

Sobre o processo de recrutamento e seleção, infiro ter sido desconsiderado o perfil e as habilidades da egressa para o desempenho da função ao ser dada preferência ao gênero predominante da profissão [masculino]. No entanto, não é possível determinar se a discriminação partiu da empresa contratante ou da pessoa que realizou a seleção e, nem mesmo o seu gênero.

A discriminação contra a mulher é, de certa forma, velada, pois é possível presumir que a especificação de gênero não apareceu na divulgação do anúncio da vaga de emprego, já

que a egressa passou pela triagem do currículo e participou da entrevista. A alegação de que o filho poderia comprometer a atuação profissional advém da visão de uma menor disponibilidade de tempo à disposição e da suposição de faltas ao trabalho para atendimento ao filho.

Na seleção, transparece uma prática discriminatória resultante de uma cultura machista que não desvincula as mulheres do papel de mãe e dona de casa; como se uma mulher com filho não pudesse ser uma profissional competente. Esse tratamento distinto marcou sobremaneira a vida profissional da egressa, haja vista, a desistência de seguir a profissão técnica: “[...] depois disso [...] desisti de seguir adiante”; sentimento de tristeza e desapontamento caracterizado pela escolha do adjetivo “decepcionada”.

3.1.7 E-7 [Anexo 7]

Contexto familiar:

Informação: Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Resposta:

“Não sofri nenhum preconceito da família ou amigos, apenas algumas pessoas demonstravam surpresa ao saber que cursava mecânica”.

Na passagem acerca da escolha profissional, o advérbio de negação “não” precedido do operador argumentativo “nenhum” é empregado para direcionar o discurso no sentido da ausência total de postura preconceituosa por parte de amigos e familiares. Contudo, o operador argumentativo “apenas” descreve uma exceção: “[...] algumas pessoas demonstravam surpresa [...]”.

Neste texto, o preconceito fica evidente na adoção do substantivo “surpresa”, pressupondo uma aparente reação de estranhamento pela incomum e inesperada escolha da egressa pelo ramo técnico industrial da Mecânica. Com relação ao gênero, este termo também retrata a existência de uma divisão social que condiciona o domínio dos saberes científico e tecnológico à inteligência, por conta do estereótipo da aptidão ou inaptidão, já que a área é tida como mais adequada ao masculino por se relacionar com as ciências exatas, cujas atividades técnicas e objetivas foram culturalmente definidas como funções masculinas.

Em relação aos integrantes do grupo familiar e ao uso do vocábulo “pessoas” referidas no discurso, a egressa se abstém de identificá-los. Em ambas as ocorrências, a indefinição

impede a investigação do grau de relação existente entre os sujeitos mencionados e a entrevistada.

Contexto escolar:

Informação: Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Resposta:

“[...] se tivesse feito química estaria melhor preparada para o vestibular, na época do curso, foi a melhor escola que já estudei, colegas, professores e servidores sempre me trataram com respeito. [...]”.

No que tange ao ambiente escolar, a egressa, inicialmente, lamenta a opção pela área industrial, enfatizando que o curso de Química teria lhe preparado melhor para o exame universitário. O relato sugere que a grade curricular do curso de Mecânica dá menos ênfase às disciplinas básicas, contemplando as específicas em maior número, tendo em vista a formação técnica voltada para a prática profissional. Contudo, para a egressa, esta é uma característica que não desabona a Instituição, pelo contrário, contribui para a valorização do ensino profissionalizante, considerando-a altamente qualificada. No tocante à comunidade acadêmica, faz uso do advérbio “sempre” para descrever a relação como amistosa e harmoniosa.

Contexto profissional:

1) Motivação

Informação: Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Resposta:

“Na época foi mais por influência de colegas que fariam o curso, na verdade ingressei na ETFPel para concluir o segundo grau, e não necessariamente interessada em um curso técnico”.

Segundo a entrevistada, não houve vocação e nem mesmo interesse em uma área técnica específica. Seu objetivo era, apenas, concluir o ensino médio. A presença do advérbio de negação “não” no texto, “[...] não necessariamente [...]”, confirma uma indecisão vocacional. O discurso aponta, ainda, para a opinião de colegas [de ensino primário] que iriam cursar Mecânica na ETFPel, o que resultou em fator decisivo para a escolha do curso.

2) Exercício da profissão

Informação: Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exercestes ou exerces).

Resposta:

“[...] não cheguei a trabalhar na área [...]”.

3) Expectativas com relação à equação mulher/mecânica

Informação: Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Resposta:

“Não tive muitas expectativas porque não pretendia seguir a profissão, mas a maioria das minhas colegas de turmas, ainda estão trabalhando na área, e acho que em nível médio de satisfação”.

Com relação às expectativas profissionais, a egressa faz uso reiterado do advérbio de negação “não” ao dizer: “Não tive [...] não pretendia seguir a profissão [...].” O discurso aponta para uma negação total da atividade, evidenciando que a Mecânica não foi um curso desejado por ela. Ao se identificar profissionalmente, a entrevistada, inclusive, se autodenominou como “enfermeira”.

Particularmente, em relação ao mundo do trabalho, o discurso da egressa, caracterizado pela escolha do verbo “seguir”, aponta para uma rejeição à prática da profissão, não sendo enfatizados os aspectos motivacionais para o abandono da carreira de técnica mecânica. O uso do operador argumentativo “mas” complementa o sentido da oração anterior e reforça esse posicionamento.

As experiências vividas pela egressa [no meio familiar] ao escolher a Mecânica levam a crer que o fator desencadeante para a escolha de uma nova profissão [enfermagem] voltada para a atividade do “cuidado” [tida como vocação, dom feminino] em detrimento de uma voltada para o eixo tecnológico [mecânica] advém de estereótipos sexistas que segregam determinadas atividades, considerando-as como “próprias” ou “impróprias” a homens e a mulheres.

3.1.8 E-8 [Anexo 8]

Contexto familiar:

Informação: Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Resposta:

“MEU PAI ACHOU QUE EU NÃO CONSEGUIRIA ME FORMAR DEVIDO AO ALTO ÍNDICE DE DESISTÊNCIAS E REPROVAÇÕES DO CURSSO, ALÉM DE EU TER UM FILHO DE DOIS ANOS, NA ÉPOCA, E UMA CONDIÇÃO FINANCEIRA VULNERÁVEL”.

Ao falar sobre a família, o uso do advérbio de negação “não” corrobora a existência de uma certa pressão quanto à escolha da entrevistada pela Mecânica, especificamente no que concerne ao discurso patriarcal, que aponta total falta de apoio ao afirmar que ela não se formaria devido à elevada taxa de reprovação e evasão do curso. Por meio de uma opinião machista que considera esta área difícil para as mulheres — discursivamente elas são descritas como intelectualmente inferiores aos homens—, resta implícita uma visão sexista do conhecimento: as mulheres, por serem consideradas mais emotivas, estariam mais inclinadas para as ciências humanas e sociais; já os homens, considerados mais racionais, teriam mais afinidade/facilidade com as ciências exatas.

No enunciado, manifestamente preconceituoso, o uso do operador “além de” não só permite que o fluxo da narrativa seja de orientação argumentativa, mas, também, aponta indícios do poder paternal ao introduzir elementos que dizem respeito à sujeição e ao conformismo. A entrevistada se esmera em desempenhar os papéis de estudante, profissional e mãe, indicando ser a responsável pelo sustento do filho e pela própria subsistência. Porém, por ter um filho pequeno e um estado financeiro frágil, necessita do auxílio do pai para a composição das despesas. Por estar em posição de dependência do pai, ela se subordina à vontade dele, fato que parece determinante para que ela não controle, por completo, o comando de sua própria vida.

Contexto escolar:

Informação: Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Resposta:

“SEMPRE HOUVE UM TRATAMENTO IGUALITÁRIO, MUITO ÉTICO E UM GRANDE INCENTIVO POR PARTE DA EQUIPE DOSCENTE E DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL”.

No que diz respeito à sala de aula, o emprego do advérbio de tempo “sempre” revela que a egressa não percebeu discriminação por parte dos servidores, na medida em que, com o advérbio de intensidade “muito”, atribui alto valor à conduta dos mesmos. Além disso, faz uso do substantivo “incentivo” para se referir ao amparo, à motivação, ao estímulo recebido dos docentes e do Serviço Social da Instituição para que pudesse atingir seu objetivo [a formatura], demonstrando [ao pai] que a sua capacidade não deveria ser questionada, devido ao fato de ela ser mulher.

Contexto profissional:

1) Motivação

Informação: Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Resposta:

“INTERESSE NO ASSUNTO DESDE A INFÂNCIA/ADOLESCÊNCIA E BOAS OPORTUNIDADES DE TRABALHO, ALÉM DA REMUNERAÇÃO RAZOÁVEL DA ÁREA”.

No discurso, a entrevistada explicita que a escolha pela Mecânica se deve a diversos fatores: por considerar que tem vocação profissional, que a área é promissora para o trabalho e que a carreira é bem remunerada. Por meio do verbo “interessar” transparece um elemento positivo: escolheu o curso porque quis, não houve imposição alguma, prevaleceu a vontade pessoal, segundo suas próprias palavras, o “INTERESSE NO ASSUNTO [surgiu] DESDE A INFÂNCIA/ADOLESCÊNCIA [...]”.

2) Exercício da profissão

Informação: Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exerceste ou exerces).

Resposta:

“SOU A ÚNICA MULHER NA FABRICA ONDE TRABALHO, MAS ISSO NÃO ME IMPEDIU DE MOSTRAR MEU TRABALHO E MINHA CAPACIDADE FUI BEM RECEBIDA E RECEBO TRATAMENTO IDÊNTICO AOS DEMAIS FUNCIONÁRIOS”.

No relato, a egressa frisa ser a “única mulher” [soldadora] na empresa em que trabalha, meio profissional visto como exclusivamente masculino no imaginário social, por conta da indumentária utilizada [roupas largas, luvas, avental e máscara de solda] e dos riscos na execução da soldagem, considerado um trabalho pesado, perigoso e repetitivo.

O depoimento indica um aparente preconceito com as mulheres que circulam em um espaço que não condiz com os estereótipos das representações femininas. Contudo, a presença

do “mas”, operador argumentativo que expressa idéia de oposição de sentido, associado ao advérbio de negação “não” indica que os preconceitos em relação ao gênero [caracterizados pela sensibilidade, fragilidade e fraqueza] estão em processo de desconstrução. Apesar de ser a única representante feminina, não vivencia discriminação no desempenho da profissão, seja dos colegas, seja dos superiores, conforme destaca na formulação “[...] FUI BEM RECEBIDA E RECEBO TRATAMENTO IDÊNTICO AOS DEMAIS FUNCIONÁRIOS”.

3) Expectativas com relação à equação mulher/mecânica

Informação: Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Resposta:

“PRETENDO TROCAR DE EMPREGO, VISANDO UMA MELHOR REMUNERAÇÃO JÁ QUE A EMPRESA QUE TRABALHO É DE PEQUENO PORTE E NÃO OFERECE CONDIÇÕES DE CRESCIMENTO”.

A entrevistada vê no trabalho uma necessidade vital para se sustentar economicamente. O verbo “oferecer” indica que ela vislumbra seguir carreira dentro de uma grande empresa por não haver perspectiva de crescimento na organização em que trabalha. Tendo em vista o emprego do verbo “pretendo”, depreendo que a egressa buscou conhecimento e profissionalização na área da Mecânica almejando garantir seu futuro por meio de uma melhor colocação no mercado de trabalho industrial, já que, aparentemente, sua pretensão está relacionada ao retorno financeiro. Entretanto, embora a formação como técnica mecânica, ela se autodenomina como “soldadora”, indicando que ainda não conquistou seu espaço naquele meio profissional e sugerindo, também, não ter havido mudanças em questões de gênero no que tange às oportunidades de trabalho no campo tecnológico.

3.2 Ingressantes

Identifica-se, no Quadro 7, as 5 alunas ingressantes do período de 2011 a 2013.

QUADRO 7 – Representatividade feminina por ano de ingresso

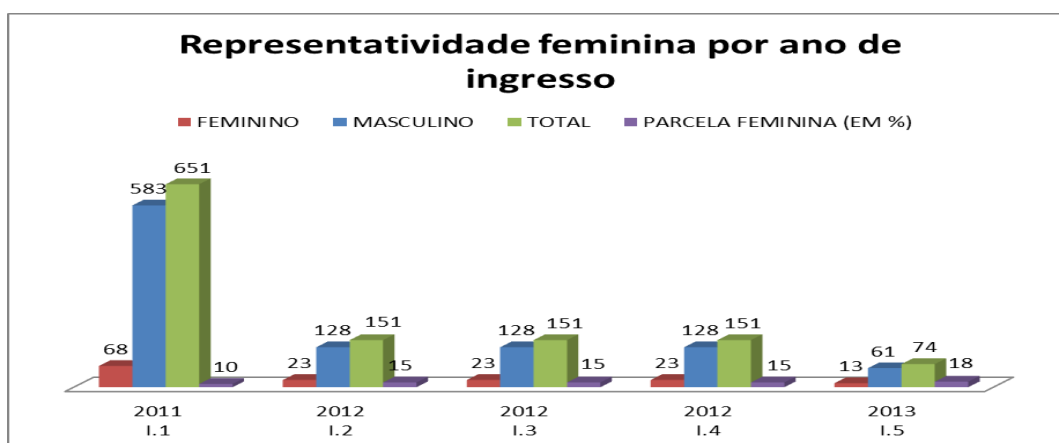
| CURSO DE TÉCNICO EM MECÂNICA | | | | | |
|------------------------------|-----------------|-------------------------|-----------|-------|-------------------------|
| INGRESSANTE ENTREVISTADA | ANO DE INGRESSO | QUANTITATIVO POR GÊNERO | | TOTAL | PARCELA FEMININA (EM %) |
| | | FEMININO | MASCULINO | | |
| I-1 | 2011 | 68 | 583 | 651 | 10,44 |
| I-2 | 2012 | 23 | 128 | 151 | 15,23 |
| I-3 | 2012 | 23 | 128 | 151 | 15,23 |
| I-4 | 2012 | 23 | 128 | 151 | 15,23 |
| I-5 | 2013 | 13 | 61 | 74 | 17,57 |

FONTE: Sistema de Registros Acadêmicos/IFSul *Campus* Pelotas

Nota-se um percentual de 17,57% matriculadas no ano de 2013 em detrimento de 10,44% discentes no ano de 2011. Embora o curto espaço de tempo, observa-se uma procura gradual para mais de alunas pela habilitação técnica, mantendo-se uma média. Porém, em relação aos demais cursos, o histórico de desproporcionalidade de ingresso feminino se mantém, apesar de o Curso de Mecânica ser o mais antigo implantado no *Campus* Pelotas.

Diante da presente constatação, esse quadro é graficamente representado da seguinte forma:

GRÁFICO 2 – Representação gráfica das entrevistadas ingressantes



Essas alunas já são mulheres representativas do novo século XXI. No entanto, cabe perguntar: Será que é isso que o discurso das ingressantes vai apontar? Será que é essa a ideologia dominante? Essas questões precisam ser examinadas com cautela.

3.2.1 I-1 [Anexo 9]

Contexto familiar:

Informação: Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Resposta:

“Logo no início meu pai ficou um tanto quanto chateado com a minha escolha, pois achou [...] que não era um curso apropriado para mulheres, e meu irmão mais velho, acha um serviço muito grosseiro e que muitas vezes não compete as mulheres realizarem, e sobre a sociedade, posso observar claramente que ainda consideram um curso direcionado para o sexo masculino. Essa diferença é principalmente notada quando converso com alguns ‘paqueras’, pois quando contava que estudava só no ensino médio, parece que não havia tanta resistência, e agora [...] até o tratamento é diferente”.

A resposta revela aspectos de diferenciação social das mulheres baseada em estereótipos transmitidos no âmbito familiar. A constituição familiar enfatiza duas figuras: a paterna e a do irmão mais velho cujo grau de relação com a ingressante é, respectivamente, superior e igualitária.

A opinião do pai reflete um sentimento de desagrado e/ou decepção assumindo a forma de preconceito velado: “[...] ficou um tanto quanto chateado com a minha escolha [profissional], pois achou [...] que não era um curso apropriado para mulheres [...]”; já a opinião do irmão mais velho, que considera a mecânica abrutalhada, expressa uma divisão sexista de papéis que reforça o imaginário de que os homens são fortes e as mulheres são sensíveis, difundindo uma idéia de fragilidade corroborada no segmento “[...] não compete as mulheres realizarem [...]”. Para ambos, é como se a Mecânica não fosse lugar de mulher, mas espaço exclusivamente masculino.

Na construção social, as mulheres aparecem discriminadas numa relação desigual com os homens, ocupando papéis e posições diferenciadas ideologicamente, mantidas ou reproduzidas nas práticas sociais e veiculadas na sociedade. A escolha do advérbio de tempo “ainda” introduz conteúdos pressupostos no enunciado “[...] ainda consideram um curso direcionado para o sexo masculino” pressupondo a continuidade de uma situação que a entrevistada gostaria que tivesse se modificado.

A assunção de posturas diferenciadas em relação à escolha da Mecânica pelas mulheres é outro aspecto que denota um preconceito latente. No discurso dos “paqueras”, indivíduos com quem a ingressante tem flertes amorosos sem aparente intenção de namoro e cujo grau de relação no meio social é igualitário, é possível deduzir que a reação de contrariedade reproduz valores conservadores de gênero devido às questões culturais: “[...] quando contava que estudava só no ensino médio, parece que não havia tanta resistência, e agora [...] até o tratamento é diferente”.

Contexto escolar:

Informação: Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Resposta:

“- O tratamento dos professores e demais servidores para comigo ‘Aluna’, não posso me queixar, sempre tive um relacionamento muito bom com todos eles, e nunca notei grandes diferenças de tratamento, em relação aos ‘alunos’.

- Sobre os colegas, sinto que eles me tratam com um pouco de igualdade, pois [...] sou uma mulher entre 18 homens, e muitas vezes sinto que a minha presença feminina, não afeta em nada, conversas, deboches e piadinhas, o que muitas vezes se torna desnecessário para mim escutar.

Não sei se sou só eu, mas as vezes me sinto menos mulher, menos feminina é a palavra certa, mas tento me manter sempre em evidencia através da vaidade, unhas bem pintadas, brincos, pulseiras e anéis, tento as vezes até chamar um pouco de atenção, o que não funciona”.

Quanto ao tratamento no âmbito escolar, a ingressante destaca que, em relação aos docentes e administrativos, nunca recebeu qualquer trato discriminatório, tampouco percebeu ocorrência diversa para com os discentes.

Por ser a única menina da turma, frisa vivenciar situações de constrangimento ao ouvir “[...] conversas, deboches e piadinhas [...]” por parte dos colegas [meninos]. Tais situações são consideradas desrespeitosas e dispensáveis pela ingressante, levando a crer que ela se sente, por vezes, masculinizada por cursar a Mecânica: “[...] as vezes me sinto menos mulher, menos feminina [...]”.

A tentativa de evidenciar a aparência, antecedida pelo operador argumentativo “mas” no trecho “[...] unhas bem pintadas, brincos, pulseiras e anéis, tento as vezes até chamar um pouco de atenção [...]”, reflete uma necessidade de autoafirmação da identidade feminina baseada em estereótipos de gênero e representa uma forma de a ingressante exaltar sua beleza natural e cultivar os costumes femininos para se destacar em um ambiente onde prevalece o masculino: ela é a única mulher entre 18 homens.

Contexto profissional:**1) Motivação**

Informação: Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Resposta:

“- Grande área de serviço;
 - Facilidade com matérias exatas;
 - Lidar com projetos e desenvolver peças e máquinas;
 - desenvolver desenhos;
 - Provar para o sexo masculino que as mulheres conseguem desempenhar muito bem qualquer tipo de função”.

No que concerne à escolha da profissão, é possível perceber que a motivação da entrevistada está centrada, basicamente, no fato de ela julgar que tem “facilidade com matérias exatas” e “saber lidar com projetos [...], peças e máquinas”, enfim aptidão para o desenvolvimento técnico-científico. Culturalmente, por essas mesmas razões o curso de Mecânica tem sido historicamente atrelado ao sexo masculino, na medida em que privilegia o raciocínio lógico e a objetividade. Ao perceber que esta situação é paradoxal, a ingressante dispõe-se a enfrentá-la de forma a demonstrar o contrário. Mais do que isso, ao usar o verbo “provar” no recorte — “Provar para o sexo masculino que as mulheres conseguem desempenhar muito bem qualquer tipo de função” —, a entrevistada explicita uma rejeição a esse posicionamento que reforça o diferencial de gênero.

2) Exercício da profissão

Informação: Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exerceste ou exerces).

Resposta:

“- Não estou trabalhando ainda”.

3) Expectativas com relação à equação mulher/mecânica

Informação: Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Resposta:

“- Não estou trabalhando ainda”.

3.2.2 I-2 [Anexo 10]

Contexto familiar:

Informação: Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Resposta:

“Problemas não, mas as pessoas ficaram surpresas quando resolvi fazer Mecânica, algumas vezes fiquei triste, pois falavam que o curso era de homens, que mulher não suportaria viver naquele meio. Outras eram ignorantes, não sabiam nem em que área eu trabalharia [...] e me perguntavam: vai trabalha em oficina? Toda engraxada, mãos encardidas, isso me deixava um irritada, as pessoas não entendem que é Mecânica Industrial, e nem todo mecânico é sujo e relaxado”.

Perguntada sobre as dificuldades [familiares e sociais] ao optar pela Mecânica, a ingressante declara que a escolha causou admiração às “pessoas”. A indefinição do uso do termo “pessoas” não permite identificar os sujeitos a quem se refere, impossibilitando estabelecer o tipo de relação existente, se entre familiares ou no meio social. O evento discursivo aqui ocorrido é que são pessoas que têm liberdade e poder, no que se refere à inter-relação com a entrevistada, para contestar sua escolha.

O fato de as pessoas ficarem “surpresas” com a escolha pela Mecânica e emitirem o comentário de que “[...] o curso era de homens [...]” revela que as práticas discursivas reproduzem papéis sociais estereotipados que sexualizam carreiras e corroboram a ideia de que a área científica e tecnológica, notadamente a industrial, é espaço tipicamente masculino. Tal sentido se deve à presença do operador argumentativo “mas” na sequência “[...] mas as pessoas ficaram surpresas [...]”.

No discurso, a entrevistada destaca que os termos “oficina”, “engraxada”, “encardidas”, “sujo” e “relaxado” são utilizados pelas “pessoas” para identificar o curso numa das áreas de atuação. De fato, predomina a visão limitada de que as mulheres “mecânicas” vão vestir o macacão da oficina e sujar a mão de graxa – o que não significa que ficarão encardidas ou passarão a ser relaxadas.

A sequência “[...] eram ignorantes [...]”, revela que o preconceito está atrelado ao desconhecimento, à falta de informação em relação às demais áreas de atuação da Mecânica; apesar do curso ter um viés automotivo, no sentido de pensar, de criar o produto.

Contexto escolar:

Informação: Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Resposta:

“No início os colegas perguntavam o que tinha me levado a fazer Mecânica, já que a porcentagem de mulheres é muito pouca. Os professores me tratam normal, hoje na minha turma sou única mulher da turma e todos me tratam bem, sem exclusões”.

O relato assinala a curiosidade inicialmente despertada nos colegas [homens] ante a presença da entrevistada no curso, já que ínfima a procura de mulheres na Mecânica, considerada um gueto masculino. Seria a ingressante desprovida de atributos como docilidade, delicadeza e fragilidade ou estaria assumindo o constructo de gênero masculino? Esta é, portanto, uma expectativa social do que é “próprio” ou “impróprio” refletida no sexismo, uma vez que é construída sobre estereótipos de papéis femininos e masculinos, ou seja, as mulheres devem agir, ter atitudes e comportamentos de acordo com seus predicados. A indagação dos colegas pressupõe um tratamento preconceituoso, porém, não discriminatório. No tocante aos docentes, salienta que o trato é normal e indica ter restado apenas ela de aluna [mulher] na classe: “[...] hoje na minha turma sou [a] única mulher [...]”. Esta formulação faz emergir, no discurso da ingressante, uma divisão sexual de papéis demarcados como masculinos e femininos.

Contexto profissional:**1) Motivação**

Informação: Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Resposta:

“[...] desde pequena vivi naquele meio de motor, graxa etc... e eu para poder trabalhar nesse meio também, achei a Mecânica para ficar mais próxima. E depois de conhecer melhor o curso, gostei mais ainda, tem outras áreas de trabalho para seguir que são bem interessantes”.

A respeito da profissão, é possível depreender do enunciado “[...] para poder trabalhar nesse meio também [do motor e da graxa] [...]”, que a entrevistada desconhecia as áreas de atuação da profissão, optando pelo curso com base na vivência e no imaginário concebido durante sua infância. Porém, “[...] depois de conhecer melhor o curso [...]” e tomar conhecimento da abrangência nos diversos segmentos de processos industriais, e não apenas em áreas braçais, como a automotiva, o gosto pela Mecânica se acentuou motivando ainda mais a entrevistada: “[...] gostei mais ainda, tem outras áreas de trabalho para seguir que são bem interessantes”.

2) Exercício da profissão

Informação: Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exerceste ou exerces).

Resposta:

[Não respondeu]

3) Expectativas com relação à equação mulher/mecânica

Informação: Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Resposta:

“Pretendo adquirir experiência, me especializar em uma área e crescer na empresa”.

Em relação ao futuro profissional, as expectativas da entrevistada são positivas, aparentando ter conhecimento das dificuldades diante da realidade competitiva do mercado de trabalho. Planeja ampliar os conhecimentos através da prática e se qualificar para garantir novas oportunidades na empresa.

3.2.3 I-3 [Anexo 11]

Contexto familiar:

Informação: Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Resposta:

“Algumas brincadeiras do tipo você é uma mulher muito estranha mas esse tipo de coisa me motiva mais ainda penso em até fazer Engenharia Mecânica depois”.

A ingressante recorre ao substantivo “brincadeiras” para comentar acerca da ideia que um ou mais sujeitos têm com relação à inserção das mulheres na área da Mecânica. No enunciado, “Algumas brincadeiras do tipo você é uma mulher muito estranha [...]”, a ocorrência de discurso indireto concretiza o discurso de discriminação e reforça as desigualdades de gênero sem, no entanto, especificar quem as faz, impossibilitando estabelecer o tipo de relação existente com o(s) sujeito(s) referido(s), se no meio social ou entre familiares.

Ao discorrer sobre a crítica da escolha profissional, a aplicação do substantivo “tipo” associado ao adjetivo “estranho”, deixa evidente uma discriminação acerca da presença das mulheres em um espaço social demarcado por relações de gênero. No discurso, a entrevistada é vista como uma “coisa”, algo incomum, notável, por haver escolhido uma carreira diferente daquelas culturalmente construídas como tipicamente femininas, ou seja, as que se adequam

aos predicados femininos de delicadeza, disciplina, minúcia, paciência, afeto maternal, dentre outras. Esta postura, no entanto, impulsiona o seguimento dos estudos. O operador argumentativo “mas”, contrapõe argumentos orientados para a busca de uma nova formação. Após concluir o curso técnico, a entrevistada pretende dar continuidade à carreira e ingressar em um curso de ensino superior da área.

Contexto escolar:

Informação: Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Resposta:

“O tratamento em sala de aula não tenho do que me queixar e por incrível que pareça a única professora que tem é mais rígida do que os professores e os servidores me tratam super bem”.

Inicialmente, mediante o uso do advérbio de negação “não”, a ingressante nega a existência de atitudes discriminatórias no curso; posteriormente, na adoção do operador “mais que”, estabelece uma relação entre a única docente feminina e os demais professores [homens]: “[...] a única professora que tem é mais rígida do que os professores [...]”. A posição discursiva da ingressante acentua a diferença de gênero a partir do senso comum, quanto ao adjetivo “rígida”, usado na comparação entre os professores e a professora, acresce a expressão “por incrível que pareça”. O sentido adquirido na comparação entre homens e mulheres diz respeito à não aplicabilidade de tal adjetivo a uma mulher e, em consequência, traz, discursivamente, a noção de que falta credibilidade a uma professora para o domínio da classe. Quanto ao corpo administrativo, a ingressante declara haver um ótimo tratamento.

Contexto profissional:

1) Motivação

Informação: Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Resposta:

“A procura no mercado de trabalho de profissionais dessa área e também pelo desafio por ser um curso só voltado para o público masculino”.

Na afirmativa, o uso do operador argumentativo “também” liga dois argumentos para amparar a justificativa da escolha pela Mecânica: as condições favoráveis, na percepção da ingressante, do mercado de trabalho e o obstáculo de ultrapassar as barreiras e vencer as limitações resultantes dos preconceitos contra as mulheres em um ramo considerado reduto masculino.

No enunciado, “[...] um curso só voltado para o público masculino”, o uso do operador argumentativo “só” transmite um efeito de sentido de restrição, de exclusão. No ensino tecnológico de Mecânica de nível médio, a explicação para o diminuto número de alunas está associada à visão sexista do conhecimento socialmente reproduzida desde a infância, através do qual as meninas não são estimuladas para atuar em áreas científicas e tecnológicas, já que, por serem consideradas mais emotivas, estariam mais inclinadas para as ciências humanas e sociais, enquanto que os meninos, vistos como “racionais”, teriam mais facilidade para as ciências exatas, contribuindo para a perpetuação dos estereótipos de gênero.

2) Exercício da profissão

Informação: Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exerceste ou exerces).

Resposta:

“Não exerci ainda [...]”.

3) Expectativas com relação à equação mulher/mecânica

Informação: Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Resposta:

“Espero encontrar um estágio em uma empresa boa e ser respeitada dentro desse ambiente”

Com relação à expectativa futura, a entrevistada se mostra esperançosa em relação ao exercício do estágio profissional. A prática do estágio na educação profissionalizante visa à complementação da formação, proporcionando experiência prática e aperfeiçoamento técnico-científico. A instituição de ensino se articula com empresas/indústrias do ramo de atuação do curso técnico, a fim de possibilitar aos estudantes a realização de estágios supervisionados, que poderão ou não ser obrigatórios.

Normalmente as empresas/indústrias identificam, atraem e efetivam futuros talentos do mercado. Deste modo, fica claro o desejo da entrevistada em alcançar determinado posto de trabalho e seguir carreira dentro de uma “empresa boa”. No entanto, aparenta ignorar uma possível dificuldade futura de inserção e manutenção no mercado de trabalho tecnológico.

Na construção do discurso, a escolha do adjetivo “boa” atribui qualidade ao substantivo “empresa”. A junção desses dois vocábulos compõe a expressão “empresa boa” que, por sua vez, qualifica o adjetivo “respeitada” e é entendida pela ingressante como sendo um ambiente profissional que respeita as mulheres e proporciona oportunidade de crescimento e aprendizado.

3.2.4 I-4 [Anexo 12]

Contexto familiar:

Informação: Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Resposta:

“Não, pelo contrário, minha família sempre me apoiou em minhas escolhas. As vezes tem umas piadinhas por parte de parentes não tão chegados, mas eu não ligo muito”.

Nesta passagem, a ingressante revela que seus familiares não desaprovam suas escolhas, pelo contrário, concordam. Por não ser nomeada a composição familiar, não é possível designar o vínculo existente entre a ingressante e os parentes referidos. Contudo, denota-se que alguns familiares parecem não ser isentos de preconceito e discriminação.

Na entidade familiar, a posição atribuída ao parente “chegado” é definida pela proximidade constituída pelo vínculo de consanguinidade. Deste modo, é “chegado” aquele que está próximo na linha de ascendência ou descendência; analogamente, é “não tão chegado” aquele que está afastado, com quem não há uma relação de aproximação.

A entrevistada recorre ao diminutivo “inhas” para se referir ao substantivo “piada”. A *priori*, o gênero discursivo piada tem por finalidade provocar o hilário, o riso, mas, nem sempre. Neste caso, a palavra “piadinhas”, aponta para a possibilidade de entre seus efeitos de sentido ser possível pensar em “tecer comentários contra”, provocando ironia e/ou sátira a uma personagem, fato ou acontecimento específico. No enunciado, “[...] tem umas piadinhas [...] mas eu não ligo muito”, a ingressante não cita quem as faz, mas deixa transparecer que são tecidas de modo a disseminar estereótipos e preconceitos em relação à presença da mulher na mecânica. No entanto, ela não externa indignação e, aparentemente, não se importa [“eu não ligo muito”] com o discurso que as manifestações de humor veiculam.

Contexto escolar:

Informação: Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Resposta:

“Bom, é meio estranho [...] ver que és a única mulher da sala, [...] mas fui muito bem recebida tanto pela instituição quanto pelos colegas, o tratamento é igual, os professores não me tratam com diferença por ser mulher, e nos colegas encontrei não só companheiros de aula, mas grandes amigos!”

O relato sobre o cotidiano escolar revela uma linguagem discriminatória e estereotipada acerca das relações de gênero, uma ideologia que naturaliza a divisão dos saberes, estabelecendo a Mecânica como um espaço de domínio masculino. Ao declarar que não há qualquer distinção de tratamento pelo fato de ser mulher, a ingressante tem garantida a igualdade de gênero. No entanto, a utilização do adjetivo “estranho” sugere uma avaliação implícita de preconceito baseada nas práticas sociais, evidenciando que ela própria não evoluiu a forma de pensar, pois lhe causa espanto, admiração o fato de ser a única aluna da aula, de estar quebrando estereótipos, ocupando um espaço socialmente delineado para e marcado pelo masculino.

Contexto profissional:

1) Motivação

Informação: Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Resposta:

“[...] Não foi um ‘ tiro no escuro ’ eu sabia bem o curso para o qual estava entrando”.

No enunciado “Não foi um ‘tiro no escuro’ [...]”, verifica-se a utilização de uma metáfora no segmento “tiro no escuro”, revelando a certeza da ingressante na escolha do curso de mecânica, evidenciando não ser uma área desconhecida. A expressão refere-se a um provérbio popular que significa decidir ou fazer algo com incerteza, com desconhecimento, sem base. Contudo, esse sentido é negado pela associação do advérbio “não” que antecede a expressão, deixando claro que o curso de Mecânica foi escolha própria.

2) Exercício da profissão

Informação: Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exercestes ou exerces).

Resposta:

“Ainda não trabalho na área [...]”.

3) Expectativas com relação à equação mulher/mecânica

Informação: Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Resposta:

“Tenho muita expectativa, acho que escolhi o curso certo, estamos com um grande pólo naval ao nosso lado, praticamente, e por eu fazer dois cursos voltados para área industrial [...], acho que tenho grandes chances de fazer uma carreira consistente e bem ampla. É estranho ouvir falar de uma menina que faz dois cursos semelhantes por escolha, talvez mais estranho ainda quando se ouve ‘ sou a única mulher da minha sala ’ (e provavelmente serei também no meu trabalho), mas [...] hoje em dia nem soa tão estranho assim. [...]”.

Com base na experiência como aluna do curso de Mecânica, a ingressante traça uma perspectiva de futuro, demonstrando ter uma expectativa positiva em razão da escolha do curso e das possibilidades que o mercado de trabalho oferece.

Por meio da afirmativa “[...] por eu fazer dois cursos voltados para área industrial [...], acho que tenho grandes chances [...]”, a entrevistada não deixa margem de dúvida quanto à decisão de fazer dois cursos paralelos em área industrial. E, ao falar do curso técnico [de Mecânica], mais uma vez ela recorre ao vocábulo “estranho”: “[...] hoje em dia nem soa tão estranho assim”, sugerindo uma percepção de que houve mudanças em questões de gênero no espaço do real. Na concepção da ingressante, as mulheres já conquistaram espaço no meio profissional. Entretanto, o fato de ser a única representante feminina na sala de aula e de acreditar que será também no trabalho, mostra que isto não corresponde à realidade.

3.2.5 I-5 [Anexo 13]

Contexto familiar:

Informação: Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Resposta:

“Não houve resistência por parte da família, até pelo meu histórico do meu envolvimento com a mecânica. Quando criança já consertava até minha bicicleta, se optasse outra área de atuação, ai sim seria um espanto”.

Na resposta, a ingressante recorre ao advérbio de negação “não” associado ao substantivo “resistência” para destacar que a escolha profissional pela Mecânica se deu sem oposição ou conflito com as pessoas com quem mantém vínculo familiar, as quais não são especificadas. A aceitação pacífica está embasada no traquejo que possui para manusear peças desde a infância, pois consertava, inclusive, sua bicicleta. Deste modo, manifesta que eventual opção por outro curso poderia causar admiração ou surpresa, significado atribuído ao termo “espanto”.

Contexto escolar:

Informação: Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Resposta:

“Em geral sou bem tratada e respeitada, pelos professores, como qualquer um dos meus colegas. No início, meus colegas ainda eram ‘acuados’ em relação a minha permanência no

curso, mas com passar com tempo fui conquistando meu espaço como aluna e profissional”

Sobre o relacionamento que mantém com professores na Instituição, destaca um trato cortês e respeitoso, o mesmo dispensado a qualquer aluno do curso. Em relação aos colegas de curso [homens], a adoção do adjetivo “acuados” antecedido do advérbio de tempo “ainda”, que pressupõe uma preteridade na sequência discursiva “[...] ainda eram ‘acuados’ [...]”, sugere que, no início do curso, eles ficavam retraídos com uma presença feminina incomum em um universo acadêmico predominantemente masculino. Porém, o que outrora causou uma reserva parece ter sido assimilado, proposição estabelecida pelo operador argumentativo “mas”: “[...] mas com passar com tempo fui conquistando meu espaço como aluna e profissional”. Em contrapartida, por meio do verbo “conquistar”, empregado no gerúndio, explicita que, com esforço, se empenhando exacerbadamente para mudar a opinião dos colegas, conseguiu desfrutar da posição de estudante e futura técnica em Mecânica.

Contexto profissional:

1) Motivação

Informação: Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Resposta:

“Sempre houve o interesse por mecânica, desde criança. Por ter um irmão mecânico de moto, acabei criando gosto pelo cotidiano de um mecânico. [...]”

No recorte, a ingressante utiliza o advérbio de tempo “sempre” para revelar que, desde a infância, tomou gosto pela área da Mecânica por influência direta de um irmão, que é mecânico de motocicletas.

2) Exercício da profissão

Informação: Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exerceste ou exerces).

Resposta:

“Não exerço a profissão ainda”.

3) Expectativas com relação à equação mulher/mecânica

Informação: Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Resposta:

“[...] acredito que a receptividade será boa, as empresas estão prezando pela contratação de mulheres pelas qualidades específicas naturais. Mulheres tem mais delicadeza em trabalhos de

execução precisa, se concentram mais no que estão fazendo, são mais organizadas no ambiente de trabalho.

A ingressante se apresenta otimista em relação ao seu futuro profissional enquanto técnica. Na opinião dela, por meio do adjetivo “boa” no recorte a seguir “[...] acredito que a receptividade será boa [...]”, as mulheres vêm conquistando espaço no mercado de trabalho porque as empresas estão buscando características femininas no perfil do novo profissional industrial.

No entanto, a atribuição de méritos aos atributos definidos pelo substantivo “delicadeza” e pelo adjetivo “organizadas” para amparar uma naturalização de tarefas biologizadas que exigem suavidade no desenvolvimento de atividades motoras de trato mais fino ou de maior organização pode reiterar o papel doméstico das mulheres. Considerar que tais “qualidades [e habilidades] específicas naturais” sejam vantajosas é presumir que as mulheres se relacionam com o trabalho de forma diferente dos homens, é distinguir pelas especificidades [inatas]; avaliação que, além de configurar desigualdade, pode determinar espaços ocupacionais diversos para os gêneros e reforçar hierarquias e assimetrias profissionais que limitam, desvalorizam e desqualificam o trabalho feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar, a partir da análise dos discursos das acadêmicas (egressas e ingressantes) do Curso Profissionalizante de Mecânica do IFSul *Campus* Pelotas, as determinações sócio-histórico culturais e ideológicas envolvidas no âmbito da educação formal técnica, é a proposta fundamental e inicial para uma reflexão acerca dos estudos de gênero em um espaço ocupado eminentemente pelo público masculino.

No estudo, se mostrou necessário investigar os cursos mais antigos e os mais procurados pelos estudantes, a fim de identificar o perfil discente (em termos de gênero), verificar se a inserção feminina em cursos técnicos de ciência e tecnologia transgride paradigmas estruturais (do curso) e sociais (das relações humanas), apontar as marcas linguísticas encontradas nos enunciados e se elas são decorrentes de determinações históricas, socioculturais e ideológicas que influenciaram/influenciam a tomada de decisões no que se refere à escolha do curso e, observar, no âmbito do mercado de trabalho, em que medida as normatizações sociais influenciaram no desempenho profissional das egressas e quais as perspectivas profissionais das ingressantes.

Os critérios de escolha do curso baseiam-se nos documentos oficiais e nos dados de caráter público da Instituição, além de incluir os estudos já realizados acerca de sua história e da educação profissional em Pelotas. A fim de identificar práticas e ideologias e saber por que as mulheres ocupam “este” e não “aquele” espaço no ensino técnico, recorro a um suporte teórico e a noções temáticas que se complementam, além de examinar as produções discursivas (entrevistas) de alunas e ex-alunas do curso obtidas mediante aplicação de um questionário que conduz a três grandes contextos: o familiar, o escolar e o profissional.

Dentre os objetivos específicos, o primeiro busca verificar questões concernentes à educação formal das mulheres e a explicitar, por meio de consulta à história do IFSul, o legado da cultura técnica e tecnológica, com ênfase nos dados relativos ao Curso de Mecânica. O segundo objetivo consiste em traçar o perfil de concepções sócio-históricas culturais e ideológicas relevantes quanto à educação formal das mulheres neste curso técnico, a partir das marcas linguísticas encontradas nos enunciados das alunas egressas e ingressantes, que viabilizassem (re)interpretar o discurso feminino das entrevistadas.

Na investigação sobre os cursos técnicos ofertados no *Campus* Pelotas, os resultados

obtidos apontam que, historicamente, o que tem a menor presença feminina⁴², é o de Mecânica. Isto acontece porque o curso está associado à ideia de que a atuação profissional é ligada à graxa, sujeira, motor de caminhões e automóveis e, que, por ser bruto e grosseiro, exigirá esforço físico na execução das tarefas, sendo, por isso, um ambiente inadequado às mulheres. Esta associação, segundo as entrevistadas, é equivocada, haja vista que a qualificação técnica é voltada para a Mecânica Industrial que visa, essencialmente, o desenvolvimento e manutenção de máquinas e equipamentos e, talvez por isso, as mulheres ainda estejam afastadas deste espaço.

Os procedimentos analíticos são realizados no Capítulo 3, sendo o discurso de 13 egressas e ingressantes considerado uma amostragem significativa frente ao quantitativo de alunos no curso. No levantamento dos resultados da pesquisa são apontados os dados considerados relevantes na medida em que há ocorrências discursivas que se assemelham, se aproximam em termos de sentido, conforme verificado no paralelo traçado entre os discursos de todas as entrevistadas, graficamente apresentado no quadro a seguir:

QUADRO 8 – Dados e contextos

| D | | MACRO CONTEXTO | | | | | | | | |
|-------|---|----------------|---------------|-------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|-------------------------|---------------|---|--|
| | | 1. FAMILIAR | | | | 2. ESCOLAR | | | 3. PROFISSIONAL | |
| ITENS | MICRO CONTEXTO | Amigos | Irmã(o) | Mãe e/ou Pai | Parentes Pessoas Paqueras | Colegas | Docentes | Servidores | | |
| | 1. Apoio/resistência na escolha do curso/profissão | E-3 | E-1; E-3; I-1 | E-1; E-2; E-5; E-8; I-1 | E-2; E-7; I-1; I-2 | | | | | |
| | 2. Habilidades e características femininas | | | | | | | | E-1; E-2; E-3; E-5; I-5 | |
| | 3. Influência na escolha do curso (positiva/negativa) | | E-1; E-3; I-5 | E-6 | E-2; E-6; I-1 | E-7 | | | | |
| | 4. Oportunidades ou dificuldades no mercado de trabalho | | | | | | | | E-1; E-2; E-3; E-4; E-5; E-6; E-7; E-8 | |
| | 5. Práticas discriminatórias ou preconceituosas (ausência/presença) | | | E-8 | E-2; E-3; E-4; I-1; I-2; I-3; I-4 | E-1; E-2; E-3; E-5; I-1; I-2; I-5 | E-1; E-2; E-3; E-4; E-5 | E-7; E-8; I-3 | E-1; E-2; E-3; E-4; E-6; I-4 | |
| | 6. Segregação das áreas do conhecimento | | | | | I-1 | | | E-2; I-1; I-3 | |
| | 7. Única mulher no curso/área | | | | | E-2; E-4; I-1; I-2; I-4 | | | E-8 | |
| | 8. Vocação profissional e/ou identificação | | | | | E-1; E-2; E-3; E-4 | | | E-1; E-2; E-3; E-4; E-5; E-6; E-8; I-1; I-2; I-4; I-5 | |

FONTE: Dados aplicados à pesquisa.

⁴² Em um período de, aproximadamente, 60 anos, o Curso de Mecânica apresenta o mais baixo índice de alunas dentre os 6 cursos técnicos mais procurados. Das 18.092 ingressantes na Instituição de Ensino [Quadro 2], apenas 1.038 entraram no Curso de Mecânica e somente 284 concluíram os estudos. A preferência feminina pela Mecânica poderia ter relação com os padrões socialmente acordados, como sendo esta uma possível área exclusivamente masculina.

O cruzamento dos dados sintetizados no Quadro 8 leva a constatações acerca dos contextos familiar, escolar e profissional.

Contexto Familiar:

Quando questionadas se houve problema/resistência da família e da sociedade sobre a decisão pela escolha do curso/profissão (item 1.1), questões relativas à influência na escolha do curso (positiva ou negativa) (item 3.1) e a prática discriminatória ou preconceituosa (item 5.1) se entrecruzaram, sendo indicadas, principalmente, as figuras materna e paterna, da irmã, do irmão e dos amigos.

Em relação à decisão pela escolha do curso/profissão (item 1.1), verifica-se, em relação aos pais, um descontentamento na formulação “ficaram com o pé atrás” (E-2), uma condição de subordinação e controle devido à posição hierárquica, como ocorre em “[...] gostaria que eu tivesse optado por Telecomunicações, mais feminino da opinião dela [a mãe]” (E-6); “Meu pai achou que eu não conseguiria me formar [...]” (E-8) e até mesmo uma indiferença, como se a escolha da Mecânica [ou ela] não tivesse importância: “[...] não fui sequer questionada [...]” (E-5). Além da discordância do pai e da mãe e de amigos, verifica-se um discurso nada polido, grosseiro em: “Muitos amigos foram contra e acharam absurdo [...] e minha irmã comentou que eu [...] tinha mesmo era que viver com a mão na graxa” (E-3).

Destaca-se um número significativo de entrevistadas – considerando o universo pesquisado – que apontam ter enfrentado algum preconceito ou discriminação (item 5.1) associada aos papéis sexuais socialmente aceitos por parte de familiares, amigos, parentes, paqueras e outras pessoas. Os discursos descrevem “surpresa” [das pessoas] (E-7), comentários por meio de piadinhas (I-4) e brincadeiras como “você é uma mulher muito estranha” (I-3). Também apontam que o curso “[...] era de homens, que mulher não suportaria viver naquele meio” (I-2), que “não era apropriado para mulheres [o pai], [o] serviço [é] muito grosseiro e [...] não compete as mulheres realizarem [o irmão mais velho], e [...] quando contava [para alguns paqueras] que estudava só no ensino médio, parece que não havia tanta resistência, e agora [...] até o tratamento é diferente” (I-1).

Apenas duas egressas sinalizam uma mudança nas práticas sociais ao indicar que receberam apoio e foram respeitadas em sua escolha. Elas destacam o irmão mais velho, a madrinha e os amigos como figuras que, de forma positiva, influenciaram na escolha do curso (item 3.1 e 3.2) ou as estimularam a estudar em uma Instituição voltada para habilitação em profissões técnicas consideradas, em sua maioria, tipicamente masculinas, como em “meu

irmão mais velho me serviu de inspiração e modelo” (E-1); “[...] me falou muito dessa Escola Técnica [a madrinha] e fiquei entusiasmada [...]” (E-2) e, em “[...] foi mais por influência de colegas que faziam o curso [...]” (E-7). Os relatos evidenciam que, embora culturalmente, a área ainda seja tida como masculina, os posicionamentos influenciaram na conclusão do curso, ainda que indiretamente.

Contexto Escolar:

Quanto à indagação sobre o relacionamento com os colegas de sala de aula, a maioria das entrevistadas julgou ser bom ou ótimo. No que se refere à relação e ao trato dos professores com as alunas, a grande maioria dos enunciados não apontou tratamento desigual e, quanto aos demais servidores, as entrevistadas se manifestaram de forma generalizada, se limitando a dizer que era respeitoso ou bom e que não havia diferenciação.

Contudo, as entrevistadas reproduziram discursos que refletem uma segregação sexual por serem as únicas representantes femininas no curso/área industrial (itens 7.2 e 7.3), sendo possível inferir que a escola, especialmente o Curso de Mecânica, é um espaço de manifestação de poder marcado pelas relações de gênero, que é um ambiente ocupado pelo masculino e cercado por barreiras e resistências, onde as mulheres tornam-se o “diferente”, conforme demonstrado pela seleção de enunciados a seguir: “[...] ingressei como a primeira professora do Curso Técnico de Mecânica [...]” e “[...] estive participando de um grupo (11 pessoas) que foi fazer um estágio [...] em Universidades na Itália (somente eu de mulher) [...]” (E-2); “[...] termin[ei] como única aluna da turma” (E-4); “sou a única mulher na fábrica onde trabalho [...]” (E-8); [...] sou uma mulher entre 18 homens [...]” (I-1); “[...] sou [a] única mulher da turma [...]” (I-2); “[...] é meio estranho ver que [sou] a única mulher da sala [...]” (I-4). Nesse sentido, pode-se dizer que, se as relações de gênero expressam relações de poder, a escola é palco dessas lutas.

Contexto Profissional:

Quanto aos motivos que as levaram a fazer Mecânica, averigui a existência de práticas discursivas comuns entre a maioria das entrevistadas, elencando a vocação profissional e/ou identificação (item 8.2 e 8.3) como fatores decisivos na escolha, o que demonstram as afirmativas seguintes: “Amor a graxa [...]” (E-1); “[...] foi o que mais me identifiquei, as máquinas, os trabalhos a fazer [...]” (E-2); “[...] durante uma visita aos

pavilhões dos cursos foi que me apaixonei, lembro que fomos convidados a assistir a uma aula de fundição, [...] foi então que decidi” (E-3); “[i]dentificação com o curso, por gostar das atividades práticas propostas, do espaço físico, dos equipamentos” (E-4); “[...] me identifiquei bastante [...]” (E-5); “[...] me sentia à vontade naquele ambiente” (E-6); “Interesse no assunto desde a infância/adolescência [...]” (E-8); “[...] Lidar com projetos e desenvolver peças e máquinas [...]” (I-1); “[...] desde pequena vivi naquele meio de motor, graxa etc... [...]” (I-2); “[n]ão foi um ‘tiro no escuro’ eu sabia bem o curso para o qual estava entrando” (I-4); “[s]empre houve o interesse por mecânica, desde criança”(I-5). Outras entrevistadas apontaram motivos diversos (E-7 e I-3), como a influência de colegas (item 3.2) (E-7), além de uma maior oportunidade de trabalho (item 4.3) e segregação das áreas do conhecimento (item 6.3) (I-1 e I-3).

Quando grafadas as práticas discriminatórias ou preconceituosas nas trajetórias profissionais (item 5.3), foi observada uma dicotomia de gênero, uma resistência que aponta para os estereótipos naturalizados manifestos na área e que reforçam as habilidades e características (item 2.3) atribuídas ao masculino e ao feminino, contribuindo para a construção assimétrica das relações de gênero (item 6.3). Uma pequena parcela das egressas alegou não ter sofrido discriminação e/ou preconceito, mas a maioria apontou ter sofrido algum tipo de ato pelo fato de ser mulher, indicando ter sido demonstrado pelo chefe e, ainda, pelos alunos homens (E-2).

Também averigui a existência de dificuldades ao serem proferidas manifestações de inferiorização quanto à capacidade física e intelectual das mulheres, sendo destacado tanto o curso quanto a profissão como um espaço “mais masculino” por priorizar as ciências exatas. Porém, cumpre indagar: Todos os homens são racionais? Todas as mulheres são emotivas e sensíveis? Todos os espaços do conhecimento são marcados pelas relações de gênero? O maior desafio apontado pelas entrevistadas está em provar que não, que elas podem desempenhar essa profissão tanto quanto os homens. O fato de ainda precisarem reafirmar o seu discurso está atrelado à obtenção do respeito profissional e ao rompimento de barreiras.

Porém, algumas mulheres reproduzem padrões e papéis sexualmente construídos, onde elas mesmas afirmam que “são mais minuciosas” (E-1), “tem mais delicadeza...se concentram mais...são mais organizadas” (I-5), apesar de serem consideradas frágeis e fracas (E-3) e, por isso, não estarem aptas a executarem trabalhos pesados (E-5). Contudo, os questionamentos persistem e me levam a interrogações como: Será que todas as mulheres possuem este conjunto de habilidades?

No que tange às oportunidades ou dificuldades quanto ao exercício da profissão (item 4.3), os relatos ainda oportunizaram verificar que, dentre as entrevistadas do período entre 1975 e 2012 [ano de ingresso], as egressas E-1 e E-5 atuaram na área, mas acabaram trocando de profissão; a E-2 e a E-4 exercem a profissão como docentes na Instituição; a E-3 e a E-6 não conseguiram vaga de emprego por haver restrição no número de vagas ou discriminação contra as mulheres; a E-8 já atua na área industrial, porém, ainda em outro ramo; e, apenas a E-7 não quis exercer a profissão, embora não tivesse sido perseguida. Dentre as ingressantes, apenas a I-2 não se manifestou, enquanto as demais responderam que não exercem a profissão. Contudo, todas se mostraram orgulhosas por terem cursado Mecânica na Instituição.

Ultrapassando as barreiras culturalmente construídas somadas à tradição de um espaço predominantemente masculino, as egressas E-2 e E-4 exercem a profissão ocupando um patamar distinto [de alunas] e difícil de conquistar. São docentes que têm em comum 5 anos de trajetória profissional [como técnicas mecânicas] e que se destacam como exceções na amostragem da pesquisa e, talvez, num todo, por exibirem pioneirismos como professoras na área, tendo ambas exercido, também, as funções de coordenadora do curso e gestora institucional, passando a ser valoradas de uma outra maneira no âmbito do IFSul⁴³.

Emerge, ainda, do discurso, que as entrevistadas se veem em um universo próprio, tradicionalmente, ao sexo masculino, tendo em vista que apenas 1 egressa se autodenominou como técnica mecânica. No entanto, a presença de mulheres nesta atividade profissional exige que seja realizada uma modificação nos diplomas no que concerne à designação das profissionais: a flexão de gênero na adoção do termo “Técnica em Mecânica”, pois, segundo Fairclough (2001, p. 70), “os sujeitos sociais [são] moldados pelas práticas discursivas, mas também [são] capazes de remodelar e reestruturar essas práticas”.

Ao passar à análise textual, a pesquisa proporcionou verificar a utilização de escolhas lexicais (advérbios, adjetivos, conjunções, metáforas, substantivos e verbos) e marcas linguísticas (generalizações) associadas ao universo semântico da Mecânica como “graxa” e “pesado”, revelando as ideologias que circundam e perpetuam as práticas sociais, pois tudo o que se fala e, sobretudo, o que se cala, integra o discurso dessas mulheres e, ainda, seus “lugares” sociais.

As mulheres mecânicas enfrentaram/enfrentam condições adversas no seu cotidiano, apesar de já estarem conquistando o seu espaço no campo de trabalho da Mecânica.

⁴³Atualmente a E-2 e a E-4 exercem, respectivamente, a docência no Curso Técnico de Mecânica e a Direção-Geral em um dos *Campi* do órgão.

Entretanto, será possível ou não harmonizar graxa com batom e salto alto no desempenho dessa profissão? Persiste ainda o preconceito e a desigualdade sexista no que se refere à inserção/permanência feminina. Deste modo, se faz necessário dar maiores oportunidades a elas, além de mudar o comportamento no que se refere a atitudes e concepções.

Nos relatos, essas mulheres aparecem ocupando papéis marcados por relações de gênero desiguais, ideologicamente estruturados e veiculados pelas práticas discursivas, bem como, mantendo ou reproduzindo práticas socioculturais vistas como imutáveis, ou seja, tidas como masculinas por estarem naturalizadas no imaginário social. Essas situações comprovam que o preconceito ainda existe, apesar de as mulheres já estarem conquistando o seu espaço no mercado de trabalho. Contudo, por ser o discurso “[...] um modo de ação, uma forma [de se] agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91), é possível haver uma mudança nas relações de gênero caso haja uma mudança discursiva.

Essa pesquisa aponta importantes questões relacionadas ao gênero, como a segregação do conhecimento, a divisão sexual do trabalho, a representação feminina em uma área técnica marcada pelo masculino, entre outras. Entretanto, não há a pretensão de dar por esgotada a produção científica acerca do assunto por entender que o tema necessita de maiores investigações. Por essa razão ainda cabe questionar: O discurso das ingressantes a respeito do curso técnico de Mecânica desvela os mesmos parâmetros e valores ideológicos em termos sociais, históricos e culturais que o discurso das egressas?

Para futuras pesquisas, sugiro ampliar este estudo no sentido de:

- rever as iniciativas de divulgação e ações adotadas pelo IFSul para desconstruir os padrões de gênero e dar maior visibilidade ao curso, desassociando-o do ramo automotivo e atraindo mais alunas;
- investigar os motivos de reprovação e evasão das alunas da Mecânica a fim de identificar se estão ou não relacionados à discriminação de gênero;
- investigar os rumos profissionais tomados pelas demais egressas (dentre as 284 identificadas) para averiguar se estão atuando na área de sua profissão sua profissão e se há alguma semelhança com os resultados obtidos na presente pesquisa.

Ficou demonstrado, portanto, que o referencial teórico utilizado se mostrou satisfatório e adequado nos procedimentos analíticos, pois deu embazamento para a análise dos discursos das alunas e ex-alunas. Espera-se, pois, que os dados aqui analisados sirvam para uma chamada reflexiva e contribuam para que a segregação e a reprodução das desigualdades de gênero não sejam perpetuadas no Curso Técnico de Mecânica e no IFSul como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino. In: *Cad. Pesq.*, São Paulo, n. 96, p. 71-78, fev. 1996.
- ALMEIDA, Jane Soares de; BOSCHETTI, Vania Regina. Devotas e instruídas: a educação das meninas e mulheres no Brasil - fragmentos de um passado histórico (1846/1930). In: *Educação Unisinos (Online)*, v. 16, n. 3, p. 225-233, 2012.
- BASÍLIO, Hugo Costa; LISBOA, Volni Machado (Orgs.). *Mecânica, 50 anos fazendo história*. Pelotas: CEFET/RS, 2004.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.), *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 607-639.
- CARVALHO, Maria Aparecida de. Graxa e batom: por que não? A empregabilidade de mulheres com formação técnica na área de indústria. In: *Anais do III Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica - III SENEPT 2012*. Belo Horizonte: CEFET-MG, p. 1-14. Disponível em: <http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Anais_2012/GT-09/GT09-012.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2014.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Coord. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001.
- FLAX, Jane. Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 217-250.
- HEBERLE, Viviane. Análise Crítica do Discurso e estudos de gênero (gender): subsídios para a leitura e interpretação de textos. In: FORTKAMP, M.B.M.; TOMITCH, L.M.B. (Org.) *Aspectos da lingüística aplicada*. Florianópolis: Insular, 2008. p. 289-316.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MEIRELES, Ceres Mari da Silva. *Educação profissional: uma visão histórica sobre o processo de criação, fins e princípios da Escola Técnica Federal que tornou Pelotas centro de referência*. 2003. 229 f. Dissertação (Mestrado em História da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, FAE/UFPEL, Pelotas.
- _____. *Das artes e ofícios à educação tecnológica: 90 anos de história*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2007, 136 p.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.
- RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, Antonio Maria. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. In: *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação*. Uberlândia: FAGED/UFU, 2006, p. 6167-6176. Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/556AmandaO.Rabelo.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2014.

RENCK, Gilfredo Rodrigues. “Possante”: o mascote da Escola. In: *Posteiro do Instituto Federal Sul-rio-grandense*, Pelotas/RS, p. 2, out. 2012.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 515-540, 2001.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil: 1549-1910). In: *Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação. Relações de Gênero e Educação Brasileira*. Natal: SBHE – Sociedade Brasileira de Educação, 2002, p. 01-11. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Trad. de Carmem Grisci. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. de Rodolfo Hari. São Paulo: Contexto, 2012.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seu desenvolvimento. In: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. especial, p. 223-243, 2004.

SITES CONSULTADOS

BRASIL. *Lei nº 8.745, de 9 de dezembro de 1993*. Dispõe sobre a contratação por tempo determinado para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público, nos termos do inciso IX do art. 37 da Constituição Federal, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8745cons.htm>. Acesso em: 15 mar. 2014.

BRASIL. *Lei nº 11.784, de 22 de setembro de 2008*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11784.htm>. Acesso em: 16 mar. 2014.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE. *Campus Pelotas*. Disponível em: <http://pelotas.ifsul.edu.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=2>. Acesso em: 27 fev. 2014.

_____. *Catálogo de cursos do Campus Pelotas*. Disponível em: <<http://www.ifsul.edu.br/proen/site/cursoCampus.php?cod=1>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

_____. *Catálogo de cursos do IFSul*. Disponível em: <<http://www.ifsul.edu.br/proen/site/index.php>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

_____. *Curso técnico em mecânica do Campus Pelotas*. Disponível em: <http://pelotas.ifsul.edu.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=16&Itemid=68>. Acesso em: 16 abr. 2014.

_____. *Memorial CEFET-RS*. Disponível em: <<http://memorial.ifsul.edu.br/>>. Acesso em: 17 mar 2014.

MEIRELES, Ceres Mari da Silva. Memorial da educação profissional. In: *Anais da VI Jornada de História, Sociedade e Educação no Brasil*. Ponta Grossa: HISTEDBR/UEPG, 2005, p. 1-13. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada>

/jornada6/trabalhos/942/942.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2014.

VIEIRA, Marta. Mulheres procuram cursos profissionalizantes em setores dominados por homens. *EM.COM.BR*. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2012/06/09/internas_economia,299095/mulheres-procuram-cursos-profissionalizantes-em-setores-dominados-por-homens.shtml>. Acesso em: 20 fev. 2014.

YANNOULAS, Silvia Cristina. *Dossiê: políticas públicas e relações de gênero no mercado de trabalho*. Brasília: CFEMEA; FIG/CIDA, 2002. 95 p. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2043.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

ANEXOS

Depoimentos das alunas egressas e ingressantes

E-1 [Anexo 1]

Dados de Identificação:

Nome: _____ Data de Nascimento: 25/03/55
 Formação Escolar: Pós-Grad. Educação Matemática UCPEL Profissão: _____

Informações:

1. Curso Técnico Profissionalizante de Mecânica:

1.1. Ano de Ingresso: 1973 Idade (quando ingressaste): 16
 1.2. Ano da Formatura: 1975 Idade (quando te formaste): 18

2. Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Amor a graxa ,vontade de vencer as barreiras e preconceitos, que existem em relação a mulher ao executar uma tarefa bastante suja em relação a graxa, mas muito limpa em relação a realização do próprio eu, poder provar o poder da mulher como mecânica.

3. Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Não, a família apoiou e respeitou sempre minha escolha, até porque meu irmão mais velho me serviu de inspiração e modelo, pois é formado em mecânica.Me apaixonei por mecânica a primeira vista, quando conheci as oficinas, logo percebi que ali era meu lugar, sempre desenvolvi todas tarefas com o máximo de atenção e amor.

4. Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Completamente sem discriminação, sempre atenciosos e davam o apoio merecido nas tarefas realizadas. Amigos cordiais ,vivíamos como uma grande família, um ajudando o outro sempre que precisasse.

Professores dedicados, responsáveis e amigos colegas companheiros e amigos, alguns até o dia de hoje, são amizades valiosas

5. Exercício da profissão

5.1. Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exercestes ou exerces).

Os poucos anos que trabalhei na área me foi muito gratificante, pois trabalhei com cálculo técnico e desenho técnico no SENAI contratada como painelista ,mas no governo Collor fui colocada a disposição , fiz outros concursos e acabei não voltando para a área da mecânica

Hoje me sinto um pouco frustrada por não fazer parte de uma profissão que abracei por amor,mas que não pude continuar.Cheguei a cursar um ano de Eng. Mecânica na UNISINOS mas como sou de família pobre, me faltou dinheiro e retornei a Pelotas e aqui para não ficar parada cursei matemática na esperança de um dia terminar o curso de engenharia mecânica.Acabei ingressando na área da educação e hoje sou professora aposentada.

5.2. Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Espero que com a evolução da tecnologia e do homem o campo de trabalho na área da mecânica o espaço para as mulheres aumente, pois elas são mais minuciosas para acabamentos de determinadas tarefas e, espero realizar ainda o sonho de trabalhar na área que tanto amo.

Pelotas, 06__ de __junho_____ de 2013.

E-2 [Anexo 2]

Dados de Identificação:

Nome: _____ Data de Nascimento: 27/06/1963
 Formação Escolar: Técnica mecânica, Licenciatura Plena para ministrar aulas para cursos técnicos (Esquema I), Especialista em Informática na Educação – Novas maneiras de ensinar e de aprender, Mestre em Educação, Doutoranda em Educação Profissão: Técnica Mecânica e Professora

Informações:

1. Curso Técnico Profissionalizante de Mecânica:

1.1. Ano de Ingresso: 1978 Idade (quando ingressaste): 14
 1.2. Ano da Formatura: 1981 Idade (quando te formaste): 17

2. Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Eu morava no interior (campanha) e minha madrinha me oportunizou vir pra cidade e poder estudar e me falou muito dessa Escola Técnica e fiquei entusiasmada, até porque já sairia com uma profissão e eu tinha vontade de me formar, trabalhar, ter minha independência. Assim fiz o teste para ingresso na Escola ainda sem precisar escolher o curso, daí tive a oportunidade de, em um ano, conhecer os diversos cursos que ela oferecia, fiz testes vocacionais que eram oferecidos aos estudantes naquela época e dentre os que visitei (Mecânica, Eletromecânica, Eletrotécnica, Edificações, Eletrônica e Telecomunicações), foi o que mais me identifiquei, as máquinas, os trabalhos a fazer (sempre fui muito dinâmica) e também os meus testes vocacionais resultaram entre Mecânica e Eletromecânica (em função da parte lógica, cálculo).

3. Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Meus pais sempre ficaram com o pé atrás, mas nunca disseram uma palavra contra, me deram muito apoio, até porque sabiam que eu era muito dedicada e decidida e depositavam a confiança de que eu conseguiria dar conta. É claro que muitas vezes me fizeram a fatídica pergunta: Mas esse curso não é pra homem? Vais ter onde trabalhar?, mas com o passar do tempo as pessoas foram vendo que era possível uma mulher atuar nesta área.

4. Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Os colegas ficavam meio assim, mas eu tinha mais 3 colegas mulheres e isso facilitou, pois fizemos um grupo e nos ajudávamos e fomos nos saindo cada vez melhor nas tarefas a fazer. Os professores não demonstravam muita coisa não, era uma época em que existia uma distância bem maior do que hoje entre professores e alunos, assim que pode ser até que pensassem sobre se valia a pena estarmos ali, mas não diziam nada. Eu inclusive fui estagiária e ajudei em muitos trabalhos de manutenção no curso e assim que com trabalho fomos conquistando nosso espaço no meio profissional.

5. Exercício da profissão

5.1. Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exerceste ou exerces).

Eu me formei e antes mesmo do dia da formatura, que seria 2 semanas depois, eu já tinha começado a trabalhar numa empresa chamada INDUMEC, uma indústria mecânica, na verdade fui indicada pelos professores a ocupar essa vaga que eles tinham lá e então comecei como auxiliar técnica e fiz diversos trabalhos relacionados ao curso, mas no início o meu chefe me dava pra fazer somente coisas superficiais e mais de secretária, inclusive se surpreendeu quando eu coloquei numa ordem crescente uma lista de materiais que envolviam polegadas (unidade de medida inglesa) e assim que ele não me reconhecia como técnica, mas eu sempre fui muito dedicada e fui convencendo ele de que eu era capaz, a continuidade de minha caminhada lá foi de desenhista mecânica, programadora de produção, depois encarregada deste setor e por fim, chefe do departamento de projetos. Assim que as pessoas tinham uma resistência pela cultura, preconceito, e foi preciso demonstrar que uma mulher poderia exercer a função tipicamente desempenhada pelos homens. Ao final eu era a pessoa de confiança da área técnica e isso se deu em 5 anos no total, depois fiz concurso e ingressei como a primeira

professora do Curso Técnico de Mecânica e aí não foram os colegas professores que me discriminaram, pois eles já me conheciam e tinham acompanhado meu desempenho na indústria, mas forma os alunos homens que me olhavam sem acreditar que eu poderia dar aulas a eles, foi mais um processo, vitorioso, porém.

5.2. Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Já relatei um pouco no item acima, mas para complementar, até hoje, quando eu falo que sou professora de Mecânica, as pessoas se surpreendem. Eu estive participando de um grupo (11 pessoas) que foi fazer um estágio na área de desenvolvimento tecnológico em Universidades na Itália (somente eu de mulher) fui a última a obter a carta de aceite da Universidade de lá, aliás eu só fui depois que o primeiro grupo já estava voltando e a carta de aceite só saiu porque um dos colegas afirmou ao diretor de lá que eu era uma pessoa capaz. Chegando lá acabei ficando sozinha na Universidade de todo o grupo que já tinha completado seu semestre por lá, procurei assistir as aulas e fazer as tarefas do estágio com a maior dedicação o que me resultou a solicitação oficial ao CNPQ para que estendesse minha permanência por lá por mais 6 meses, assim que eu fui a única dos 11 brasileiros que ficou um ano com bolsa de estudos na Itália. Após esse período eu acabei me demitindo da ETFPel, indo morar na Itália, onde trabalhei numa empresa de projetos e tive oportunidades de crescer dentro da minha área por lá. Primeiro meus chefes ficaram com uma ressalva com relação a minha pessoa, mas em seguida se desfez e consegui demonstrar meu potencial técnico também naquele país e só saí da empresa porque decidi retornar ao Brasil em função de doenças com meus pais e outros problemas familiares. Enquanto estive na Itália (1990 a 1995), casei com um Italo Brasileiro e tive um filho que hoje tem 19 anos. Retornando fiz novo concurso e ingressei novamente como professora do Curso Técnico de Mecânica em fevereiro de 1996 e estou ali até hoje. Também ministrei aulas nos Cursos Superiores de Tecnologia de Sistemas de Telecomunicações, Automação Industrial e Mecânica. Fui coordenadora do Curso Técnico de Mecânica, Diretora da Unidade Sede do CEFET-RS, Vice-diretora Geral do CEFET-RS, Diretora da Unidade Descentralizada de Sapucaia do Sul, Pró-reitora de Desenvolvimento Institucional do IFSul e ainda substituí o Diretor-geral do Campus Pelotas – Visconde da Graça durante o mês de março de 2013. Hoje estou atuando como professora do curso de mecânica e cursando meu doutorado na área de educação.

Pelotas, _24 de abril de 2013.

E-3 [Anexo 3]

Dados de Identificação:

Nome: _____ Data de Nascimento: _16_/_08_/_1963_
 Formação Escolar: Superior Completo Profissão: Enfermeira

Informações:

1. Curso Técnico Profissionalizante de Mecânica:

1.1. Ano de Ingresso: 1979 (1º semestre) Idade (quando ingressaste): 16 anos
 1.2. Ano da Formatura: 1984 (1º semestre) Idade (quando te formaste): 20 anos

2. Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Inicialmente, não pensava em fazer o Curso de Mecânica, durante uma visita aos pavilhões dos cursos foi que me apaixonei, lembro que fomos convidados a assistir a uma aula de fundição, onde os alunos mostraram as caixas com os moldes das peças que seriam utilizadas. Nunca foi então que decidi pela Mecânica.

3. Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Muitos amigos foram contra e acharam absurdo eu escolher a Mecânica. A minha irmã foi a pessoa que mais me marcou, pois como ela já estava concluindo o Curso de Telecomunicações, ela se achava muito superior e mais inteligente, tanto que ela comentou que eu, realmente tinha mesmo era que viver com a mão na graxa. Lembro que aquilo me magoou, mas não desisti da minha escolha. Outras pessoas também achavam impossível eu estudar Mecânica, muitas vezes por causa do meu tipo físico, afinal eu era mulher, jovem e muito magra, portanto frágil e fraca para um trabalho considerado pesado, já que as pessoas e, inclusive eu, não tínhamos noção exata do que seria ser Técnico Mecânico.

4. Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Devo confessar que na minha turma eu sempre fui muito mimada, principalmente pelos colegas, nos primeiros semestre, quando havia outras meninas, nem tanto, mas no final quando era só eu e eles, éramos doze (12) no final, eles me tratavam igualmente, competiam para realizar trabalhos em dupla e me respeitavam, pois sempre gostei de estudar e mostrava que era competente e metódica, mas tinha um gênio meio ruim, sempre adorei desafios. Eu me sentia no meu próprio ambiente.

Os professores nunca fizeram diferença no tratamento, as exigências eram as mesmas, talvez parecesse que havia proteção porque, sempre fazíamos tudo com mais cuidado, principalmente nas aulas de tornearia, fresagem e retificação.

5. Exercício da profissão

5.1. Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exercestes ou exerces).

Não consegui exercer a profissão de Técnica Mecânica.

5.2. Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Durante a procura por emprego sempre recebi como resposta que era muito jovem e que os profissionais sendo mais antigos e homens não aceitariam receber ordens de alguém tão jovem e, ainda por cima, mulher, pois a minha qualificação seria de mando e não de peão. Não havia vagas/oferta de trabalho em Pelotas naquela época e, as poucas que surgiram, a resposta sempre foi a mesma, muito jovem, mulher e aspecto frágil.

As perspectivas que restavam era tentar entrar na Petrobrás, o que era difícil, pois as vagas/concurso eram muito concorridas e, geralmente eram para eletromecânica e não mecânica.

Procurei trabalho na área de mecânica por mais de um ano e não consegui, como precisava trabalhar acabei aceitando o primeiro emprego que surgiu, numa clínica de fisioterapia, onde permaneci por 3 anos e meio, após em um hospital, o que me levou para a área da saúde, onde fiz o curso superior na minha atual profissão, Enfermagem, mas mesmo hoje, ainda guardo boas lembranças do Curso de

Mecânica, pois mesmo na saúde a mecânica me serve muito, no trabalho em equipe, na observação do processo de trabalho, na organização de ambientes, na participação da construção das plantas físicas nos projetos de ampliação e reforma das Unidades de Saúde, na distribuição dos fluxos de atendimento, no planejamento das ações e, até mesmo no fracionamento das medicações e soluções. Acredito que se eu tivesse tido oportunidade, ainda estaria na área da Mecânica, é algo que ainda me fascina.

Pelotas, ____ de _____ de 2013.

E-4 [Anexo 4]**Dados de Identificação:**

Nome:

Data de Nascimento: 03/_/02/_70

Formação Escolar: Doutorado

Profissão: Professora

Informações:

1. Curso Técnico Profissionalizante de Mecânica:

1.1. Ano de Ingresso: 1986

Idade (quando ingressaste): 16 anos

1.2. Ano da Formatura: 1990

Idade (quando te formaste): 20 anos

2. Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Identificação com o curso, por gostar das atividades práticas propostas, do espaço físico, dos equipamentos. Por imaginar que se tratava de um curso que iria se visualizar na prática o que seria proposto como atividades/conteúdos.

3. Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

As pessoas estranhavam a escolha. Principalmente porque imaginavam tratar-se de um curso automotivo e não industrial.

4. Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Normal, embora tenha terminado como única aluna da turma.

Porém ficou marcado uma atividade prática em que tive o melhor desempenho que os demais colegas meninos e não tive a melhor nota.

5. Exercício da profissão

5.1. Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exercestes ou exerces).

Foi boa e não foi difícil a inserção, embora a certeza de que sempre tinha que provar fazer mais e melhor do que os meninos, principalmente em termos de organização, capricho (desenho técnico).

5.2. Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Boas expectativas. Foi o curso de mecânica que me oportunizou o ingresso no mercado de trabalho e minha permanência até então. Comecei como técnica mecânica e atuei por 5 anos, o que me possibilitou fazer uma faculdade e posteriormente ingressar como professora na área.

Porto Alegre, 06 de maio de 2013.

E-5 [Anexo 5]**Dados de Identificação:**

Nome: _____ Data de Nascimento: 07/12/1972
Formação Escolar: Superior em Tecnologia em Gestão de RH Profissão: Professora

Informações:

1. Curso Técnico Profissionalizante de Mecânica:

1.1. Ano de Ingresso: 1990 Idade (quando ingressaste): 17 anos
1.2. Ano da Formatura: 1993 Idade (quando te formaste): 21 anos

2. Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Não gostei da disciplina de Eletricidade que tínhamos no A1 (primeiro ano), além disso conhecia pessoas que estavam cursando e me identifiquei bastante com Mecânica.

3. Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Nenhum, não fui sequer questionada quanto a minha escolha.

4. Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Nunca percebi nenhum tratamento diferente, os professores exigiam de nós o mesmo que dos colegas do sexo masculino, bem como entre colegas nos entendíamos muito bem, como iguais.

5. Exercício da profissão

5.1. Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exerceste ou exerces). Trabalhei durante 8 anos em uma empresa do ramo metalúrgico, primeiramente na área de trabalho e depois atuando como analista de qualidade, fui acolhida por esta empresa tão logo me formei, mas percebi que não havia mulheres trabalhando na manutenção, que era meu objetivo inicial. As mulheres geralmente trabalhavam em outras áreas de apoio à produção, como na qualidade, treinamento, engenharia (produto e processo) e tarefas mais burocráticas.

5.2. Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Então, é mais ou menos o que relatei antes, eu queria trabalhar na manutenção, meter a mão na graxa, porém terminei me desviando para a área da qualidade.

Pelotas, 19 de maio de 2013.

E-6 [Anexo 6]**Dados de Identificação:**

Nome:

Data de Nascimento: 23/09/1976

Formação Escolar: Ensino Médio

Profissão: Assistente Financeiro

Informações:

1. Curso Técnico Profissionalizante de Mecânica:

1.1. Ano de Ingresso: 1993

Idade (quando ingressaste): 16

1.2. Ano da Formatura: 1995

Idade (quando te formaste): 18

2. Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica: Não consegui encontrar outro que me interessasse. Além disso meu pai já trabalhava na área e eu tinha mais 3 primos que faziam o curso...me sentia à vontade naquele ambiente.

3. Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso: Apenas da minha mãe que gostaria que eu tivesse optado por Telecomunicações, mais feminino da opinião dela.

4. Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores: Nunca percebi nenhuma diferença no tratamento. Claro que sempre existia uma afinidade maior entre os guris e os professores (eram todos homens) e uma tendência das gurias se tornarem mais próximas umas das outras, mas só isso.

5. Exercício da profissão

5.1. Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exerceste ou exerces): Participei de algumas entrevistas e, apesar de nunca ter sido chamada, duas coisas foram bem marcantes: na época tinham preferência por alunos do sexo masculino e o alto conceito que tinham pela instituição

5.2. Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social: Eu realmente acreditava que não existia preconceito, mas na última entrevista pela qual passei, todos os outros foram chamados e eu não. Depois de muita insistência, a pessoa que fez a seleção me explicou que o motivo foi o fato de eu já ter um filho, o que poderia atrapalhar meu trabalho. Não omiti essa informação porque achei que seria desonestidade, mas fiquei muito decepcionada e foi depois disso que desisti de seguir adiante. Claro que depois minha vida acabou tomando novos rumos, mas nunca mais pensei em retomar uma procura por vaga na área. Mesmo assim, tudo que vivi e aprendi lá em algum momento foram úteis na minha vida, por isso acredito que foram anos que não foram desperdiçados.

São Paulo 24, de Abril de 2013.

E-7 [Anexo 7]**Dados de Identificação:**

Nome: _____ Data de Nascimento: _17_/_08_/_78_
Formação Escolar: Mestrado em Enfermagem Profissão: Enfermeira

Informações:

1. Curso Técnico Profissionalizante de Mecânica:

1.1. Ano de Ingresso: 1993 Idade (quando ingressaste): 14

1.2. Ano da Formatura: 1996 Idade (quando te formaste): 18

2. Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica. Na época foi mais por influência de colegas que fariam o curso, na verdade ingressei na ETFPel para concluir o segundo grau, e não necessariamente interessada em um curso técnico.

3. Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Não sofri nenhum preconceito da família ou amigos, apenas algumas pessoas demonstravam surpresa ao saber que cursava mecânica.

4. Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Apesar de ter me arrependido hoje em dia, achando que se tivesse feito química estaria melhor preparada para o vestibular, na época do curso, foi a melhor escola que já estudei, colegas, professores e servidores sempre me trataram com respeito. Foi um período maravilhoso, em todos os sentidos.

5. Exercício da profissão

5.1. Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exercestes ou exerces).

Na verdade não cheguei a trabalhar na área, apenas fiz o estágio obrigatório no pólo petroquímico, onde fui muito bem recebida.

5.2. Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Não tive muitas expectativas porque não pretendia seguir a profissão, mas a maioria das minhas colegas de turmas, ainda estão trabalhando na área, e acho que em nível médio de satisfação.

Pelotas, ___ de _____ de 2013.

E-8 [Anexo 8]**Dados de Identificação:**

Nome: Data 25/04/2013 Nascimento 07/11/1988
Formação Escolar: TECNICO MECÂNICO Profissão: SOLDADORA

Informações:

1. Curso Técnico Profissionalizante de Mecânica:

1.1. Ano de Ingresso: 2009 Idade (quando ingressaste): 21ANOS

1.2. Ano da Formatura: 2012 Idade (quando te formaste): 23ANOS

2. Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

INTERESSE NO ASSUNTO DESDE A INFÂNCIA/ADOLESCÊNCIA E BOAS OPORTUNIDADES DE TRABALHO, ALÉM DA REMUNERAÇÃO RAZOÁVEL DA ÁREA.

3. Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

MEU PAI ACHOU QUE EU NÃO CONSEGUIRIA ME FORMAR DEVIDO AO ALTO ÍNDICE DE DESISTÊNCIAS E REPROVAÇÕES DO CURSSO, ALÉM DE EU TER UM FILHO DE DOIS ANOS, NA ÉPOCA, E UMA CONDIÇÃO FINANCEIRA VULNERÁVEL.

4. Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

SEMPRE HOUE UM TRATAMENTO IGUALITÁRIO, MUITO ÉTICO E UM GRANDE INCENTIVO POR PARTE DA EQUIPE DOSCENTE E DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL.

5. Exercício da profissão

5.1. Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exercestes ou exerces).

SOU A ÚNICA MULHER NA FABRICA ONDE TRABALHO, MAS ISSO NÃO ME IMPEDIU DE MOSTRAR MEU TRABALHO E MINHA CAPACIDADE FUI BEM RECEBIDA E RECEBO TRATAMENTO IDÊNTICO AOS DEMAIS FUNCIONÁRIOS.

5.2. Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

PRETENDO TROCAR DE EMPREGO, VISANDO UMA MELHOR REMUNERAÇÃO JÁ QUE A EMPRESA QUE TRABALHO É DE PEQUENO PORTE E NÃO OFERECE CONDIÇÕES DE CRESCIMENTO.

Pelotas, 25 de ABRIL de 2013.

I-1 [Anexo 9]**Dados de Identificação:**

Nome: _____ Data de Nascimento: 24/03/1995
Formação Escolar: Ensino médio completo – Ensino técnico em andamento. Profissão: Estudante

Informações:

1. Curso Técnico Profissionalizante de Mecânica:

1.1. Ano de Ingresso: 2011/2 Idade (quando ingressaste): 16
1.2. Ano da Formatura: 2013/2 Idade (quando te formaste): 18

2. Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

- Grande área de serviço;
- Facilidade com matérias exatas;
- Lidar com projetos e desenvolver peças e máquinas;
- desenvolver desenhos;
- Provar para o sexo masculino que as mulheres conseguem desempenhar muito bem qualquer tipo de função.

3. Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

- Logo no início meu pai ficou um tanto quanto chateado com a minha escolha, pois achou assim como muitas pessoas, que não era um curso apropriado para mulheres, e meu irmão mais velho, acha um serviço muito grosseiro e que muitas vezes não compete as mulheres realizarem, e sobre a sociedade, posso observar claramente que ainda consideram um curso direcionado para o sexo masculino. Essa diferença é principalmente notada quando converso com alguns “paqueras”, pois quando contava que estudava só no ensino médio, parece que não havia tanta resistência, e agora percebo que talvez até o tratamento é diferente.

4. Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

- O tratamento dos professores e demais servidores para comigo “Aluna”, não posso me queixar, sempre tive um relacionamento muito bom com todos eles, e nunca notei grandes diferenças de tratamento, em relação aos “alunos”.
- Sobre os colegas, sinto que eles me tratam com um pouco de igualdade, pois no conjunto ao todo, sou uma mulher entre 18 homens, e muitas vezes sinto que a minha presença feminina, não afeta em nada, conversas, deboches e piadinhas, o que muitas vezes se torna desnecessário para mim escutar. Não sei se sou só eu, mas as vezes me sinto menos mulher, menos feminina é a palavra certa, mas tento me manter sempre em evidencia através da vaidade, unhas bem pintadas, brincos, pulseiras e anéis, tento as vezes até chamar um pouco de atenção, o que não funciona.

5. Exercício da profissão

5.1. Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exerceste ou exerces).

- Não estou trabalhando ainda.

5.2. Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

- Não estou trabalhando ainda.

Pelotas, 16 de Maio de 2013.

I-2 [Anexo 10]**Dados de Identificação:**

Nome: _____ Data de Nascimento: 10__/_08__/_1994_
Formação Escolar: Ens. Sup. incompleto Profissão: Estudante

Informações:

1. Curso Técnico Profissionalizante de Mecânica:

1.1. Ano de Ingresso: 2012 Idade (quando ingressaste): 17
1.2. Ano da Formatura: será em 2014 Idade (quando te formaste):

2. Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Gosto de caminhão, minha família (os homens, são caminhoneiros), então, desde pequena vivi naquele meio de motor, graxa etc... e eu para poder trabalhar nesse meio também, achei a Mecânica para ficar mais próxima. E depois de conhecer melhor o curso, gostei mais ainda, tem outras áreas de trabalho para seguir que são bem interessantes.

3. Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Problemas não, mas as pessoas ficaram surpresas quando resolvi fazer Mecânica, algumas vezes fiquei triste, pois falavam que o curso era de homens, que mulher não suportaria viver naquele meio. Outras eram ignorantes, não sabiam nem em que área eu trabalharia algum dia e me perguntavam: vai trabalhar em oficina? Toda engraxada, mãos encardidas, isso me deixava um irritada, as pessoas não entendem que é Mecânica Industrial, e nem todo mecânico é sujo e relaxado.

4. Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

No início os colegas perguntavam o que tinha me levado a fazer Mecânica, já que a porcentagem de mulheres é muito pouca. Os professores me tratam normal, hoje na minha turma sou única mulher da turma e todos me tratam bem, sem exclusões.

5. Exercício da profissão

5.1. Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exercestes ou exerces).

5.2. Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social. Pretendo adquirir experiência, me especializar em uma área e crescer na empresa.

Pelotas, 25 de Abril de 2013.

I-3 [Anexo 11]**Dados de Identificação:**

Nome: _____ Data de Nascimento: 26/10/1982
Formação Escolar: Técnico incompleto Profissão: Esteticista

Informações:

1. Curso Técnico Profissionalizante de Mecânica:

1.1. Ano de Ingresso: 2012 Idade (quando ingressaste): 29anos
1.2. Ano da Formatura: 2014 Idade (quando te formaste): 32anos

2. Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

A procura no mercado de trabalho de profissionais dessa área e também pelo desafio por ser um curso só voltado para o publico masculino.

3. Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Algumas brincadeiras do tipo você é uma mulher muito estranha mas esse tipo de coisa me motiva mais ainda penso em ate fazer Engenharia Mecânica depois.

4. Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

O tratamento em sala de aula não tenho do que me queixar e por incrível que pareça a única professora que tem é mais rígida do que os professores e os servidores me tratam super bem.

5. Exercício da profissão

5.1. Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exercestes ou exerces).

Não exerci ainda mas pretendo pelo menos fazer o estagio e como falei é um mercado que esta em expansão

5.2. Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Espero encontrar um estagio em uma empresa boa e ser respeitada dentro desse ambiente

Pelotas, 15 de Maio de 2013.

I-4 [Anexo 12]**Dados de Identificação:**

Nome: _____ Data de Nascimento: 20/01/1995
 Formação Escolar: Ensino médio completo Profissão: Estudante

Informações:

1. Curso Técnico Profissionalizante de Mecânica:

1.1. Ano de Ingresso: 2012 Idade (quando ingressaste): 18
 1.2. Ano da Formatura: 2015* Idade (quando te formaste): 20*

2. Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica.

Bom, na realidade eu sou aluna também do curso Técnico em Eletromecânica, entrei lá a um ano mais ou menos, e resolvi tentar o curso, por me identificar mais com a parte da mecânica industrial. Não foi um "tiro no escuro" eu sabia bem o curso para o qual estava entrando.

3. Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso.

Não, pelo contrário, minha família sempre me apoiou em minhas escolhas. As vezes tem umas piadinhas por parte de parentes não tão chegados, mas eu não ligo muito.

4. Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores.

Bom, é meio estranho entrar em sala de aula e ver que és a única mulher da sala, pois as outras duas colegas acabaram desistindo, mas fui muito bem recebida tanto pela instituição quanto pelos colegas, o tratamento é igual, os professores não me tratam com diferença por ser mulher, e nos colegas encontrei não só companheiros de aula, mas grandes amigos!

5. Exercício da profissão

5.1. Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exercestes ou exerces).

Ainda não trabalho na área, não por não querer, é por falta de horários, pois continuo fazendo a Eletromecânica na parte da tarde, e por estar começando agora no curso, normalmente os estágios são para 3º e 4º módulo.

5.2. Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social.

Tenho muita expectativa, acho que escolhi o curso certo, estamos com um grande pólo naval ao nosso lado, praticamente, e por eu fazer dois cursos voltados para área industrial e mais o Inglês, acho que tenho grandes chances de fazer uma carreira consistente e bem ampla.

É estranho ouvir falar de uma menina que faz dois cursos semelhantes por escolha, talvez mais estranho ainda quando se ouve "sou a única mulher da minha sala" (e provavelmente serei também no meu trabalho), mas acho que as mulheres já abriram tantas portas e enfrentaram tantos preconceitos que hoje em dia nem soa tão estranho assim. Saber lidar com o preconceito e machismo de alguns vem com o tempo, sei que provavelmente passarei por isso no meu trabalho, mas não tenho receio dessas barreiras... O ramo industrial é muito amplo, e nos dá uma grande visão de futuro, e é baseado nessas visões de futuro que tenho me mantido firme e forte em meu objetivo!

Pelotas, 15 de maio de 2013.

I-5 [Anexo 13]**Dados de Identificação:**

Nome: _____ Data de Nascimento: _17___/03___/_89___
 Formação Escolar: ensino médio completo Profissão: _____

Informações:

1. Curso Técnico Profissionalizante de Mecânica:

1.1. Ano de Ingresso: 2013 Idade (quando ingressaste): 24
 1.2. Ano da Formatura: 2015 (sem reprovação) Idade (quando te formaste): cursando

2. Motivos que te levaram a fazer o Curso de Mecânica. Sempre houve o interesse por mecânica, desde criança. Por ter um irmão mecânico de moto, acabei criando gosto pelo cotidiano de um mecânico. O ingresso no curso era uma idéia formada desde o início do ensino médio.

3. Problemas (resistência por parte de familiares e da sociedade) ao resolver fazer este Curso. Não houve resistência por parte da família, até pelo meu histórico do meu envolvimento com a mecânica. Quando criança já consertava até minha bicicleta, se optasse outra área de atuação, ai sim seria um espanto.

4. Tratamento em sala de aula e na Instituição durante o curso, por parte de colegas, professores e demais servidores. Em geral sou bem tratada e respeitada, pelos professores, como qualquer um dos meus colegas. No início, meus colegas ainda eram "acuados" em relação a minha permanência no curso, mas com passar com tempo fui conquistando meu espaço como aluna e profissional

5. Exercício da profissão

5.1. Comenta a receptividade do mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social (se exercestes ou exerces). Não exerço a profissão ainda.

5.2. Relata tuas expectativas em relação ao mercado de trabalho na área, da empresa, do meio social. Mesmo não exercendo a profissão ainda, acredito que a receptividade será boa, as empresas estão prezando pela contratação de mulheres pelas qualidades específicas naturais. Mulheres tem mais delicadeza em trabalhos de execução precisa, se concentram mais no que estão fazendo, são mais organizadas no ambiente de trabalho.

Pelotas, 15___ de _abril_____ de 2014.